



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, NATUREZA E DINÂMICA  
DO ESPAÇO – PPGeo**

**MÁRLON MARCOS PEREIRA DE SOUSA**

**FESTA RELIGIOSA DO CÍRIO DE NAZARÉ: DIFUSÃO DA FÉ E  
GEOSIMBOLISMOS NA CIDADE DE SÃO LUÍS (MA).**

**SÃO LUÍS – MA  
2017**

**MÁRLON MARCOS PEREIRA DE SOUSA**

**FESTA RELIGIOSA DO CÍRIO DE NAZARÉ: DIFUSÃO DA FÉ E  
GEOSSIMBOLISMOS NA CIDADE DE SÃO LUÍS (MA).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço – PPGEO, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientador:

Prof. Dr. Claudio Eduardo de Castro

Coorientadora:

Prof. Dra. Regina Célia de Castro Pereira

SÃO LUÍS – MA

2017

Sousa, Márlon Marcos Pereira de.

Festa religiosa do Círio de Nazaré: difusão da fé e geossimbolismos na cidade de São Luís. / Márlon Marcos Pereira de Sousa. – São Luís, 2017.

186 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Eduardo de Castro.

MÁRLON MARCOS PEREIRA DE SOUSA

FESTA RELIGIOSA DO CÍRIO DE NAZARÉ: DIFUSÃO DA FÉ E  
GEOSIMBOLISMOS NA CIDADE DE SÃO LUÍS (MA).

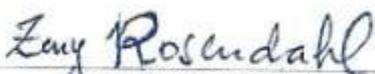
Aprovada em: 21/08/17

BANCA EXAMINADORA



---

CLAUDIO EDUARDO DE CASTRO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO- UEMA  
ORIENTADOR



---

ZENY ROSENDAHL  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO – UERJ  
EXAMINADORA EXTERNA



---

ANA ROSA MARQUES  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO- UEMA  
EXAMINADORA INTERNA

*Aos meus pais Terezinha Pereira e Marcos Mendes,  
e a Henrique Tavares, pelo condicional apoio e  
carinho.*

## AGRADECIMENTOS

---

Esse trabalho representa um grande desafio acadêmico de superação pessoal, acreditando que esse estudo contribuiu, produzindo material para pesquisas futuras, e será fonte de inspiração para os estudos do viés Cultural da Geografia, que ainda é muito incipiente dentro do Estado do Maranhão. Todavia, ele nos coloca diante de pessoas pelas quais, sem elas não seria possível o alcance dos objetivos, e que contribuíram muito para construção dessa dissertação, direta ou indiretamente.

Em primeiro lugar agradeço à Deus e à Nossa Senhora de Nazaré, pela proteção em diversos momentos dessa caminhada, pelo dom da vida e pelo alcance de mais uma conquista, pois me possibilitaram enfrentar esta etapa com muita serenidade e tranquilidade, sem fraquejar.

Agradeço aos meus pais, Marcos Mendes e Terezinha Sousa, em especial a minha mãe que por diversas vezes me acolheu em seus braços, enxugou minhas lágrimas e me encorajou a não desistir. Pelas broncas e conselhos somados para que um dia esse sonho se realizasse, a eles todo amor, carinho e gratidão.

A meu grande amigo e companheiro, Henrique Tavares, pela parceria, pelo carinho, pela paciência e principalmente pelo apoio e compreensão durante esses anos, e por ser um grande incentivador em todas as etapas desse trabalho.

Sou profundamente grato ao Professor Doutor Claudio Eduardo de Castro, meu orientador, que aceitou orientar essa pesquisa científica, e que mesmo em meio as suas limitações o fez com seriedade e ternura, dando-me autonomia e liberdade para elaborar o trabalho. A Professora Doutora Regina Célia de Castro Pereira, minha Coorientadora, que desde o começo se disponibilizou e participou diretamente desta pesquisa com relevantes observações e críticas construtivas, desempenhando um importante papel na construção deste trabalho.

Ao Professor Doutor José Fernando Rodrigues Bezerra, pela dedicação intensa como coordenador e professor do Mestrado em Geografia da UEMA, a secretária Nana Alves por toda atenção, carinho, e disposição para como todos os alunos e a todos os outros professores do programa que direta ou indiretamente fizeram-se presentes ao longo desse processo, além da UEMA que, enquanto instituição pública, possibilitou essa investigação.

Aos meus colegas de turma Ronaldo Sodré, Edilana Wasney, e Karlla Santos e Laécio Dutra que nas conversas informais, trocas de experiências, discussões em aula, também influenciaram na construção desse trabalho, em especial a minha grande amiga e irmã de alma Gisselly Muniz, que tive a felicidade de dividir a conquista da aprovação no mestrado e o mesmo orientador. Obrigado pelo companheirismo, pela parceria, pela disponibilidade, opiniões e por todo carinho a mim dedicados todos esses anos desde o período de graduação.

Ao Professor Dr. Igor Bergamo, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, por ter aceitado orientar o meu TCC na graduação, com quem tive meu primeiro contato com a Geografia Cultural, pela amizade construída, pelos conselhos, pela paciência, pelo auxílio no projeto de pesquisa submetido na seleção do mestrado, além de toda disponibilidade em todas as vezes que precisei. Serei eternamente grato.

Aos professores Anelino Francisco da Silva e Eugênia Maria Dantas, do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, por me aceitarem como aluno especial em suas disciplinas na Cidade de Natal, e pelas grandes contribuições ainda no projeto, através dos materiais e discussões em sala de aula. Ao professor Anelino pelo acompanhamento na realização do meu estágio em docência, e pelos momentos de orientações e conversas fora de sala de aula. Ao amigo Hiram Bayer, doutorando em Geografia da UFRN, pelo intermédio no contato com os professores, e pela recepção em Natal.

Também agradeço as queridas amigas Andreza Louzeiro, Thiara Rabelo e Nayara Marques pela amizade conquistada nesse período, pela recepção e acolhimento na Cidade de Natal, e por serem as melhores companheiras de moradia, além dos conselhos, abraços, e incentivos ao longo desses meses. A Thiara um agradecimento especial pela paciência e colaboração na confecção dos mapas do trabalho.

Ao professor Doutor Jefferson Rodrigues de Oliveira da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, que se tornou um amigo muito querido, pela contribuição com sugestões muito valiosas na finalização do trabalho, e pela troca de conhecimentos através de nossas conversas.

Gostaria de prestar uma homenagem através de um agradecimento muito especial ao senhor Ivaldino Espósito, um dos principais personagens da história contada neste trabalho, um homem generoso, íntegro, atencioso e de um coração enorme. Agradeço pelo acolhimento em sua casa, pelos papos descontraídos e pela confiança na entrega de suas

recordações, que foram primordiais para subsidiar essa pesquisa. A ele dedico esse trabalho como um presente.

A todos os moradores do bairro e membros da Paróquia, que colaboraram com a pesquisa, em especial a Felipe Pereira pela concessão de imagens e informações, a Bruna Shirokubo pela atenção, carinho, disponibilidade e acompanhamento em reuniões, a Mary Martins pelas informações e auxílio em campo, e a Líbia Fonseca pelo material disponibilizado sobre o Círio de Nazaré em São Luís.

A todos os entrevistados que foram muito atenciosos, em especial ao Sr. Régio Lima, a também colega de turma Kadja Lima, e a Allan Vieira pelas diversas conversas e detalhamento de informações através de suas experiências.

Ao Padre Flavio Collins, Pároco da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Bairro do Cohatrac, pela cooperação com as informações e entrevistas concedidas.

A todos aqueles que, de alguma forma, concorreram para a concretização desta pesquisa, Muito Obrigado!

## RESUMO

---

O elo entre espaço e religião fornece material rico à reflexão na Geografia (CORREA, 2002). Desse modo, ao analisarmos a Festa do Círio de Nazaré, podemos observar as possíveis transformações no espaço urbano no Bairro do Cohatrac, na Cidade de São Luís, sabendo que este, como objeto de estudo da geografia cultural, pode ser construído sempre pelo indivíduo, com inúmeras finalidades. Celebrada há mais de dois séculos na Cidade de Belém no Estado do Pará, e a mais de duas décadas na Cidade de São Luís (MA), o Círio representa uma importante festividade religiosa, de raiz portuguesa, que consiste numa celebração católica que reverencia a figura de Maria de Nazaré, considerada a mãe de Jesus Cristo, e em São Luís, vive um momento de grande visibilidade adquirido ao longo dos últimos anos. Mediante o exposto, este trabalho tem como objetivo compreender, baseado em uma abordagem cultural da Geografia, a importância cultural-religiosa da Festa do Círio de Nazaré para a Cidade de São Luís, além de analisar a dimensão espacial dos itinerários simbólicos. O método utilizado foi a Observação Participante, através do contato direto, frequente e prolongado do investigador com os atores sociais, sendo assim o próprio investigador o instrumento de pesquisa, compreendendo a utilização de técnicas de pesquisa essencialmente qualitativas. Assim efetuou-se uma detalhada pesquisa, levantamento e seleção bibliográfica, trabalho de campo, entrevistas abertas e produção de um diário de campo descrevendo todas as percepções dos momentos. Por fim, com base nas observações realizadas, podemos afirmar que no período festivo, o Bairro do Cohatrac se transforma, a dinâmica urbana ganha uma nova orientação, com intenso fluxo de devotos e visitantes, que se estende durante todo o festejo e adquire força nos itinerários simbólicos, quando se (re) organiza o espaço e se altera o cotidiano urbano, (re) criando formas e (re) funcionalizando-as para atender os fiéis.

Palavras-chave: Festa Maranhense. Espaço Sagrado. Círio de Nazaré. Geografia Cultural.

## ABSTRACT

---

The link between space and religion provides rich material for reflection in Geography (CORREA, 2002). Thus, in analyzing the Feast of the Círio de Nazaré, we can observe the possible transformations in the urban space in the Cohatrac neighborhood, in the city of São Luís, knowing that this, as object of study of cultural geography, can always be constructed by the individual, with countless purposes. Celebrated more than two centuries ago in the city of Belém in the state of Pará, and for more than two decades in the city of São Luís (MA), the Círio represents an important religious festival, of Portuguese root, consisting of a Catholic celebration that reveres the Figure of Mary of Nazareth, considered the mother of Jesus Christ, and in São Luis, lives a moment of great visibility acquired over the last years. The purpose of this paper is to understand, based on a cultural approach to Geography, the cultural-religious importance of the Feast of the Círio de Nazaré for the City of São Luís, besides analyzing the spatial dimension of the symbolic itineraries. The method used was Participant Observation, through the direct, frequent and prolonged contact of the researcher with the social actors, being thus the researcher himself the research instrument, including the use of essentially qualitative research techniques. Thus a detailed research, survey and bibliographic selection, fieldwork, open interviews and production of a field diary describing all the perceptions of the moments were carried out. Finally, based on the observations made, we can affirm that in the festive period, the Cohatrac neighborhood is transformed, the urban dynamics gain a new orientation, with an intense flow of devotees and visitors, that extends throughout the celebration and acquires strength in the Symbolic itineraries, when (re) organizing space and changing urban everyday life, (re) creating forms and (re) functionalizing them to meet the faithful.

Keywords: Maranhense Party. Sacred Space. Círio de Nazaré. Cultural Geography.

## LISTA DE FIGURAS

---

**Figura 1:** Mapa de localização do bairro do Cohatrac.

**Figura 2:** Antecedentes, gêneses e evolução da Geografia da Religião.

**Figura 3:** Gráfico da distribuição relativa da população por grupos religiosos no Brasil, 2000 e 2010 (%).

**Figura 4:** Distribuição da população católica no mundo.

**Figura 5:** Manto Sagrado confeccionado de fibra em homenagem ao bumba-meu-boi maranhense.

**Figura 6:** Catedral da Sé em Belém (PA) – Início da Procissão

**Figura 7:** Basílica na Praça Santuário de Nazaré em Belém (PA).

**Figura 8:** Fiéis pagando promessa de joelho na Basílica em Belém (PA).

**Figura 9:** Mapa dos estados de ocorrência do Círio no Brasil.

**Figura 10:** Mapa de localização da Ilha do Maranhão.

**Figura 11:** Mapa do Bairro do Cohatrac e Bairros Adjacentes.

**Figura 12:** Sr. Régio Lima.

**Figura 13:** Esquema do espaço sagrado e profano.

**Figura 14:** Frei Liberato Giudici.

**Figura 15:** Parte de trás da capela.

**Figura 16:** Frei Gentil Gianellini.

**Figura 17:** Sr. Ivaldino Fonseca Espósito.

**Figura 18:** Feijoada Comunitária.

**Figura 19:** I Seresta Comunitária.

**Figura 20:** Frei Benjamim Zanardini.

**Figura 21:** Padre José Bráulio Sousa Ayres.

**Figura 22:** Igreja da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré.

**Figura 23:** Projeto Arquitetônico em 3D da reforma de ampliação da igreja de Nossa Senhora de Nazaré.

**Figura 24:** Igreja de Nossa Senhora do Carmo – Centro de São Luís.

**Figura 25:** Programa de Visita da Imagem de N. Senhora de Nazaré em São Luís (Anexo B).

**Figura 26:** Procissão de Nossa Senhora de Nazaré em São Luís.

**Figura 27:** Cartaz de divulgação da visita da Imagem no ano de 1992.

- Figura 28:** Fiéis acompanhando a Imagem.
- Figura 29:** Devotas segurando em ato de promessa.
- Figura 30:** Dom Paulo Ponte celebrando missa campal no bairro do Cohatrac.
- Figura 31:** Edivaldo Holanda Junior, atual prefeito de São Luís e a comissão do Círio.
- Figura 32:** Organização das Equipes de trabalho do Círio de Nazaré em São Luís.
- Figura 33:** Organização da Comissão Geral do Círio.
- Figura 34:** Flyers de divulgação das inscrições para o Círio das Crianças.
- Figura 35:** Mantos sagrados temáticos.
- Figura 36:** Convite do baile das rosas.
- Figura 37:** Momento de bênção das imagens Marianas na celebração de envio.
- Figura 38:** Celebração em Rua do Bairro do Cohatrac.
- Figura 39:** Carreata de divulgação do Círio de Nazaré e Flyer de divulgação do evento.
- Figura 40:** Celebração de abertura do Círio de Nazaré.
- Figura 41:** Saída da Romaria na Igreja Nossa Senhora do Carmo no Centro.
- Figura 42:** Itinerário simbólico da Romaria do Círio.
- Figura 43:** Celebração da romaria das comunidades na Praça do Cohatrac.
- Figura 44:** Celebração do Círio das Crianças na Praça Nossa Senhora de Nazaré.
- Figura 45:** Procissão da Luz (Transladação).
- Figura 46:** Passagem da Santa na Grande Procissão.
- Figura 47:** Barraca de lanches no Círio Cultural.
- Figura 48:** Caminhada de Nazaré;
- Figura 49:** Passeio ciclístico e flyer de divulgação.
- Figura 50:** Portão de entrada do Círio solidário.
- Figura 51:** Serviços oferecidos pelo Círio Solidário – Ano 2016.
- Figura 52:** Mapa de localização dos bairros Itapiracó, Novo Cohatrac e Trizidela.
- Figura 53:** Palestra sobre Meio Ambiente para crianças da comunidade.
- Figura 54:** Trabalho realizado por crianças na EXPONAZARÉ.
- Figura 55:** Tempo da festa/Tempo comum
- Figura 56:** Saída da Imagem da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Início da Grande Procissão).
- Figura 57:** Carro de som no início da Procissão.
- Figura 58:** Ornamentação da cabeceira da Rua U do Cohatrac I.
- Figura 59:** Distribuição de água pela Equipe de Apoio.
- Figura 60:** Fiel com vela gigante na Grande Procissão.

- Figura 61:** A criança Maria Vitória vestida em homenagem a Nossa Senhora.
- Figura 62:** Corda que circunda a berlinda na Grande Procissão.
- Figura 63:** Mapa de Itinerários simbólicos – Trasladação e Grande Procissão.
- Figura 64:** Celebração de encerramento da Grande Procissão da rotatória do Cohatrac.
- Figura 65:** Arranjo espacial do Bairro do Cohatrac.
- Figura 66:** Espaço sagrado e profano no bairro do Cohatrac – São Luís (MA).
- Figura 67:** Dimensões de análise espacial.
- Figura 68:** Barraca de tiros.
- Figura 69:** Barraca do Círio de Nazaré no largo.
- Figura 70:** Mesas de vendas no espaço do largo.
- Figura 71:** Sorveteria localizada ao lado do largo.
- Figura 72:** Mapa de abrangência estadual do Círio de Nazaré.
- Figura 73:** Institucionalidade católica na cidade São Luís.
- Figura 74:** Difusão espacial das áreas de devoção do Círio a partir do Bairro do Cohatrac.
- Figura 75:** Peregrinação na Secretaria de Estado de Segurança Pública.
- Figura 76:** Visita no Centro de ensino Barjonas Lobão.

## LISTA DE QUADROS

---

**Quadro 1:** Pessoas entrevistadas

**Quadro 2:** Vertentes e evolução da Geografia Cultural.

**Quadro 3:** Equipes de trabalhos montadas para a chegada da Imagem em São Luís e suas atribuições.

**Quadro 4:** Temas e lemas do Círio de Nazaré.

**Quadro 5:** Comunidades Subordinada a Paróquia Nossa Senhora de Nazaré.

**Quadro 6:** Programação Círio Cultural 2016.

**Quadro 7:** Equipes do Círio de Nazaré e suas respectivas cores

## LISTA DE ANEXOS

---

**Anexo 1:** Roteiro de Peregrinações de Nossa Senhora de Nazaré para divulgação do Círio 200.

**Anexo 2:** Reportagem no Jornal sobre a campanha de tijolos.

**Anexo 3:** Itinerários da Imagem Cidade de São Luís - Anexo B (Parte I e II).

**Anexo 4:** Mapa de itinerário da Imagem na Cidade de São Luís – Anexo C.

**Anexo 5:** O círio Maranhense por Frei Benjamim Zanardini.

**Anexo 6:** Permissão da prefeitura para realização do Círio na Cidade de São Luís.

**Anexo 7:** Permissão da prefeitura para interdição de ruas no Bairro do Cohatrac.

**Anexo 8:** Permissão da prefeitura para interdição de ruas fora do Bairro do Cohatrac.

**Anexo 9:** Permissão da prefeitura para interdição de praças e organização do trânsito em São Luís.

**Anexo 10:** Roteiro da (única) procissão realizada antes da oficialização do Círio.

**Anexo 11:** Roteiro do percurso realizado na 3ª Corrida Rústica no bairro do Cohatrac.

# SUMÁRIO

---

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1. A ABORDAGEM GEOGRÁFICA DA CULTURA E DA RELIGIÃO</b> .....	27
1.1 A cultura na ciência geográfica. ....	28
1.2 A Religião sob o olhar da Geografia .....	34
1.3 A Igreja Católica e o Catolicismo Popular .....	40
1.3.1 Devoção a Santos e Imagens .....	45
1.3.2 Festas e Peregrinações: Procissões e Romarias. ....	49
<b>2. FESTA DO CÍRIO DE NAZARÉ: APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO ATRAVÉS DE UMA MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA-CULTURAL</b> .....	54
2.1 História de Devoção: A influência do Estado Paraense .....	56
2.2 Do Pará ao Maranhão: Difusão da fé .....	62
2.2.1 A Cidade de São Luís e o Bairro do Cohatrac .....	64
2.3 O sagrado e o Urbano. ....	69
2.4 O espaço Sagrado e Profano na Festa do Círio de Nazaré .....	75
2.5 A Festa do Círio e os Geossímbolos do espaço sagrado .....	78
<b>3. ESPAÇO SAGRADO: VIVÊNCIAS ESPACIAIS E PRÁTICAS RELIGIOSAS NA FESTA DO CÍRIO DE NAZARÉ EM SÃO LUÍS – MA</b> .....	92
3.1 História do Círio de Nazaré no Bairro do Cohatrac em São Luís – MA .....	94
3.2 A organização do Círio e os agentes envolvidos .....	99
3.3 As etapas do Círio .....	109
3.4 Organização espacial da Festa do Círio .....	128
3.5 Difusão e abrangência da Festa do Círio .....	148
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	156
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	159
<b>APÊNDICES</b> .....	171
<b>ANEXOS</b> .....	173

## INTRODUÇÃO

---

Muitas perspectivas de análise têm sido propostas para compreender as intensas transformações do espaço geográfico, bem como para orientar o trabalho de educação geográfica escolar, necessária à formação para a cidadania. Dentre elas, uma perspectiva de cunho crítico que, a partir da década de 90, adquiriu significativa relevância, devido sua consonância com o movimento pós-moderno, é a abordagem cultural (ZANATTA, 2008).

A busca por compreender melhor como se dão as diferentes formas de uso, a apropriação e significação do “homem” com relação ao espaço, assim como os possíveis problemas que se inserem nessa relação, se faz necessário uma análise da percepção socioespacial da população do Bairro do Cohatrac na Cidade de São Luís, localizada no Estado do Maranhão, área de estudo dessa pesquisa, a fim de compreender como a temática se insere no cotidiano.

No seio desse espaço socializado, cada indivíduo desenvolve estratégias para efetivar as suas atividades produtivas ou de lazer, na qual a Geografia tem forte capacidade de análise. Segundo Claval (1999, p. 250) “[...] o indivíduo é uma construção realizada pela sociedade graças à cultura, mas simetricamente a sociedade se constrói também graças a cultura”. Sobre cultura, Corrêa (2011, p. 28) afirma que:

[...] em outras palavras, o conceito de cultura oferece um meio para classificar os seres humanos em grupos definidos, de acordo com características comuns verificáveis, e também para classificar áreas de acordo com as características dos grupos humanos que as ocupam.

Para Corrêa (2002) O espaço no qual se revela as manifestações de cultura religiosa está envolto em um simbolismo em que há uma separação entre o profano e o sagrado. O mesmo refere-se às crenças em algo divino e puro acima de qualquer questionamento, representando uma forma de cultura. Ainda segundo Corrêa “[...] espaço, cultura e religião estão reunidas em novos planos de percepção teórica que introduzem uma possibilidade de pensar o sagrado e o profano na ciência” (Ibdem, p. 137).

Segundo Souza (2009) a religião faz parte das discussões geográficas como expressão institucional do ponto de vista espiritual, reflexo das escolhas culturais de vida dos seres humanos e, principalmente, pela tentativa dos geógrafos de entender e explicar as razões

que levam o indivíduo a perceber e significar certas porções do espaço geográfico como sagradas. O espaço geográfico é dinâmico, complexo e plural, e ao mesmo tempo é também, em sua essência, o espaço de vivência humana, ou seja, o espaço social tal como propõem alguns autores nessa perspectiva.

Os fenômenos religiosos se manifestam num momento histórico e não há fato religioso fora do tempo. Em diferentes contextos socioespaciais o fato religioso imprime marcas no espaço sagrado. São formas simbólicas, como por exemplo, as imagens, portadoras de significados religiosos. O sagrado é perceptível na organização do espaço, não somente pelas expressões simbólicas, desencadeados pelos devotos no lugar, mas, também, pela forma essencialmente integrada entre religião e tempo (ROSENDAHL, 2009).

Nessa perspectiva, as festas religiosas são compreendidas e investigadas na dimensão de sua (re) organização espacial e cultural. Além disso, considerou-se ainda o significado identitário criado com a festa, pelas pessoas que participam e vivenciam esse momento, daí a seleção dos elementos culturais idealizados na vida cotidiana.

Objetivamente, levando em consideração esse aporte teórico, a pesquisa que se segue, está intencionada no ensejo de trabalhar com abordagens que subsidiem a análise das ocorrências espaciais de duas práticas sociais: Cultura e Religião. Em virtude disso, pretende-se contribuir para o conhecimento geográfico abrangente, trazendo uma maior compreensão, através de realidades similares, a esse estudado.

Pantoja (2006), ao realizar um estudo geográfico minucioso referente ao Círio de Nazaré, embasado sobre categorias como, fé, espaço, e economia, constituiu um importante avanço para os estudos da Geografia da religião, e principalmente para geografia cultural, servindo como uma das motivações para o desenvolvimento desse trabalho. Na intenção de que os estudos nessa área prosperem cada vez mais no campo da geografia, conduziu-se a investigação para efervescência da devoção e os simbolismos, tomando como estudo o Bairro do Cohatrac, localizado na Cidade de São Luís, no Estado do Maranhão, abordando-a a partir do viés cultural-religioso, levando em consideração a organização em sua origem na Cidade de Belém, no Estado do Pará.

As festas podem ser estudadas pela Geografia buscando revelar as diferentes escalas espaciais com as quais se relacionam os eventos festivos, geralmente compreendidos a partir de sua territorialização. Pode-se estudá-las, também, como um fenômeno universal ou local, como expressão de uma dada sociedade, levando-se em consideração as particularidades. Estas são, entretanto, apenas algumas perspectivas de estudos, já que há uma multiplicidade de sentidos em cada evento, podendo ser estudados pela Sociologia,

Antropologia, História, dentre tantas outras ciências, cada qual com suas diferentes contribuições (FERREIRA, 2003).

A história da devoção à Virgem Maria é bastante antiga, ela se encontra no tempo e no espaço, mesmo não tendo documentos legais de como se originou, pois acredita-se que “Senhora de Nazaré” pode ser a primeira denominação dada à virgem e através dos séculos, multiplicaram-se as pinturas, esculturas, imagens e manuscritos exaltando a mãe de Jesus Cristo. O culto à Virgem de Nazaré em terras portuguesas teve início no ano de 1179 quando chegou a Portugal a primeira imagem da Virgem, que acredita ter sido esculpida por São José na Palestina, no início do primeiro século, onde em virtude das perseguições muçulmanas em terras espanholas, Dom Rodrigo propõe ao monge Ciríaco fugir para Portugal, e sendo um cristão fervoroso, decide levar com ele a imagem da Virgem de Nazaré (FONSECA, 2013).

A promoção dessa manifestação é agenciada a partir de bases identitárias diversificadas, gerando circuitos e fluxos que convergem para um ritual complexo e difuso, tensionando o papel dos atores sociais e religiosos locais, que buscam se apropriar desse bem religioso e devocional, promovendo eventos que complementam a dinâmica da festa. Tais apropriações evidenciam agenciamentos e conflitos que extrapolam a esfera religiosa propriamente dita, mas gravitam em torno da centralidade ritual da Festa do Círio de Nazaré, formando assim, um campo de negociações em torno desses eventos, firmando um imperativo social de desempenho que orienta os projetos dos atores, e esses agenciamentos da religiosidade (LOPES, 2011).

Como essas manifestações populares se referem em geral a história e aos mitos (celebrações e datas cívicas, colonização, ou ainda fenômenos religiosos, como aparecimento de santos, milagres e etc.), é praticamente impossível falar nelas sem recorrer a estes temas. Especialmente no Brasil, formado por uma riquíssima diversidade cultural, o tema festa inevitavelmente nos remete à sua gênese, no período colonial, como festa de caráter singular a exemplos das Festas de Nossa Senhora da Achiropita em São Paulo, da Oktoberfest em Blumenau, do Senhor do Bonfim na Bahia, do Divino Espírito Santo no Maranhão, do Círio de Nazaré em Belém, e muitas outras, compostas por contribuições negras, indígenas, e europeias, que somaram ao modelo de festa (religiosa) que colonizadores portugueses implantaram como modo de estabelecer a mediação entre Coroa e novos. (AMARAL, 1998)

Considerando às nuances do espaço social, e da base religiosa fortemente católica no estado do Maranhão, observamos que com o passar dos anos, houve um exponencial crescimento da Festa do Círio de Nazaré no Bairro do Cohatrac. Surgiram então, inquietudes quanto às transformações decorrentes desse crescimento e seus desdobramentos no bairro.

Além disso, a investigação, dentro do viés geográfico, atrelando a vertente cultural, levando aos motivos que impulsionaram o festejo a se espacializar dentro deste bairro, norteiam esse trabalho.

Neste sentido, o Círio tem sido historicamente objeto de estudos em diferentes enfoques, no contexto de compreensão desse evento como devoção de religiosidade e de identidade local e regional (ALVES, 1980; MAUÉS, 1995). Autores como Amaral (1998), Pantoja (2006), e Lopes (2011), se dedicaram ao estudo do Círio de Nazaré em suas teses de doutoramento, além de Matos (2010), Silva (2011), Conceição (2012), Passos (2013), e Frugoli e Bueno (2014) que também se debruçaram sob o fenômeno.

Partindo desses pressupostos, idealizou-se a pesquisa em três capítulos estruturados, no qual o primeiro consiste em uma revisão bibliográfica no intuito de apresentar como a Geografia tem desenvolvido considerações teóricas a respeito dos ramos da Religião e da cultura, e principalmente para Geografia Cultural. As ações culturais, espaciais e religiosas também aparecem nesse capítulo, além de uma breve discussão sobre a igreja católica, no intuito de completar os conceitos propostos pelo catolicismo popular à parte empírica da pesquisa.

No Segundo capítulo apresentamos a Cidade de São Luís, através de uma breve caracterização geográfica, analisando o contexto da organização do seu espaço urbano junto com as peculiaridades de seus moradores relacionando tudo isso sempre com a religiosidade local. Também se discute a história da devoção a Nossa Senhora de Nazaré em sua origem na cidade de Belém (PA) até sua chegada à Cidade de São Luís, sugerindo o aparecimento de Geossímbolos na cidade.

Por fim, no terceiro capítulo, procura-se compreender a dinâmica espacial imposta pelo Sagrado no Bairro do Cohatrac, aprofundando os conceitos de espaço sagrado e tempo sagrado. Assim, os espaços sagrados em São Luís e seus significados para o homem religioso são analisados com maior detalhamento, situando a pesquisa na dimensão do lugar, com ênfase na abrangência religiosa e trazendo alguns pontos relativos a economia, com base nas dimensões de análise da perspectiva do espaço sagrado e profano. As vivências espaciais e as práticas religiosas são analisadas através do comportamento e das atitudes religiosas e não-religiosas, individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos com as etapas festivas.

Observamos que com o passar dos anos na Cidade de São Luís, houve um exponencial crescimento da Festa do Círio de Nazaré no Bairro do Cohatrac. Surgiram então, inquietudes quanto às transformações decorrentes desse crescimento e seus desdobramentos no bairro, além disso, também norteiam esse trabalho, a investigação, dentro do viés

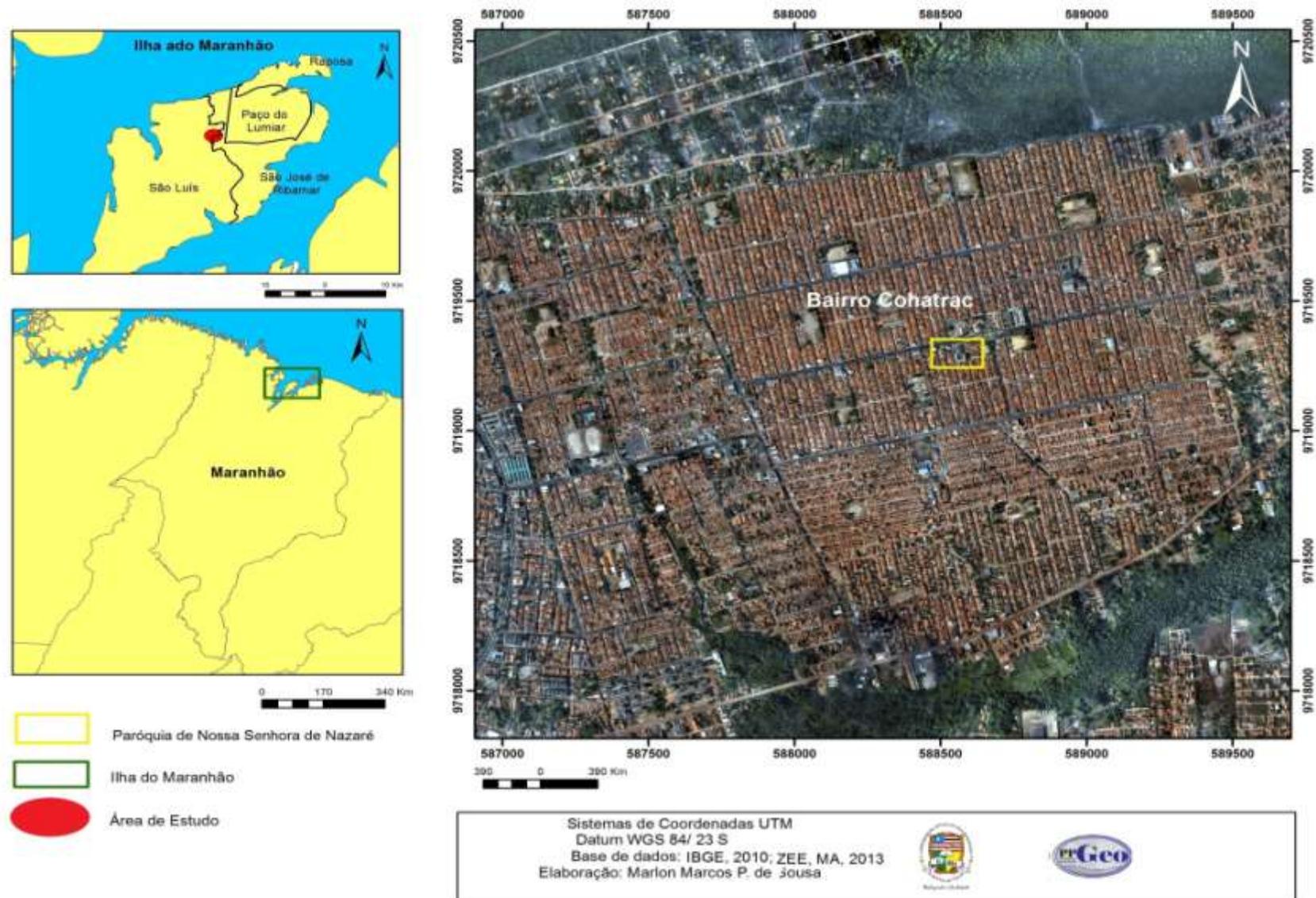
geográfico, atrelando a vertente cultural, objetivando os motivos que levaram o festejo a se espacializar dentro deste bairro.

O Conjunto Habitacional dos Trabalhadores Comerciais - Cohatrac é um bairro residencial, de classe média localizado no leste da Cidade de São Luís (Figura 1). É um dos maiores em tamanho, pois é um conglomerado de vários conjuntos com mesmo nome, Cohatrac I, Cohatrac II, Cohatrac III, Cohatrac IV e Cohatrac V. O Cohatrac I nasceu da Cooperativa Habitacional dos Trabalhadores do Comércio. Na sequência vieram o II, III, IV e V. Depois do Cohatrac I, só o II foi feito a partir do sistema de cooperativa. A partir do III, a construtora assumiu a responsabilidade de construir imóveis e vender. Segundo os moradores, foi quando o conjunto deixou de ser um recanto dos comerciantes e passou a ser um conjunto de comerciantes (SILVA, 2005).

As festividades tomaram um alcance muito superior aos limites do bairro, pois toda a região engaja-se no período do Círio e se rende em homenagens à Virgem de Nazaré e acredita-se que o estudo contribui para a Academia, produzindo material para pesquisas futuras, sendo fonte de inspiração para a área da Geografia Cultural, que é pouco pesquisada dentro do Estado do Maranhão. Trabalhar o espaço urbano e as intervenções externas oriundas de uma festa popular, que atrelada ao sagrado e profano, tomou grandes proporções e referenciou-se em todo estado, é de grande valia para agregarmos valor ao estudo, até mesmo como motivador na inserção de políticas de incentivo à cultura popular local.

Pela relação adotada entre a Paróquia Nossa Senhora de Nazaré no Cohatrac e a Cidade de São Luís demarcou-se como recorte temporal de análise o ano de 2016, quando se tem início uma imersão mais detalhada e direcionada na Festa. No entanto para melhor compreensão acerca da constituição desse evento religioso, as pesquisas se remetem também a anos anteriores, levando em consideração também a experiência vivida nas pesquisas dos anos de graduação.

Figura 1- Mapa de localização do bairro do Cohatrac.



Fonte: IBEGE, 2010; ZEE, 2013. Adaptado por Sousa, 2017.

O interesse pela devoção a Nossa Senhora de Nazaré em São Luís – MA, surgiu ainda durante o curso de graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) na UFMA – Universidade Federal do Maranhão, entre os anos de 2009 e 2015. Ao observar a importância dessa temática e a existência de poucos trabalhos na área da Geografia Cultural no Estado do Maranhão, percebeu-se a necessidade de estudos voltados para o entendimento das relações e transformações espaciais que a cultura proporciona.

Mediante contato prévio com a Geografia cultural, surgiu o desejo de estender os estudos nessa área de conhecimento para o Trabalho de Conclusão de Curso. Surge nesse momento o interesse pela religião e festas populares como forma de construir um diálogo entre a Geografia e a Cultura. O trabalho intitulado “CÍRIO DE NAZARÉ EM SÃO LUÍS: uma análise dos seus desdobramentos na dinâmica socioespacial do Bairro do Cohatrac, São Luís – MA” abordou a manifestação cultural-religiosa do Círio de Nazaré, que além de ser realizada em outras localidades, atrai anualmente um significativo público para a Cidade de São Luís.

Vale ainda ressaltar que os primeiros contatos com o Círio na graduação se deram através da integração na Empresa Junior de Geografia – GEOTEC no período de graduação, e foram essenciais para o aprofundamento das pesquisas, auxiliando no enriquecimento dos debates e na visibilidade da temática, nos revelando para a Geografia Cultural. Na ocasião a importância dos projetos de pesquisa na área foram reconhecidos e alvo de matéria, publicada pela Jornalista Patrícia Santos em janeiro de 2014, no site da UFMA, e entrevista concedida a TV Cultura no mesmo ano. Durante o período de permanência na empresa foram assumidos os cargos de Diretor de Recursos Humanos e a Vice-presidente.

Discriminar-se-á já aqui os fundamentos metodológicos que balizaram esta pesquisa, na intenção de elucidar os caminhos percorridos na busca de revelar-se os objetivos perseguidos. Assim, escolheu-se encontrar as respostas dessa investigação através da Observação Participante, como instrumento de reconhecimento da eficácia metodológica, e por permitir a explicação do imbricado tecido histórico-cultural-religioso. Turra Neto (2004) entende por Metodologia de Observação Participante:

[...] uma metodologia, na qual o pesquisador se coloca no campo como uma antena de rádio, captando de forma sensível os elementos que interessam para sua proposta, interagindo com o grupo, vivendo com ele e influenciando e sendo influenciado. Uma relação humana, na qual a empatia é importante, mas o confronto, quando exigido, também o é, já que se torna o pressuposto para relações baseadas na autenticidade pessoal e não na representação de papéis (TURRA NETO, 2004, p. 42-43).

A OP é realizada em contato direto, frequente e prolongada do investigador, com os atores sociais, sendo assim o próprio investigador o instrumento de pesquisa. Requer a necessidade de minimizar deformações subjetivas para que possa haver a compreensão e interações entre sujeitos em observação. Para essa pesquisa o investigador terá que adquirir treino nas suas habilidades e capacidades para utilizar a técnica (CORREIA, 2009).

Leininger (1995) refere-se à necessidade do pesquisador saber estar com as pessoas em campo e consigo mesmo, despojado de preconceitos e capaz de desenvolver um novo olhar sobre os participantes, sem o prévio rótulo de certo ou errado. O autor considera também que o processo sistemático de observar, detalhar, descrever, documentar e analisar os padrões específicos de uma cultura ou sub-cultura, é essencial para a compreensão dessa mesma cultura.

Turra Neto (2004, p.83) Acredita que a cultura deve ser vista como uma teia de significados, que pode ser analisada por uma ciência interpretativa que buscaria o sentido da significação, pois, cada ato ou gesto transmite informações para aqueles que conhecem seus signos. Desta forma, participar do universo simbólico de um determinado grupo permite que vejamos o sentido dos significados, “a cultura, assim, não seria um poder ao qual se pode atribuir casualmente o ato e o gesto, mas é um contexto dentro do qual eles podem ser lidos e descritos”.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), devemos incluir descrições físicas, descrições de situação, detalhes de conversação e relatos de acontecimentos. Usamos frequentemente a descrição dos diálogos, procurando fazê-la utilizando palavras dos próprios sujeitos participantes do estudo, o que consideramos constituir o percurso necessário para fazer caminho e poder “olhar” num momento seguinte, num modo mais compreensivo a cultura envolvente que não cabe em protocolos de atuação.

Para entender melhor o uso da OP na área da Geografia, recorremos a Turra Neto (2004, p. 94), quando afirma que a Geografia Cultural, ao colocar o homem no centro de sua análise, obriga-se a adotar novas abordagens de cultura. Assim, buscando inspiração na linguística e na teoria da comunicação definiu-se que “a cultura é feita de informações que circulam entre os indivíduos e lhes permitem agir”.

Nesse sentido vivenciar o festejo do Círio de Nazaré, através da observação participante, como abordagem metodológica, ofereceu para pesquisa maior aproximação dos resultados pretendidos e mais viabilidade na identificação do problema, pois esta aliada à técnica de entrevistas qualitativas com os fiéis e líderes da denominação escolhida (SPINK,

1995; DIMITRIUS, 2000), e da análise documental, proporcionou ao pesquisador a busca de experiências significativas (Conversas) que evidenciaram o espaço sagrado.

Para o desenvolvimento do trabalho foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa, levantamento documental e seleção bibliográfica acerca da temática proposta, trabalho de campo, no qual se configurou em visitas a igreja durante todos os 11 dias de festejo do Círio de Nazaré no horário da missa noturna (19h30min) e participação de todas as etapas e eventos do festejo, além da participação também em reuniões de preparação e depois da festa propriamente dita, observando a construção e desconstrução do parte festiva.

Foram realizadas também entrevistas abertas, não estruturadas ou não diretivas – que são conversas que fluem livremente, porém, conforme condução do entrevistador abordam-se temas de interesse<sup>1</sup> (MAY, 2004). No desenrolar do texto, em alguns casos, são tratadas como conversas, por serem mais reveladoras e abrangentes, elas foram realizadas com pessoas dos diversos grupos sociais e seguimentos, que constroem os espaços ao longo dos dias. Foi construída uma perspectiva a partir das observações participantes, de análises discursivas e das entrevistas qualitativas com alguns de seus integrantes. Assim, por meio desta perspectiva, e alicerçados na ideia de espaço sagrado, explorou-se algumas possibilidades de compreensão do que poderia ser o “espaço sagrado do Círio de Nazaré”.

Para realização da pesquisa acerca da religiosidade do Círio de Nazaré foram realizados 16 (dezesseis) registros orais, cujo roteiro de entrevistas podem ser observados no apêndice 1. As pessoas entrevistadas e relacionadas abaixo (Quadro 1) fazem parte diretamente da comunidade do Cohatrac e/ou contribuíram para o processo de oficialização do Círio de Nazaré na Cidade de São Luís. O trabalho de campo foi realizado entre o primeiro semestre de 2015 até o segundo semestre de 2016, envolvendo todas as etapas, e eventos do período festivo do ano de 2016.

---

<sup>1</sup> Para Richardson (1999), a entrevista não-estruturada é chamada de não diretiva, caracterizando-se por ser totalmente aberta, pautada pela flexibilidade e pela busca do significado, na concepção do entrevistado.

Quadro 1: Pessoas entrevistadas.

NOME	CARGO/FUNÇÃO
Allan Roberth Vieira	Membro da pastoral litúrgica e um dos organizadores do primeiro Círio de Nazaré.
Bergma Nascimento	Devota e pagadora de promessa à Nossa Senhora de Nazaré.
Bruna Shirokubo	Voluntária da Equipe de Apoio do Círio de Nazaré no ano de 2016.
Erika Verde	Membro da Pastoral de comunicação Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré.
Felipe Pereira	Voluntário do Círio de Nazaré.
Flavio Collins	Atual Pároco da Comunidade de Nossa Senhora de Nazaré.
Francisco Carlos Rosa	Membro da Pastoral Familiar da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré.
Ivaldino Espósito	1º Coordenador Comunitário e Paroquiano de Nossa Senhora de Nazaré.
José Carlos Sousa	Dono do bar ao lado da Praça Nossa Senhora de Nazaré.
Kadja Lima	Participante da comunidade e da campanha de tijolos para construção da igreja.
Líbia Fonseca	Membro da Comissão Geral do Círio no ano de 2016.
Luciano Silva	Dono da barraca de tiros.
Maria do Carmo Santos	Dona de mesa de artigos religiosos
Mary Martins	Membro do grupo dos Vicentinos da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré.
Raimundo Costa	Vendedor ambulante de bebidas
Régio Lima	Membro da ordem franciscana da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré e um dos primeiros moradores do Bairro do Cohatrac.

Posteriormente foram gravadas em mídia digital, e transcritas para texto em Word, analisadas e avaliadas segundo grau de relevância. Além disso, foi produzido um diário de campo descrevendo todas as observações pertinentes aos objetivos da pesquisa, organização dos dados e informações coletados em campo e produção de mapas de localização, distribuição espacial para reflexão dos espaços sagrados e profanos construídos, abrangência da festa com base em dados coletados nas entrevistas, além da aquisição de materiais cartográficos disponibilizados pelo IBGE (2015); IMESC (2015), uso de imagens do satélite *Landsat 5* disponibilizadas pelo INPE (2015), e utilização do software de geoprocessamento ArcGis 10.2.

Souza (2009) argumenta que os atores e agentes envolvidos escutados, mesmo diante das limitações estruturais da pesquisa, são analisados através de seus imaginários intersubjetivos, frutos de suas experiências culturais e expressos por suas percepções. A realidade geográfica que lhes tocam é analisada através da vocação analítica que as considera como criação social, pois segundo Nogueira (2004, p. 217) “é na relação intersubjetiva que o lugar vai sendo construído”.

A pesquisa realizada nos anos de 2015 e 2016 para construção da dissertação de mestrado possibilitou através desses procedimentos, o contato com os bastidores da organização da Festa. No Círio de 2016, já com a proposta definida e objetivos construídos, a pesquisa foi direcionada para a vivência através da observação participante em todas as etapas, desde reuniões das comissões até suas execuções.

Mediante essas inúmeras visitas de campo aos vários eventos que compõem o período festivo, também houve uma aproximação de um trabalho propriamente dito, no sentido de substituir o anseio por anotações de informações, pelo esforço em tentar compreender e analisar os dados observados e já coletados. Houve também a necessidade de checar impressões particulares sobre o que acontecia nos eventos com pessoas que realmente as vivenciam.

As conversas (entrevistas abertas) com moradores dos lugares onde a festa ocorre, foram fundamentais à atualização de informações. Este procedimento se mostrou eficiente, porém o trabalho não pode prescindir do maior número possível de informações. Todas as falas foram autorizadas, e foi possível acompanhar não só as respostas para as perguntas realizadas, mas também conversas paralelas a respeito do tema. Desta maneira foi possível contrapor dados secundários já coletados com as informações relatadas por essas pessoas.

Alguns dados, números e estatísticas que dimensionam a festa, foram possíveis de ser encontrados em jornais locais, revistas, vídeos e reportagens de programas de TV, que constituíram material de pesquisa e suprimam parte da necessidade de atualização. Alguns dados e recortes de jornais foram possíveis através dos contatos feitos nas conversas, e através do acervo pessoal do Sr. Ivaldino Fonseca Espósito<sup>2</sup>. Foi recolhido, portanto, extenso material, citados e anexados, que serviram para subsidiar o alcance dos resultados.

---

<sup>2</sup> O Sr. Ivaldino Espósito foi o primeiro Coordenador Comunitário e Paroquial da igreja de Nossa Senhora de Nazaré no Bairro do Cohatrac, participando efetivamente do processo de constituição da Paróquia e o principal responsável pelo recebimento da Imagem na Cidade de São Luís. Desse modo, seu acervo contém importantes documentos e fotos de período de início do Círio.

Acredita-se que essa proposta metodológica veio a colaborar com o desenvolvimento científico, abrindo novas possibilidades e diminuindo a separação entre sujeito-objeto, herança de uma ciência cartesiana e pragmática. Dessa forma essa relação dicotômica é alterada, a pesquisa é escrita a várias mãos, o “objeto sujeito” colabora diretamente no trabalho, e o pesquisador não sente a obrigação de produzir a verdade dos fatos, pois conhece suas limitações e subjetividade.

## CAPÍTULO 1

---

# A ABORDAGEM GEOGRÁFICA DA CULTURA E DA RELIGIÃO

*Se o homem não duvidar e acreditar que aquilo que diz se realizará, isto realizar-se-à. É por isso que vos digo: Tudo o que pedirdes rezando ser-vos-à concedido. (São Marcos, XI, 22-24)*

Com base nas leituras realizadas para construção desse trabalho, foi possível perceber que nas últimas décadas ocorreu um grande aumento no interesse e na visibilidade dos estudos geográficos dentro do viés cultural, sobretudo relacionados à dimensão da religião. Segundo Rosa (2007) a religião influencia, com grande intensidade, o comportamento humano e possui um significado relevante para as diversas sociedades humanas, tendo, assim, importância fundamental sobre as atividades humanas, sobre suas ações e, portanto, sobre a construção dos lugares e sua organização espacial.

Na visão de Santos (2004) é a partir da nova geografia cultural que se dá o alargamento da atenção acadêmica sobre a geografia da religião e o reconhecimento do seu lugar no quadro da análise geográfica. Consequentemente, neste início de século XXI, parece que a disciplina se caracteriza pela abertura de “novos caminhos” para a investigação geográfica, que não se reduz a uma simples observação, descrição da distribuição das crenças religiosas ou à análise das marcas impressas na paisagem de uma cultura material religiosa, mas também às marcas espaciais das religiões que se encontram nas atitudes e nos comportamentos humanos.

Geografia e religião são, em primeiro lugar, duas práticas sociais. O homem sempre fez geografia, mesmo que não o soubesse ou que não reconhecesse formalmente uma disciplina denominada geografia. A religião, por outro lado, sempre foi parte integrante da vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida. Ambas, geografia e religião se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente (ROSENDAHL, 1996).

### 1.1 A cultura na ciência geográfica

A Geografia Cultural vem desenvolvendo-se em diversas linhas de pensamento, por autores que se dedicaram a essa temática, como por exemplo, a geógrafa Zeny Rosendahl, que encaminhou suas pesquisas por uma ótica cultural, e ganharam bastante força e estímulo em suas intenções de análise e geraram novas possibilidades metodológicas. Tal fato leva a um processo de renovação da Geografia Cultural, que conforme Souza (2010) veio a ser chamado de “Nova Geografia Cultural”, marcando seu acontecimento na segunda metade da década de 1970.

A geografia cultural tem suas origens na Europa do final do século XIX e início do século XX juntamente com a sistematização da geografia como ciência acadêmica no debate sobre sua identidade, ou seja, sobre o que era inerente a ela como ciência. A esse período de suas origens relaciona-se também, o debate entre o positivismo e

o historicismo que influenciou de forma significativa em sua sistematização. (OLIVEIRA, 2010, p.02)

Conforme Teixeira (2009, p. 30) o interesse pelo aspecto cultural na geografia começou a vir à tona a partir da diversidade que a ação do homem produzia na superfície da Terra que diferenciava os espaços em função do caráter cultural, ou seja, a partir dos artefatos, das técnicas e do modo de vida. Nesse sentido, o autor afirma ainda que “[...] o espaço está para geografia, assim como a cultura está para a antropologia”, o que não significa que os geógrafos não tenham competência para abordar a cultura em suas pesquisas.

Para Zanatta (2008) a relação entre espaço e cultura é uma tradição da ciência geográfica, haja visto que esses sempre estiveram voltados para a descrição da diversidade da superfície terrestre. No entanto, foi somente no final do século XIX que as relações sociedade, cultura e natureza tornaram-se objeto central de atenção de geógrafos europeus, tais como Friedrich Ratzel (1844-1904), Paul Vidal de La Blache (1845-1918), Otto Schuter (1872-1952), entre outros.

A autora (ZANATTA, 2008) sustenta ter sido Ratzel um dos primeiros geógrafos a considerar o aspecto cultural em seus trabalhos, como em seu livro Antropogeografia que fundou as bases que têm sustentado até hoje a geografia humana, e que se interessa, em sentido mais restrito, na relação do homem com seu meio. Ela complementa que Ratzel se tornou o apóstolo do ambientalismo, o que fez com que muitos dos seus estudos culturais posteriores fossem negligenciados e tais estudos se direcionassem para “[...] à mobilidade populacional, às condições de assentamento humano e à difusão da cultura através das vias principais de comunicação”. (SAUER, 2003, p. 20).

A cultura possui destaque na obra de Ratzel, no entanto ela era analisada da seguinte forma:

Friedrich Ratzel, em seu livro Antropogeografia, de 1880, apresenta o conceito de paisagem de forma diversa, porque inclui primordialmente a cultura na paisagem, embora proponha uma concepção limitada da cultura (influência darwinista) ao confundida com os artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço (CLAVAL, 2001, p. 22).

Nesse sentido não é difícil definir cultura, é um exercício polissêmico, vinculado às especificações de cada Ciência que a estuda, dadas as diversidades de contextos e dos territórios. Rocha e Almeida (2005) argumentam ser o conceito de Cultura desenvolvido pela Antropologia Cultural o mais utilizado pela Geografia, pois esta reconhece que os seres humanos vivem num mundo que foi construído por eles mesmos e nele encontram

significado, além de ser constituída pelo mundo cotidiano vivido por todos nós e onde todos nós movimentamos, relacionando-nos entre nós e com o entorno.

Corrêa e Rosendhal (2007) advogam que a Geografia Cultural nasce a partir das observações dos diferentes gêneros de vida e paisagens, quase que exclusivamente levando-se em consideração as comunidades rurais, ou seja, o modo de vida urbano não interessava. A paisagem ficava compreendida como o resultado do trabalho do homem, produto de sua cultura.

Na Geografia, a cultura também tem servido aos estudos vinculados à paisagem e esses estudos da dimensão cultural da paisagem estenderam-se aos Estados Unidos com mais ênfase a partir de 1925, na qual Carl Sauer foi um grande contribuidor, fundando a escola norte-americana de Geografia Cultural. Para ele (SAUER, 1998), a análise das paisagens culturais era o principal objetivo dos estudos geográficos de modo que morfologia física deveria ser vista como um meio, transformado pelo agente que é a cultura.

Ao discutir as características fundamentais da Geografia Cultural<sup>3</sup> Saueriana, torna-se relevante compreender o objetivo e o método dessa corrente, a partir das palavras de seu principal teórico:

A geografia cultural implica, portanto, num programa integrado ao objetivo geral da Geografia: isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas. Continua sendo em grande parte, observação direta de campo baseada na técnica de análise morfológica desenvolvida principalmente na geografia física. Seu método é evolutivo, especificamente histórico até onde a documentação permite e, por conseguinte, trata de determinar as sucessões de cultura que ocorreram numa área. [...] os problemas principais da geografia cultural consistirão no descobrimento do conteúdo e significado dos agregados geográficos que reconhecemos de forma imprecisa como áreas culturais, em estabelecer as etapas normais de seu desenvolvimento, em investigar as fases de apogeu e decadência, e, desta forma, alcançar um conhecimento mais preciso da relação entre cultura e os recursos postos à sua disposição. (SAUER, 2000, p. 109-110).

Conforme Claval (2006), no decorrer da década de 1940, os geógrafos valorizaram quatro temas associados ao estudo das relações entre sociedade e natureza, quais sejam: a análise das técnicas, os instrumentos de trabalho, a paisagem cultural e os gêneros de vida. Ressalta-se ainda que o interesse da Geografia Cultural atinha-se, principalmente, às marcas que a cultura imprimia na paisagem ou à noção de gênero de vida, pois ainda que sob diferentes formas, ambas as abordagens acentuavam a cultura material (artefatos, técnicas, utensílios, *habitat* e instrumentos de trabalho), não acompanhando a evolução dos estudos

---

<sup>3</sup> O termo Geografia Cultural é lançado pela primeira vez em 1880 na obra chamada *Culturgeographie der Vereinigten Staaten von Nord – Amerika unter besonderer Berücksichtigung der wirtschaftlichen Verhältnisse* (CLAVAL, 1999).

antropológicos que já davam destaque à cultura mental, aos aspectos psicológicos das sociedades.

No final da década de 1970, na América do Norte e na Europa, surgiu um movimento chamado de “Nova Geografia Cultural” ou renovação da abordagem cultural, o qual segundo Claval (2001, p. 14), foi marcado pela corrente humanista, onde se interrogou pelo sentido dos lugares, de região como espaço vivido ou a territorialidade. Estas abordagens não encontram eco imediato em um Brasil que copia a nova geografia anglo-saxônica ou que reagem contra ela através da geografia de cunho radical, sendo somente no meio dos anos 90, que os geógrafos começaram a falar da Virada Cultural, que vai se desenhando, graças a orientações originalmente advindas da nova geografia: essa se debruça agora sobre a percepção do espaço e os vieses que ela introduz na disciplina, sobre os mapas mentais e as representações.

A transformação na forma de analisar os fatos culturais a partir da década de 70 ocorre devido à constatação de que a organização social dos grupos humanos, sua vida, seu dia-a-dia, não são reflexos puramente materiais, mas expressam também sua dimensão psicológica, suas crenças, suas atividades mentais, enfim, a forma como percebem o mundo de sua vivência e de sua experiência. (ROCHA; ALMEIDA, 2005)

Esta renovação que se faz em um contexto denominado de “virada cultural” onde houve uma grande valorização da cultura, e sobre esse fato, Corrêa (1999, p. 51) destaca:

O ressurgimento da geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo (CORRÊA, 1999, p.51).

Em suma, para Corrêa (2003, p. 13), nesta perspectiva renovada da geografia cultural, em que a cultura é liberada da visão supra orgânica, ela, a cultura, “[...] passa a ser vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada.”.

É nesse momento então que, a partir desta década, um novo interesse da Geografia Cultural se desenvolveu. Claval (2011) afirma que a nova geografia cultural francesa nunca foi uma cópia de nova geografia cultural americana ou inglesa. Podem-se distinguir duas fases no desenvolvimento do novo interesse pelos fatos culturais na geografia francesa: “uma fase de descoberta de novos domínios para a pesquisa geográfica e uma fase na qual a abordagem cultural é adotada para a reconstrução de toda a geografia humana” (CLAVAL, 2011, p. 157-158).

A teoria da cultura, enquanto entidade supra-orgânica, foi esboçada pelos antropólogos Alfred Kroeber e Robert Lowie durante os primeiros 25 anos do século XX, sendo, posteriormente, elaborada por Leslie White, sendo a cultura vista como uma entidade acima do homem, não redutível às ações dos indivíduos e misteriosamente respondendo a leis próprias, além disso, foi essa visão de cultura que passou a dominar a geografia cultural. Essa perspectiva foi adotada especificamente por Carl Sauer ao se associar a Kroeber e Lowie em Berkeley nas décadas de 1920 e 1930, sendo posteriormente transmitida para seus alunos (DUNCAN, 1980).

Uma possível definição para essa “nova” geografia cultural seria: contemporânea e histórica (mas sempre contextualizada e apoiada na teoria); social e espacial (mas não reduzida a aspectos da paisagem definidos de forma restrita); urbana e rural; atenta a natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e às formas de resistência. Para essa “nova” Geografia, a cultura não é uma categoria residual, mas o meio pelo qual a mudança social é experienciada, contestada e constituída, de modo que para desenvolver essa questão de forma mais detalhada, será necessário retornar às raízes americanas da geografia cultural contemporânea (COSGROVE; JACKSON, 1987).

Será possível observar no quadro a baixo as vertentes e a evolução que ocorreram na Geografia Cultural, permitindo perceber-se que na primeira vertente os elementos materiais da cultura eram tidos como principal objeto de análise pra os geógrafos, deixando de lado os estudos referentes às experiências subjetivas (Quadro 2).

A curiosidade pela abordagem cultural se generalizou durante os anos 80 em consequência da crítica do modernismo ocidental e do movimento pós-moderno, no qual o modernismo estava baseado sobre filosofias da história. O pós-modernismo aprecia como um retorno à curiosidade pelo espaço humano e sua diversidade cultural, e depois da fase de exploração, um pouco anárquica dos anos 70, um trabalho de estruturação do novo domínio ocorreu nos anos 80 e 90 (CLAVAL, 2011).

Em contrapartida confrontando essas ideias sobre a vertente cultural na geografia, Rocha e Almeida (2005) afirmam não existir uma Geografia Cultural, e sim uma visão geográfica de mundo sob o enfoque da cultura, como poderia ser sob o enfoque da economia, dos aspectos físicos, dos aspectos climáticos, e assim sucessivamente. Admitir a ciência geográfica subdivida em compartimentos a partir de sua adjetivação, seria o mesmo que aceitar que existem tantas Nossas Senhoras quanto seus cognomes (de Fátima, de Lourdes, da Conceição, do Bom Parto, etc.), ou tanto Jesus quanto seus apelidos (Menino Jesus de Praga, de Nazaré, Senhor do Bonfim, entre outros).

Quadro 2: Vertentes e evolução da Geografia Cultural

GEOGRAFIA CULTURAL	FLORESCER	PRINCIPAIS POSTULANTES	CARACTERÍSTICAS
<b>1 – GEOGRAFIA TRADICIONAL</b>	Final do século XIX até os anos de 1950.	F. Ratzel; V. La Blache; C. Sauer	Os Geógrafos adotavam uma perspectiva positivista ou naturalista, não estudando a dimensão psicológica ou mental da cultura. O interesse voltava-se para aspectos materiais da cultura, as técnicas, as paisagens e o gênero de vida. As representações e as experiências subjetivas dos lugares foram completa e voluntariamente esquecidas.
<b>2 – GEOGRAFIA RENOVADA</b>	Anos de 1960 e 1970.	<b>Mundo:</b> D. Cosgrove; J. Duncan; R. Williams; Yi-Fu Tuan; A. Frémont; J. Bonnemaision; A. Berque; P. Claval; <b>Brasil:</b> R. L. Corrêa; Z. Rosendahl;	A evolução da Geografia Cultural aconteceu numa tentativa de utilizar os resultados da “Nova Geografia” para uma sistematização metodológica.
<b>3 – NOVA GEOGRAFIA CULTURAL</b>	Após os anos de 1970	<b>Mundo:</b> Buttimer; Seamon; Relph; P. Claval. <b>Brasil:</b> R. L. Corrêa; Z. Rosendahl;	Ocorreu uma mudança significativa, considerando que a Geografia Cultural deixa de ser tratada como um subdomínio da Geografia Humana. A nova abordagem cultural geográfica passa a integrar as representações mentais e as reações subjetivas na relação dos homens com o meio ambiente.

Fonte: Construído a partir de CLAVAL, 2002; SOUSA, M.M.P, 2017.

Oliveira e Silva (2010) colocam a Geografia Cultural como de pouco prestígio no Brasil, se comparada a outros ramos da ciência geográfica, porém, não se pode desconsiderar o peso que ela (Geografia Cultural) tem, quando vozes em contrário, como Paul Claval (1999, 2001, 2011, 2012); Zeny Rosendahl (1997, 2002, 2008, 2012); Roberto Corrêa (1999, 2002, 2007, 2011) e entre outros, são ouvidas. Todos eles assegurando que a heterogeneidade do país, bem como os seus inúmeros processos históricos, envolvendo sociedade e natureza, a torna um excelente campo para estudos nesta área.

Ainda abordando a virada cultural da disciplina, no Brasil e em outros países ocidentais, Claval (2006) comenta que ela veio se afirmar no início dos anos 1990, e alguns autores como Roberto Lobato Corrêa (2003), adotaram essa abordagem, divulgando-a e estruturando-a. Zeny Rosendahl criou em 1994, no Rio de Janeiro, um laboratório de “Espaço e Cultura”, onde passou a ser chamado de Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Cultura - NEPEC<sup>4</sup>. No final dos anos 1990, o sucesso das novas orientações é evidente,

<sup>4</sup> <http://nepec-uerj.blogspot.com.br/>

quando organiza seus seminários nacionais, o núcleo recebe grande número de propostas de comunicação, a tal ponto, que passa a fazer seus eventos científicos apenas por convite direto aos expositores.

Outro Grupo brasileiro que realiza trabalhos relevantes acerca da Geografia Cultural é o NEER<sup>5</sup> (Núcleo de Estudos em Espaço e Representações), que foi criado no início da década de 2000, na Universidade Federal do Paraná, e já promoveu dois Colóquios Nacionais. O objetivo principal do Núcleo nesses eventos é dar visibilidade aos estudos de Geografia Cultural e Social, focando nas questões relacionadas aos estudos sobre o espaço e suas representações, entendendo-as como uma mediação ampla que permitem associar o social e o cultural.

## 1.2 A Religião sob o olhar da Geografia

De acordo com Schiavo (2004, p.67 – 68), religião é uma palavra que surgiu do termo em latim *re-ligar*, que significa o ato de juntar, de unir, e afirma que , “a religião, de um lado, une a terra ao céu e do outro, ela se caracteriza como uma estrutura simbólica que busca dar um sentido unitário e global (o ato de juntar) à existência humana”. Para ele a religião resulta de três elementos básicos, sendo constituída por um corpo doutrinal sólido, um conjunto de ritos e um grupo sacerdotal responsável pela tradição, interpretação, e pelo correto funcionamento da estrutura.

A religião não é apenas um fenômeno individual, mas também um fenômeno social que para as igrejas Católicas, os templos evangélicos, os núcleos espíritas e os terreiros afro-brasileiros, são exemplos de preceitos que exigem não só uma fé individual, mas também adesão a um grupo social. As práticas religiosas, de modo geral, trazem (se não resposta) conforto a maioria de nós seres humanos. A partir do final do século XX, percebe-se uma preocupação cada vez mais crescente das pessoas com a espiritualidade, tendo em vista o crescimento de alguns segmentos religiosos, como também o surgimento constante de novas religiões. (TEIXEIRA, 2009)

Souza (2009) elucida muito bem a relação geografia-religião, onde num primeiro momento, pode até parecer que tenham pouca ligação, porém, fazendo uso de uma ótica mais apurada percebemos que essas duas práticas socioculturais estabelecem entre si ligações através do tempo e do espaço. Se identificarmos o período e o contexto em que a religião

---

<sup>5</sup> <http://www.neer.com.br/home/>

esteve distante das discussões geográficas, reconhecemos a importância do processo de renovação e difusão da geografia cultural e da sistematização da disciplina geografia da religião para uma maior atenção dos geógrafos diante das especialidades (re) criadas em nome da religião.

Ainda sobre a história da religião no pensamento geográfico, Santos (2002, p. 33) argumenta:

Na história do pensamento geográfico, o tema da religião foi relativamente marginalizado. Por um lado, a Geografia Tradicional, sob a forte influência do positivismo geográfico, foi responsável, em parte, pelo desinteresse dos geógrafos, salvo raras exceções, em relação ao fenômeno religioso. Por outro lado, a Geografia Marxista negligenciou a dimensão geográfica das religiões no espaço social.

O percurso traçado pela Geografia da Religião por vezes se confunde com o próprio caminho epistemológico da ciência Geografia, pois na maioria das vezes os estudos geográficos, sobre a(s) religião (ões), se balizavam pelas tendências do momento, e apesar da temática religião ser relegada algumas vezes como objeto secundário, ela sempre esteve presente nas abordagens da Geografia (PEREIRA, 2013).

Como área de investigação geográfica, a religião desperta na primeira metade do século XX, um pequeno interesse, através de textos geográficos culturais de diferentes partes do mundo, sendo esses irregulares, mas ganhando força no final dos anos 60, onde foram fortemente inspirados pela geografia cultural da Escola de Berkley, e influenciados por Carl Sauer, tendo David Sopher como o geógrafo mais intimamente ligado à questão. Em *Geography of Religions* (1967) Sopher realiza um excelente estudo geográfico dos fenômenos religiosos, abordando a interação espacial entre uma cultura e seu ambiente terrestre complexo e a situação espacial entre diferentes culturas, levando os geógrafos alemães, por sua vez, a enfatizarem o aspecto meta-disciplinar da religião, isto é, o processo dialético que abrange a ligação entre os vários componentes da religião (ROSENDAHL, 2012).

Lily Kong (1990) ao iniciar seu trabalho *Geography and Religion* cita Glacken (1967) a fim de nos mostrar quão imbricado, em termos religiosos e geográficos, estão as questões cruciais da curiosidade humana:

In ancient and modern times alike, theology and geography have often been closely related studies because they meet at crucial points of human curiosity. If we seek after the nature of God, we must consider the nature of man (sic) and the earth, and if we look at the earth, questions of divine purpose in its creation and of the role of mankind (sic) on it inevitably arise. (Glacken, 1967apud Kong 1990, p.355)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> “Nos tempos antigos e modernos, analogamente, teologia e geografia têm tido, em geral, estudos intimamente relacionados porque convergem em pontos cruciais da curiosidade humana. Se nós buscamos a natureza de

Para Miele e Posseibon (2012) nós como indivíduos, temos três necessidades existenciais inseparáveis: uma de natureza biológica, outra de natureza mental ou psíquica e a terceira de natureza espiritual. Esta concepção trina do ser humano – corpo, alma e espírito – foi mantida pelo cristianismo primitivo até Constantino e é reconhecida pela maioria das religiões ditas “primitivas” e orientais.

Complementando essa concepção, o pensamento Ocidental na Idade média, influenciado grandemente pela religião Cristã, trouxe em seu bojo alguns estudos geográficos sobre a religião. Embora tentasse se desvincular de uma abordagem mais religiosa, os estudos eram produzidos por teólogos e conseqüentemente carregavam reflexões religiosas, que segundo Manfred Büttner:

Durante esa época prácticamente todos los geógrafos eran realmente teólogos. Sus pensamientos estaban centrados en aspectos teológicos. De aquí que cualquier cambio en su pensamiento teológico diera origen a cambios del pensamiento geográfico. En otras palabras: como los geógrafos de esa época tenían que ver con una Geografía que estaba teológicamente orientada, las diferentes posiciones teológicas tenían que conducir a distintas concepciones geográficas. (BÜTTNER, 1977, p. 22) <sup>7</sup>.

Na década de 1980, Claude Raffestin dedicou um capítulo em sua obra<sup>8</sup>, sugerindo uma abordagem política do fenômeno religioso, tecendo considerações sobre as relações entre religião e poder e, inclusive, chamando a atenção para a expansão do Islamismo. Paul Claval (1992) teceu considerações a respeito do tema da religião na geografia, sugerindo aos geógrafos a importância de explorar a percepção do mundo e o universo imaginário ricamente encontrado nas religiões e suas representações na paisagem e no espaço social.

Como expressão cultural a religião nos possibilita entender os costumes de uma sociedade, uma vez que ela determina comportamentos definindo o que é certo ou errado. Com isso ela influencia no modo de vida das pessoas ao qual estão designadas a viverem de acordo com as doutrinas estabelecidas para sustentação de uma cultura local (SHIAVO,

---

Deus, devemos considerar a natureza do homem e da terra, e se olharmos a terra, questões do propósito divino em sua criação e do papel da humanidade inevitavelmente nascerão”.

<sup>7</sup> “Durante esta época praticamente todos os geógrafos eram realmente teólogos. Seus pensamentos estavam centrados em aspectos teológicos. Assim, qualquer mudança em seu pensamento teológico dera origem a mudanças no pensamento geográfico. Em outras palavras: como os geógrafos dessa época tinham haver com uma Geografia que estava teologicamente orientada, as diferentes posições teológicas tinham que conduzir a distintas concepções geográficas”.

<sup>8</sup> RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. V. bibliografia.

2004). Sobre a vida religiosa Raffestin (1993, p.120) também afirma que ela “se apresenta como a soma das relações entre o homem e o sagrado. Os ritos são os meios que os asseguram na prática”.

Sob a visão de Cassirer (2004, p. 359), o homem tem a capacidade ou dependência, de viver em um universo simbólico que vai além de suas materialidades e racionalidades, ou seja, o homem não vive num universo meramente físico, ele vive numa dimensão em que a arte, a religião, a ciência e a linguagem são partes de um complexo emaranhado da experiência humana, formando ou articulando, o seu universo simbólico: “Na linguagem, na religião, na arte e na ciência, o homem não pode fazer mais que construir seu próprio universo – um universo simbólico que lhe permite entender e interpretar, articular e organizar, sintetizar e universalizar sua experiência humana”.

De acordo com a subdivisão que realizam os geógrafos nesta ciência, estabelecendo nomenclaturas singulares às suas áreas de especialização, em consonância com as atividades que diretamente estudam, a religião, como seu alusivo nome indica, é analisada de forma mais acentuada pela disciplina Geografia da Religião. Situada mais acertadamente como sub-ramo integrante da geografia cultural, pelas relações estreitas existentes entre os aspectos religiosos e culturais expressidos por pessoas e lugares, a Geografia da Religião enquadra-se mais perfeitamente na Geografia Humana (FICKELER, 2008).

Segundo Santos (2006), é a partir do Pós Segunda Guerra Mundial que acontece o momento de despertar da verdadeira Geografia da Religião, agora baseado essencialmente em conhecimentos geográficos formais, cujas informações religiosas serviam apenas de suporte ao entendimento das realidades espaciais. No andamento do processo de evolução, é entre os anos de 1960 e 1970 que vem acontecer o período de construção disciplinar e foram durante esses dois momentos que paisagens e territórios passaram a ser bem mais analisados pelos seus aspectos de influência religiosa.

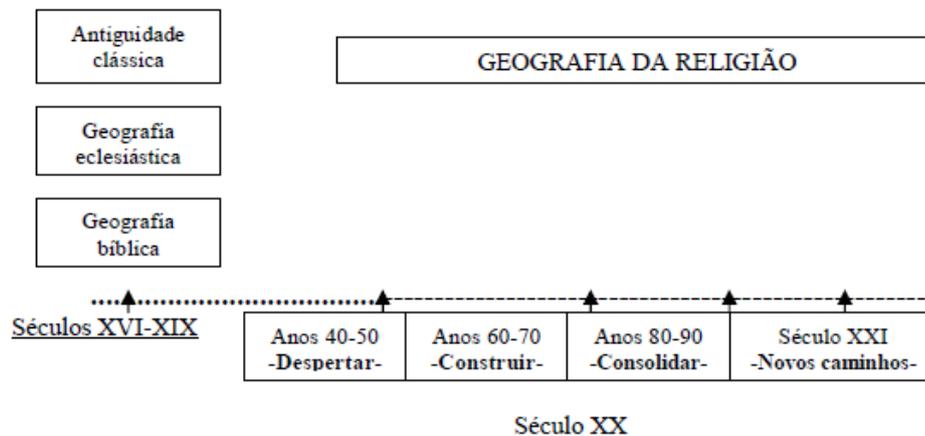
Em relação ao campo religioso, Sorre (1984) afirma que em todas as civilizações a crença dos homens esteve sempre presente nas manifestações dos gêneros de vida, e essas crenças se manifestam desde o nascimento até a morte e para além da vida terrena. Em meados do século XX, já se demonstrava uma preocupação dos geógrafos em se ater aos fatos do “Homo Religius”, afirmando ainda que

[...] nenhum capítulo da geografia humana é completamente inteligível caso se ignore essa vocação. Ela está presente em todas as práticas que acompanham o nascimento e depois o crescimento dos jovens, ate os ritos de iniciação e a sociedade dos adultos. A preocupação com o sagrado é reencontrada nos ritos agrários, durante as etapas das atividades agrícolas. A prática das profissões, a alimentação com suas

prescrições e, sobretudo suas proibições, a habitação em sua disposição geral e em seus pormenores estão dominadas pela preocupação com o sagrado. Ela inspira muitos atos da vida sexual e dá destaque a todas as relações sociais. Chegada a ultima hora, os ritos funerários exprimem, enfim, as crenças dos homens em seu destino na sobrevivência das almas, nas disposições benévolas ou malévolas dos espíritos para com os vivos. (SORRE, 1984, p.162)

Souza (2010) relata que tanto em nível nacional como mundial, as discussões sobre os efeitos dos diversos estudos da religião, ganharam cada vez mais importância na ciência geográfica, tendo por consequência o crescimento do número de departamentos, núcleos, revistas, encontros, e grupos de pesquisas de Geografia que incorporam esta temática em seus anseios universitários, e enquanto disciplina passou por algumas etapas de evolução (Figura 2). Mesmo ainda em estágio inicial de crescimento, no Brasil o estudo geográfico da religião conhece alguns nomes destacáveis neste tratamento, como por exemplo, o geógrafo Sylvio Fausto Gil Filho.

Figura 2- Antecedentes, gênese, e evolução da Geografia da Religião.



Fonte: SANTOS, 2006, p. 228. Adaptado por SOUZA, 2009.

Gil Filho (2001) defendeu uma abordagem (ou corrente) que parece ter encontrado seu caminho nos estudos geográficos do fenômeno religioso, e denominada “Geografia do Sagrado”, onde parte do pressuposto que a Geografia da Religião – Fundada por historiadores da igreja – sendo a análise e descrição do fenômeno religioso em termos da ciência geográfica, se distingue por duas abordagens possíveis: uma geografia Religiosa – focada na influência da religião na percepção do homem sobre o mundo pertinente essencialmente à teologia e à cosmologia, e uma geografia das religiões (no plural) – que analisa os efeitos das múltiplas relações da religião com a sociedade, a cultura e o ambiente.

Ainda segundo Santos (2002) em levantamentos realizados, constatou-se que o primeiro estudo geográfico da religião no Brasil foi elaborado na década de 1970, em São Paulo, por Maria Cecília França, que culminou em sua tese de doutorado em Geografia pela USP, em 1972, sob o título *Pequenos Centros Paulistas de Função Religiosa*. Trata-se de um estudo religioso-geográfico a respeito do catolicismo no Brasil, onde ela analisa a organização do espaço em decorrência dos fluxos de peregrinação dos fiéis, nos quatro pequenos municípios mencionados, e sua abordagem geográfica insere-se na concepção da Geografia Tradicional.

A experiência religiosa de indivíduos e grupos sociais vem, no Brasil, apresentando um interesse cada vez mais intenso entre os cientistas sociais, e esta temática, entretanto, é pouco investigada pelos geógrafos, apesar da importância do sagrado e de sua espacialidade para a geografia. De forma mais enfática, ressalta-se a importância de se examinar a diversidade dos fenômenos religiosos, a distribuição de seus seguidores, a estrutura espacial criada por seu comportamento e as paisagens religiosas delineadas através de suas atividades (ROSENDAHL, 2011).

Sob a perspectiva de Santos (2015) as abordagens da “Geografia da Religião” se configuram como teoria/corrente com seu método para o estudo das territorialidades dos romeiros e peregrinos na relação com os lugares sagrados no universo do catolicismo e em sintonia com o modelo de espacialização católica no território (*arquidiocese, diocese, paróquia*)<sup>9</sup>. Trata-se nesse sentido, de uma respeitável, reconhecida e enorme contribuição ao pensamento geográfico brasileiro no tocante ao estudo da religião com ênfase na relação entre o sagrado e o profano no catolicismo.

Nos primeiros séculos da Igreja não existiam as paróquias, apenas os Bispados ou Dioceses administradas pessoalmente pelos Bispos, legítimos sucessores dos Apóstolos, de modo que, podemos dizer que cada diocese constituía uma única paróquia cuja matriz era a catedral, única Igreja. Com a propagação da fé, formaram-se núcleos numerosos de fiéis nas grandes cidades e nas aldeias, surgindo aí a necessidade de se construírem templos para comodidade desses fiéis, que nem sempre podiam recorrer facilmente ao Bispo devido à distância que os separava da sede diocesana. A paróquia é, portanto, uma instituição venerada pela sua antiguidade, pois ela está para o reino espiritual, a chamada Igreja, como as comarcas civis estão para a nação (CNBB, 1992).

---

<sup>9</sup> Arquidiocese é o território onde o arcebispo exerce seu poder religioso, sua jurisdição ou administração. Esta unidade territorial católica subdivide-se em dioceses e paróquias. Diocese é uma circunscrição territorial sujeita à administração eclesiástica de um bispo ou, às vezes arcebispo. Paróquia é a divisão territorial de uma diocese sobre a qual tem jurisdição ordinária um sacerdote, ou pároco ou padre. (SANTOS, 2015)

Estudos de autores como Sorre (1984) e França (1975) subsidiaram esse trabalho como referencial, para identificar qual a relação da religiosidade humana com o meio em que vivem, tendo em vista que um descreveu essa relação religiosa como parte importante dos gêneros de vida e outro fez a descrição do deslocamento de uma massa populacional em busca das festividades religiosas. Complementa-se essa reflexão com Teixeira (2009) que indica ter sido possível compreender que as descrições se deram no campo de uma visão concreta, ao qual o pesquisador estabeleceu uma metodologia para descrever todas as atividades religiosas entre o ser humano e seu espaço social.

Em virtude dos fatos citados, continua viva a permanência da devoção na igreja católica, em decorrência da ascensão de novas religiões. Se o relacionamento entre a Igreja e o catolicismo popular foi marcado por um histórico ao mesmo tempo de integração e conflito, a perspectiva a partir da qual as elites posicionaram-se em relação a ele foi acentuadamente crítica, e com essas marcas a paisagem religiosa, por exemplo, ganha formas no espaço urbano, que podem ser desvendadas nos espaços sagrados através dos símbolos religiosos.

### 1.3 A Igreja Católica e o Catolicismo Popular

Com Sede Mundial no Vaticano, pequena área dentro de Roma, capital da Itália, a igreja Católica possui representantes em praticamente todos os países do mundo. Pode-se dizer que a “*Geopolítica do Vaticano*” exerce influência em todo o mundo, desde pelo menos, a consolidação do papado no século XI sob a influência do Papa Gregório VII (MACEDO, 2008, p. 29).

De maneira sucinta, Aquino (2013) relata que a Igreja Católica foi a mais poderosa organização da Europa sendo comandada por Roma, durante séculos. Entretanto, ao mesmo tempo em que o catolicismo se expandia para áreas geográficas onde a doutrina nunca havia chegado, (através de colonizadores, principalmente espanhóis e portugueses, levando o catolicismo para a América, e dos missionários<sup>10</sup> que também ajudaram a difundir o catolicismo pelo resto mundo) a Igreja sofria no começo da idade moderna, uma grave crise no velho continente com a “Reforma” religiosa impulsionada por Martinho Lutero.

Castro (1998) historiciza que à medida que os colonizadores e missionários expandiam seus domínios nas colônias, preocupavam-se em manter a pureza da fé dentro de cada território, como aconteceu também com o Brasil e deste modo, Estado e religião

---

<sup>10</sup> Pessoas que trabalham para disseminar sua religião.

caminhavam de mãos dadas, pois enquanto a Igreja legitimava o governo, o poder político empenhava-se na implantação do catolicismo e na proibição de todas as outras formas de manifestações religiosas. Assim, procuravam justificar as investidas contra os indígenas para a conquista do território, no caso do Brasil, e contra os invasores hereges, inimigos da fé, os franceses e holandeses, e os hereges luteranos e calvinistas, de modo que vencer as batalhas para os portugueses contra estes grupos, era uma missão política e ao mesmo tempo religiosa.

Sobre os acontecimentos no Brasil, Santos (2015) afirma que a igreja católica chegou ao território junto com a expedição de Pedro Álvares Cabral, em 22 de Abril de 1500, e a partir daí, o catolicismo se tornou a religião oficial até a primeira Constituição republicana de 1988, e Desde então, o espaço católico no Brasil vem sofrendo transformações notáveis. A coroa lusitana mediante o regime de padroado assumiu com o aval da Santa Sé, defender e implantar o catolicismo em suas colônias, e assim, o Brasil foi colonizado sobre o signo da Cruz, que inicialmente passou a se chamar Ilha de Vera Cruz, depois Terra de Santa Cruz e finalmente Brasil.

Fonseca (2013) complementa essa ideia afirmando que muitos lusitanos que iniciaram a colonização em terras brasileiras eram da tradição judaica, e eram identificados como cristãos novos, por terem sido convertidos ao catolicismo quando a coroa portuguesa intensificou uma perseguição implacável contra os judeus em Portugal e em suas colônias. Parte destes novos convertidos, o governo português os enviou para terras brasileiras para acelerar o processo de colonização e eram observados com rigor por parte da inquisição, uma vez que, muitos deles insistiam em manter seus rituais antigos, e de não aderir ao ritual católico, pois aqueles que aderiram à fé cristã utilizavam dos dois sistemas, aceitavam os dogmas da fé cristã e ao mesmo tempo guardavam os preceitos da fé judaica.

Durante o período colonial, a religião dominante era a religião católica oficial imposta pelo sistema administrativo lusitano. Paralelamente a esta, existia a religião do povo, trazida pelos próprios colonos portugueses. Sendo o povo brasileiro fruto de uma miscigenação racial e cultural, a religião popular também é fruto dessa miscigenação, designada mais propriamente como “sincretismo religioso”<sup>11</sup>. (SANTOS; ROXO, 1978, p.68)

À exemplo do sincretismo religioso na Geografia Cultural, Correa (1997) reconhece em seus estudos empíricos na comunidade religiosa afro-brasileira de Nossa

---

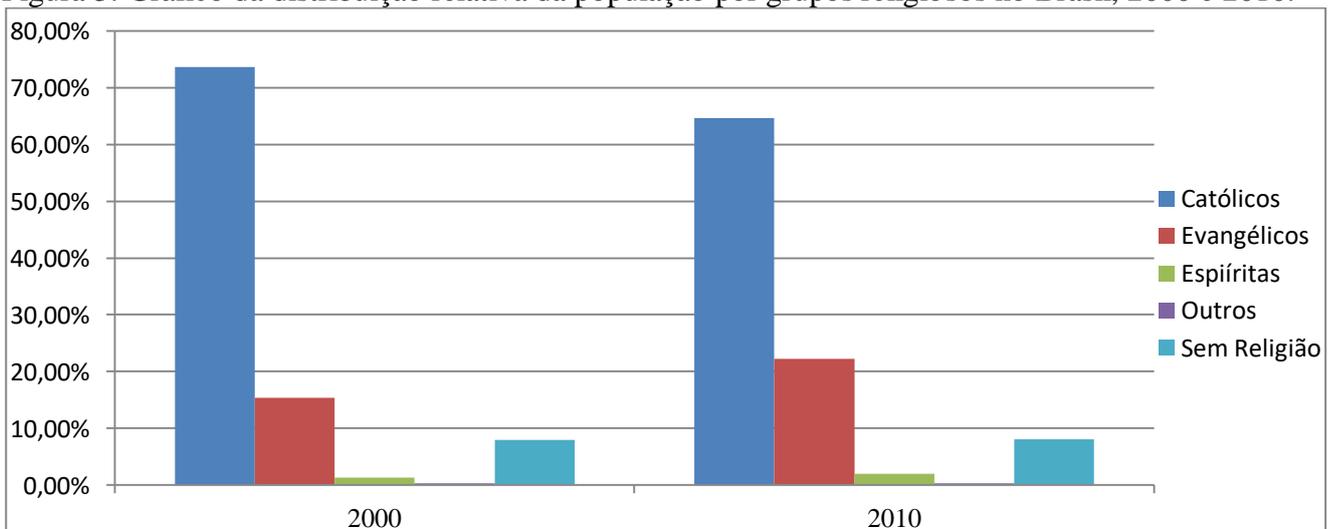
<sup>11</sup> O sincretismo religioso teve sua origem a partir do ano de 1500, no território brasileiro. Atualmente é uma prática bastante comum. No Brasil, foi resultado do choque de três grandes tradições culturais, a dos índios, já presentes na terra, a europeia, trazida pelos colonizadores lusitanos e posteriormente a africana, trazida pelos escravos. Esse confronto se deu pelo domínio da cultura européia sobre as demais, respaldado principalmente, na imposição da Igreja Católica Apostólica Romana à essas outras culturas. O termo sincretismo é utilizado por varias áreas do conhecimento, como a Filosofia, a Etnografia, a Antropologia, as ciências sociais, as Artes e etc..

Senhora da Boa Morte, em Cachoeira – Bahia, que apesar da distinção religiosa ser apenas um elemento de diferenciação cultural, a base dos conflitos está na busca de uma identidade nacional e a preservação de suas crenças e suas características culturais neste país. O sincretismo aplicado aos sucessivos intercâmbios entre catolicismo popular e cultos afro-brasileiros, por exemplo, aponta para um leque de pesquisas.

Em estudos mais recentes, a referida autora não utiliza mais o termo sincretismo religioso, para caracterizar esses intercâmbios, pois segundo ela, isso sinalizaria que uma prática religiosa é mais importante que a outra. Em sua tese de doutoramento<sup>12</sup>, ela (CORREA 2004), afirma utilizar a denominação de *Circularidade Cultural*, pois isso remonta a ideia de um diálogo engendrado entre as práticas culturais/religiosas.

Retomando a discussão sobre o catolicismo, vale ressaltar que o Brasil também passou por três grandes versões segundo a visão de Azevedo (2004), que são elas: o catolicismo popular, a partir de 1500, o catolicismo romanizado, a partir de 1850 e o catolicismo pós Vaticano II, iniciando em 1964. É normal se ouvir falar na riqueza religiosa do Brasil, devido os seus diversos segmentos, porém os Censos do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística - IBGE de 2000 a 2010 (Figura 3) em sua distribuição religiosa no país apontam que a igreja Católica sofreu uma redução de 12,2% em seu número de fiéis, mas ainda predominando como maioria, não só em sua população brasileira como mundial, como mostra a distribuição na figura a seguir (Figura 4).

Figura 3: Gráfico da distribuição relativa da população por grupos religiosos no Brasil, 2000 e 2010.



Fonte: IBGE, (2000; 2010). Elaborado por Sousa, M.M.P, 2017.

<sup>12</sup> Tese de doutoramento em Geografia, intitulada: Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira: de cultura alternativa à inserção global. Obtenção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2004.

Figura 4: Distribuição da população Católica no Mundo.



Fonte: Anuário Pontifício, 2015.

Fazendo uma reflexão sobre as versões do catolicismo Maués (1995) afirma que ele é distinto oficial e popularmente, empregados para denominar a prática e discursos católicos dos especialistas e dos não especialistas no sagrado, mas respectivamente se complementam. Ainda segundo este autor, não deve tratar-se de uma oposição absoluta entre ambas às práticas visto que muitas vezes o povo pode professar um catolicismo que se apresenta mais de acordo com os preceitos do catolicismo oficial, característico dos especialistas no sagrado, assim como é possível que membros do clero partilhem das crenças populares<sup>13</sup>.

Comblin (1996) reconhece que o Catolicismo popular tem sua origem no catolicismo medieval mediterrâneo, vindo de Portugal quando a Igreja se identifica com a própria sociedade católica no modelo da Cristandade, associado ao projeto colonial português no chamado regime do Padroado Régio. Isso porque, o catolicismo tradicional predominou nos três primeiros séculos (1500-1800), na qual essa vertente foi-se formando, pois tratava-se de uma mentalidade tradicional portuguesa em seu caráter medieval e popular, pois a fé do povo se manifestava através das devoções aos santos, das procissões, das orações de invocações e perdão, dos milagres.

<sup>13</sup> A estória do achado da imagem é um exemplo de como a igreja às vezes partilha das crenças “inventadas” pelo povo, pois, mesmo tendo uma versão considerada histórica, porque “comprovada”, a Igreja nunca se opôs em acreditar junto com o povo de que a imagem foi achada e, mais ainda, que tinha poderes para se locomover sozinha, como vimos no mito de origem da devoção. (PANTOJA, 2006, p.34)

Vale ressaltar ainda que a presença dessa religiosidade popular é bastante antiga, sendo percebida já no século III quando os bispos reuniram-se no Concílio de Nicéia, no ano de 325. O Catolicismo oficial já não podia negligenciar a existência de um catolicismo de devoção, pois era essa situação de desconforto das classes mais pobre, afetadas pelos diversos males (marginalização, pobreza, morte) que levavam este povo ao culto de devoção. (FONSECA, 2013)

Ao usar o termo “popular” a intenção de Freyre (1992) é a de dar nome às práticas católicas e leigas que se colocavam como transgressoras da religião tida como oficial, mas que não eram, ao mesmo tempo, transformadoras radicais da ordem vigente. Havia, na convivência entre os reformadores e a população leiga, uma relação dúbia de concessão (por parte dos primeiros) e oposição sem rebeldia ou enfrentamento (pelo lado da segunda), com efeito, considerando a vivência leiga do catolicismo no Brasil (colonial ou imperial) seria arriscado, senão inadequado, traçar uma linha divisória entre ao que pertencia à ‘elite’ e o que era originalmente do ‘povo’ nas questões acerca das crenças e dos comportamentos diante da liturgia católica.

Souza (2013) complementa que o catolicismo popular é também uma expressão cultural, além de religiosa, e muda de forma e de posição a partir das transformações ocorridas no contexto cultural amplo do qual faz parte. Afirma também não ser contrário à modernidade, pois além de ser dinâmico, é possível que sejam inventadas pontes e mecanismos de adaptação, mesmo levando em consideração que algumas manifestações mais primitivas sofrerem radicalmente o impacto da modernidade, chegando até mesmo a desaparecerem como consequência

A lição maior do catolicismo popular é revelar a possibilidade de o homem interpretar, criar e recriar sua cultura, conferindo-lhe significado, nesta sociedade contemporânea, onde os grupos populares continuam reinventando seus gestos e reavendo sua identidade, enquanto grupo. O catolicismo popular é uma cultura em movimento, pois reconstrói grupos, pessoas, lugares e temas, e historiar seu processo festivo é o desafio da memória, sendo esse um apelo para que novas abordagens se debrucem sobre esse tema, com o propósito de ir folheando suas significâncias tornando esse campo, cada vez mais, o campo das religiões (PASSOS, 2011).

Gomes e Pereira (2000, p.118) lembram que as imposições religiosas criaram expressões de religiosidade transformadas em festejos de devoção, que se tornaram de fundamental valor para as caracterizações identitárias dos grupos sociais dos diferentes universos em que se constituíram. Ainda segundo os autores, se a sociedade impôs aos negros

uma serie de modelos culturais e religiosos, “houve por parte deles algum tipo de resposta que incluía a aceitação ou negação desses modelos”. Esse fato aconteceu de forma significativa com os costumes e crenças da religião católica.

Ainda sob a perspectiva de Passos (2011) esse catolicismo popular, expressa através de geossímbolos uma rede organizada, o que faz com que sua prática seja real e possa, ainda, dinamizar a vida de muitos grupos. Para ele, a invocação dos santos e a persistência de muitas representações religiosas têm uma referência simbólica e o campo religioso abre possibilidades de esperança, pois para poder vencer é preciso abrir caminhos frente à inconstância, ao risco e à insegurança.

Algumas tradições populares do catolicismo no Brasil incluem nesses festejos as peregrinações, a exemplo de Nossa Senhora Aparecida, no lugar onde a santa fez sua aparição na cidade de Aparecida, no Estado de São Paulo, e acabou por tornar-se a *Padroeira do Brasil*. Ou a Festa do Divino Pai Eterno no estado de Goiás, e o Círio de Nazaré com grande reconhecimento na cidade de Belém, e objeto de estudo nesse trabalho na cidade de São Luís – MA.

### 1.3.1 Devoção a Santos e imagens

A maior expressão da religiosidade no catolicismo popular encontra-se no culto aos santos e essa veneração está presente na Igreja desde os primeiros séculos tendo ligação com as perseguições e os martírios sofridos pelos primeiros cristãos. “Na cristandade, os primeiros cultuados como santos foram os mártires, e os cultos a eles dirigidos tiveram origem espontânea” (ANDRADE, 2010, p. 133-134).

Nossa Senhora de Nazaré surge de uma antiga tradição cristã do primeiro século, que conta que o próprio São José esculpiu uma imagem de Maria em madeira, em Nazaré na Galiléia e que São Lucas Evangelista a pintou onde mais tarde foi levada para o mosteiro de Cauliniana, na Espanha e depois, já no século VI, no ano de 711, foi levada para Portugal. A gênese da Devoção a Nossa Senhora de Nazaré está junto aos Jesuítas que foram os primeiros responsáveis em propagar Nossa Senhora de Nazaré por toda a região de Portugal e posteriormente para toda a Europa sendo que a principal casa de estudos e noviciado do mosteiro Jesuíta em Portugal é dedicada a Nossa Senhora de Nazaré (ARQRIO, 2014).

Os Santos Padres, tanto do Ocidente quanto do Oriente, sempre se apresentaram contrários a qualquer representação por imagem, pintura ou escultura, no entanto, essa situação mudou a partir do século III, quando as catacumbas e os sarcófagos se encheram de

imagens cristãs. Diante dessas mudanças, Atanásio e Basílio de Cesareia foram os primeiros Santos Padres que buscaram legitimar o culto às imagens, “mas os desdobramentos desse culto, não isento de excessos e de ambiguidades doutrinárias, começaram a levantar problemas pastorais” (SESBOÜÉ, 2002, p.378-379).

Na Idade Média, as imagens religiosas desempenharam um papel muito relevante no processo de propagação do cristianismo, pois elas tinham uma função pedagógica, visto que naquela época poucas pessoas tinham acesso à Bíblia, além de ter sido um modo de instruir e catequizar os analfabetos. De acordo com uma Carta elaborada pelo Papa Gregório Magno, as imagens deveriam ser respeitadas porque elas faziam lembrar os acontecimentos sagrados, geravam contrição e ensinavam os iletrados (LE GOFF, 2005).

Segundo Negrão (1984) a devoção aos santos é o que perpassa todas as formas de catolicismo popular como ponto fundamental, uma vez que essa religiosidade promove a solidariedade entre as comunidades e, além disso, é marcada pela ambiguidade de festa e penitência. No festejo há danças, missas e rezas, sendo esta a maneira de agradecer ao santo a proteção, mas também é o momento de pagar a promessa feita, através de alguma penitência, sendo importante ressaltar que nessas manifestações, sobretudo no catolicismo rural, o leigo tinha autonomia, dado que havia poucos sacerdotes.

Varazze (2003) ressalta que, gera-se no cristianismo, um processo ao mesmo tempo de permanência e transformação, com elementos pré-cristãos sendo agregados à religião em consolidação e sendo reestruturados sob a capa de novos cultos, nos quais os santos surgem como os novos intercessores, pois no caso dos ritos agrários, eles desempenham o papel antes exercido por deuses já desaparecidos. São eles, a partir de então, os responsáveis pelos sucessos e insucessos agrícolas, e eles vingam-se, como os antigos deuses, quando são esquecidos, de forma, que a estiagem sofrida em certa época na Apúlia é atribuída ao castigo sofrido por seus moradores por não celebrarem a festa de São Marcos, que o “invocaram então e prometeram solenemente festejar seu dia, o que fez o santo pôr fim à esterilidade, devolver a abundância, proporcionar ar puro e chuva adequada” (VARAZZE, 2003, p. 308).

Sobre a devoção a santos e imagens, Nascimento (2009) afirma que:

Na idade média ocidental o culto aos santos era considerado uma sobrevivência de práticas pagãs. Assim como as peças de milagres ou mistérios e os sermões populares foram tratados como condenáveis, também a idolatria foi associada à superstição. O ponto crucial da reforma da cultura leiga parece ter sido, conforme assinalou Peter Burke, a separação entre o sagrado e o profano. Nas palavras do autor, “a reforma da cultura popular era mais do que um episódio na longa guerra

entre os devotos e os não-devotos, mas acompanhava uma importante alteração na mentalidade ou sensibilidade religiosa” cristã. (NASCIMENTO, 2009, p. 125)

Essa devoção aos santos, nascida nos primeiros séculos do cristianismo de forma espontânea, foi ganhando força e se constituindo uma expressão de fé, e no Brasil, essa religiosidade adquiriu uma importância muito grande para o povo, não isenta de exageros, devido ao fato da imposição do cristianismo e, juntamente a isso, de muitas devoções. Por isso, ainda hoje a veneração aos santos continua sendo um campo de discussão que desperta interesse em debates (MESQUITA, 2015).

Nascimento (2009) enfatiza ainda que os santos têm uma importância nas cidades, dentro da religiosidade brasileira, pois apresentam algumas funções como demarcar territórios, identificar profissões, nomear ruas, escolas, e, sobretudo, servem de instrumento de agrupamento étnico. A antropóloga Graça Índias Cordeiro (2003) afirma que os santos representam a cidade, seu imaginário, sua memória, sua história, dando origem às festas, sendo estas operadores simbólicos que desempenham papel fundamental nos processos de identificação urbana e sintetizam um conjunto de temas e comportamentos culturais específicos.

O catolicismo brasileiro, a partir dos séculos XVII e XVIII, ganhou um caráter eminentemente social e popular pela forte participação das irmandades nas Igrejas e pela realização das práticas devocionais dos fiéis: romarias, promessas, festas dedicadas aos santos, e procissões. Essas práticas tomam a forma simbólico-religiosa, centralizada nos santos, e é em torno deles que gira o catolicismo popular brasileiro, pois para esses crentes, os santos estão no céu, ao lado de Deus, podendo intervir junto a Ele, em favor dos simples mortais pecadores. Estes santos se fazem presentes aqui na Terra pela sua imagem, tornando possível o contato direto do devoto e o santo, além disso, pode-se acrescentar, ainda, que esse catolicismo, dito popular, assume esse caráter, sobretudo, em razão da interpenetração de concepções e práticas de outras culturas de matrizes diferentes das europeias. (ROSA, 2007, p. 44)

Em virtude disto, é possível afirmar que a existência dos santos reflete uma maneira de transmitir o sentido da fé cristã através das histórias conhecidas desde a existência do cristianismo, contadas pelas pessoas. Vale ressaltar que na tradição cristã, o santo é alguém cuja santidade é reconhecida como excepcional por outros cristãos (ANDRADE, 2010). “Assim, os santos, ao exercer a função de ser modelo para todos os cristãos, desempenhavam importante papel para a vivência dos homens no mundo terreno” (JURKEVICS, 2004, p. 124).

O ser santo, hoje, está muito ligado, como no passado, ao testemunho de vida, com a doação e o amor ao Reino de Deus e ao seu Projeto de Salvação. Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*<sup>14</sup>, elaborada no Vaticano II, se aponta que o testemunho dos apóstolos é motivação e atração para a caminhada cristã, além disso, veneram-se os santos não só pelo exemplo, sobretudo, pelo exercício da união de toda a Igreja na caridade fraterna, caracterizada por essa comunhão entre os que estão na terra com aqueles que já vivenciam a Glória de Deus<sup>15</sup> e ao mesmo tempo, adverte-se combater os excessos dessa prática de veneração, para que não se desvirtue a fé em Cristo, o único mediador (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1984).

Ainda sobre a formação do catolicismo Brasileiro, é impossível não levar em consideração também o sincretismo ou as *circularidades*, já citados anteriormente nesse trabalho, para entendermos o culto e devoção aos santos. Com base nas ideias de Hoornaert (1991), o sincretismo levou o catolicismo a ter várias expressões, como por exemplo, o catolicismo milagreiro, o penitencial, o barroco, o iluminista, o secularizado, e entre outros, além de afirmar também, que o sincretismo é uma exigência da missão, pois no processo de evangelização é necessário diálogo e adaptação a outras culturas.

Esse sincretismo segundo Prandi (2003) sempre se fez presente através do paralelismo entre santos católicos e divindades africanas, tomando como exemplo a devoção congadeira<sup>16</sup> no Brasil, que foi direcionada a santos relacionados à cultura negra, como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Divino Espírito Santo, Santa Efigênia, Nossa Senhora Aparecida, e outras Santidades católicas que variam de acordo com o território em que foi consolidado o festejo. Da mesma forma, Luz (2000, p. 348) afirma que como “as contas do Rosário se transformaram simbolicamente em signos de cultos aos ancestrais africanos, todo o catolicismo no Brasil foi lido pelo negro como uma obra aberta e completamente transformada pelos valores de sua cultura de origem”.

Rosa (2007) relata a existência de vários santos canonizados pela Igreja Católica Apostólica Romana, como Santo Antonio, São Benedito, Santa Luzia, São Pedro, Santo Agostinho, São Cristóvão, entre outros Santos locais e/ou regionais, além dos diversos títulos devocionais de Jesus Cristo e de Maria: Senhor do Bonfim, Bom Jesus da Lapa; Nossa

<sup>14</sup> *Luz dos Povos* é um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II.

<sup>15</sup> Para o Catolicismo a glória de Deus é a beleza do Seu espírito. Não é uma beleza estética ou material, mas é a beleza que emana do Seu caráter, de tudo o que Ele é. Vivenciar a Glória significa alcançar a santidade, estando ao lado de Deus.

<sup>16</sup> A congada é um folguedo folclórico religioso de formação afro-brasileira, em que se destacam as tradições históricas, usos e costumes de Angola e do Congo, com influências ibéricas em relação à religiosidade.

Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Nazaré e etc. As festas religiosas são oferecidas para esses santos, para Jesus Cristo ou para Maria e cada cidade possui seu calendário religioso com as festas dos padroeiros locais.

### 1.3.2 Festas e Peregrinações: Procissões e Romarias.

Segundo Amaral (1998, p. 34) a (re) organização das festas ao longo dos últimos anos vem sofrendo alterações, de maneira que torna-se possível perceber uma nova lógica. Ele (AMARAL, 1998), afirma ainda que “tudo indica que o capitalismo cooptou as festas populares e foi cooptado por elas” e o povo, no decorrer desse tempo, vêm reinventado as festas conforme as novas condições culturais, econômicas e sociais.

Cada evento comemorativo da semana ou dia do santo padroeiro é um acontecimento encadeado na memória coletiva de uma localidade e isso dentro de um país hegemonicamente constituído no “império” da devoção oficial católica, não representa uma novidade. A novidade sim transparece na permanência desses rituais diante de todas as mudanças geográficas e ambientais que a modernização da vida urbana trouxe, pois considerar a dinâmica de reinvenção e ampliação dessas festas como um verdadeiro “arranjo produtivo local”, talvez permita uma compreensão mais consistente do que a mera sugestão de resistência das “tradições culturais”, uma vez que não se negam aqui as tradições, o que se pretende é pensá-la de maneira articulada à cultura de massa (MORIN, 2003).

Desse modo, é imprescindível compreendermos a importância das festas dentro das tradições religiosas, paralelamente a sua aparência profana. Sobre isso, Durkheim (1996), esclarece que toda festa, mesmo que seja puramente leiga em suas origens, possui certas características de cerimônia religiosa, pois tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar massas em movimentos e suscitar assim um estado de efervescência, algumas vezes, que não é sem parentesco com o estado religioso.

Para Frugoli e Bueno (2014, p. 138) “no cenário das festas, a modernidade proporciona a abertura de espaços nos quais uma comunidade, numa ruptura completa com a vida cotidiana se abre para um mundo sagrado e festivo.” Essa afirmação nos leva a outros questionamentos, como pensar se as festas realmente representam uma ruptura, ou se constituem uma possível continuidade da vida cotidiana. Os autores afirmam ainda que a festa, enquanto evento sagrado é vivido por uma comunidade como um momento intenso no qual a dispersão da vida cotidiana é substituída pela concentração de energia de seus membros. Desse modo, complementando essa ideia, Villadary (1968) afirma que todas as

festas são momentos de comunhão, momentos privilegiados onde uma comunidade exprime sua alegria acima da banalidade da vida comum.

Como consequência de demonstração dessa manifestação de religiosidade, surgem as procissões, romarias, peregrinações e os cultos domésticos aos santos. Porém, Oliveira (2003) afirma que as procissões não surgem com o catolicismo popular, ela é readaptada e re-significada a partir dele. Sobre o estudo dessa vertente na Geografia, Rosendahl (2002, p. 11) comenta:

A peregrinação aos lugares sagrados vem sendo abordada com relativa frequência entre os geógrafos, constituindo-se em uma via para o estudo geográfico das religiões. Trata-se de uma demonstração de fé que adquire uma nítida espacialidade, pois envolve o deslocamento de um espaço para o outro que, em muitos casos é marcado por uma periodicidade regular. Envolve assim, espaço geográfico e tempo fixos – os lugares sagrados - fluxos – a peregrinação. As peregrinações constituem um fenômeno notável, comum à maioria das religiões inserindo-se em diferentes contextos culturais.

Para Rosendahl (2008, p.56-57) a graça divina é especialmente poderosa nos lugares visitados por Jesus Cristo, pelos santos ou pela Virgem Maria, lugares nos quais eles apareceram em visões ou onde estão guardadas as suas relíquias. Os principais centros de peregrinação incluem Jerusalém, Roma, Lourdes e Santiago de Compostela, além de centenas de outros centros de convergência religiosa, cristã espalhados pelo mundo. Ao redor do mundo, podemos citar a cidade de Meca, como a principal cidade de peregrinação islâmica, enquanto Benares é o centro sagrado dos hindus, Mandala é o centro de convergência budista, enquanto Lhasa é o lugar sagrado do lamaísmo e Kyoto para os adeptos do xintoísmo.

Terrin (2003) trata as peregrinações inicialmente como prototípicas, e explica:

São as peregrinações que surgiram em seguida ao próton, à inauguração e volta ao “primeiro” lugar do fundador. Lá onde nasceu uma experiência religiosa singular, onde o fundador reuniu os seus primeiros discípulos, lugares originários nos quais aconteceu a primeira teofania religiosa se refere. Aquele lugar se torna, então, capaz de transmitir a força e a energia originária, pode comunicar a graça do fundador, é um lugar que vai permitir reviver em toda a plenitude o momento originário de experiência da fé e de revitalização da fé; será um lugar para sempre “hierofânico”, expressão do sagrado e guardião das verdades das origens. Para a cristandade são, portanto, prototípicas as romarias que levam a Jerusalém ou a Roma, assim como o é a Meca para o Islã, Benares para o hinduísmo, Kandy ou Kapilavastu – o lugar de origem do Buda – para o Budismo. Esses lugares estão marcados de tal maneira que somente o nome da cidade significa para o romeiro a fonte da sacralidade para a qual ele se dirige. (TERRIN, 2003, p. 261).

Díaz (2001) relata que as primeiras peregrinações no catolicismo datam no século IV, quando o Cristianismo foi tornado *religio licita*<sup>17</sup> e também são conhecidas como Romaria (peregrinação de caráter religioso), pelo fato de consistir inicialmente na ida de devotos de suas localidades para Roma, a terra santa. Na Espanha, por exemplo, os lugares santos que se transformaram em centros de romarias proliferaram já neste século, sempre associados à guarda de relíquias relacionadas aos mártires, pois o culto dos santos e as romarias cristãs são fenômenos, e se consolidaram no mesmo período e reforçaram-se mutuamente.

Rosendahl (1999, p. 95) esclarece ainda sobre o papel do peregrino:

A palavra ‘peregrino’ vem do latim *peregrinus*, que literalmente significa estrangeiro, itinerante, aquele que viaja ou anda por terras distantes. A natureza do ato de peregrinar está intimamente ligada à devoção religiosa de visitas a lugares sagrados. Tais viagens, frequentemente, envolvem o percurso de longas distâncias e por variados meios de transporte. Em sua maioria nas comemorações das festas religiosas.

Peregrinação, designa-se como o ato de viajar ou andar por terras distantes, ir em Romaria por lugares santos ou de devoção. Contudo a expressão que mais aparece nas literaturas referentes aos cortejos religiosos, é a palavra *procissão*, originária do latim *processione*, que significa “marchar para frente”, e designa um ritual religioso cujo objetivo é expressar pública e coletivamente um culto à divindade a qual se destina. Os relatos de sua existência são desde a antiguidade, entre os pagãos, onde teve seu apogeu como ritual cristão, na Idade Média, e as de maior importância se deram na Península Ibérica, quando era planejada como grande acontecimento religioso social, com rituais próprios e participação em massa de fiéis (ANDRADE, 2009).

De acordo com Lima (1988, p 86) no Brasil, a celebração de *Corpus Christi* foi à primeira procissão realizada em 19 de junho de 1549, a qual já possuía caráter artístico de tradição portuguesa, como relata a carta de Padre Manuel da Nóbrega, em 9 de agosto, do mesmo ano, escrita ao padre Simão Rodrigues, anunciando as duas primeiras procissões solenes realizadas em Salvador: a do Anjo e a do Corpo de Deus. “Outra procissão se fez dia de Corpus Christi, muito solene, em que jogou toda a artilharia, que estava na cerca, as ruas muito enramadas, e houve danças e invenções a maneira de Portugal”.

---

<sup>17</sup> A expressão *religio licita* designa um estatuto privilegiado que era atribuído na Roma Antiga a certas religiões. Tal estatuto garantia aos praticantes e aderentes gozar de privilégios como a coleta de impostos, a dispensa de serviço militar, ou do culto imperial oficial.

A procissão simboliza o pertencimento dos fiéis à Igreja, mas é feita no espaço externo ao templo, nas ruas e não em seu interior, o que demonstra a ambiguidade inerente ao ritual: cerimônia ao mesmo tempo eclesiástica e profana, controlada pela Igreja e absorvendo elementos profanos. Ao mesmo tempo, a procissão afirma a autoridade da fé sobre o espaço profano, incorpora-o à autoridade da Igreja e faz com que a identidade cristã dos que dela participam seja afirmada perante eles próprios e perante a quem se mantenha alheio à fé (SOUZA, 2013).

Baseando-se nos argumentos de Veiga (2010), com o passar do tempo começou a se formar uma separação de significado entre termos tão próximos semanticamente. Romarias, procissões e peregrinações se diferenciam, hoje, quanto à apropriação que cada uma faz do sagrado e da finalidade do caminhar em si. Essas questões norteiam a dinâmica dessas manifestações, influenciadas pelos contínuos movimentos da história.

Romaria e Procissão aparecem como similares, pois detêm o mesmo significado simbólico que é o de caminhar, no entanto o primeiro denota uma caminhada mais distante, ida a um lugar sagrado, muitas vezes revestido de dor, penitência, o segundo já se apresenta como um sentido de cortejo, geralmente possui um santo patrono e se configura com um caminhar mais curto em relação a distancia, se da geralmente em torno/para um templo, ou pela cidade, porém ambos representam uma ida, uma caminhada que busca, seja pela devoção seja pela penitência, o diálogo com o transcendente (SANCHIS, 2006, p. 91).

Romaria é uma caminhada, mas não é um ponto de chegada, sendo que essa caminhada é em função de algo que está por acontecer, que se liga à proposta de Jesus com o Reino que precisa ser construído, mas não cai do céu pronto. A romaria, por exemplo, enfoca a terra e as águas, os direitos dos trabalhadores, dos camponeses, numa sociedade em que isso é pisado, marginalizado, de maneira que é o momento de levantar a bandeira de luta, celebrar as vitórias e reivindicar aquilo que é justo reivindicar, e se encerra na longa caminhada do povo de Deus na conquista da terra prometida (BALDUÍNO, 2016).

Enquanto a romaria se caracteriza por ser uma manifestação social de fé realizada geralmente uma vez ao ano, Segundo Azzi (1976) as procissões são as expressões mais comuns do catolicismo tradicional e se classificam em várias vertentes: as que expressam alegria e louvor, as celebradas na festa do padroeiro; as de rogações, feitas para impetrar o bom resultado das colheitas; de penitência, destinadas a evitar algum castigo divino; existem as solenes: ciclo da quaresma e da semana santa, a de *Corpus Christi* e há também aquelas que apresentam aspectos mais simples, como as que o povo faz para a reza do terço.

Na Antiguidade, lembra Burckhardt (1974) que toda festa religiosa começava com uma procissão e se poucas descrições foram conservadas destas procissões, os motivos eram por serem demasiadamente óbvias para os que delas participavam e por fazerem parte do cotidiano, portanto, as procissões não ganhavam um sentido especial, de fenômeno que merecesse registro, o que apenas ressalta sua importância na religiosidade pré-cristã. E as procissões, na Antiguidade, possuíam um sentido festivo que seria igualmente incorporado pelo cristianismo, onde diferentes deuses eram homenageados por diferentes procissões, assim como, no catolicismo, diferentes santos são homenageados por procissões diversas, tanto lá como cá, portanto, as procissões eram plurais.

Trazendo a discussão desse tema para a pesquisa, o culto a Nazaré como manifestação religiosa, segundo Penteado (1998), tem suas origens na Europa cristã, onde a emergência de um santuário para veneração da imagem em Portugal se deve a dois fatores principais: primeiro, o deslocamento da imagem de Maria de Nazaré da Palestina para o ocidente ibérico, em razão de perseguição aos cristãos e segundo, o achado da imagem da santa pelo cavaleiro D. Fuas Roupinho, no século XII.

## CAPÍTULO 2

---

# FESTA DO CÍRIO DE NAZARÉ: APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO ATRAVÉS DE UMA MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA-CULTURAL

*Mas como ver-Te Santa na berlinda, se vejo-Te,  
Senhora, naufragada entre rostos sofridos, pés  
descalços, mãos que sangram na Corda, entre  
Marias envoltas em mortalha carregando promessas  
e sofrências sob os véus ... (JURACI SIQUEIRA,  
Incenso e mirra, 2000, p. 10).*

Ao desenvolver um trabalho sobre o festejo do Círio de Nazaré, pesquisando o universo das festas religiosas e sua repercussão no espaço e na vida das pessoas, foi possível identificar uma realidade cotidiana muito rica em diversidade cultural. Esse espaço urbano socialmente organizado no Bairro do Cohatrac na Cidade de São Luís tem muito da cultura Maranhense, apesar da festa não ter suas origens no Estado, sendo possível observar tais elementos até na confecção dos mantos da Imagem (Figura 5). É possível observar também que existe uma lógica própria no arranjo espacial do bairro, e aos poucos a dinâmica de (re) organização da festa vai se tornando visível.

Figura 5: Manto sagrado confeccionado de fibra em homenagem ao Bumba-meu-boi maranhense.<sup>18</sup>



Fonte: PEREIRA, 2016.

Foi possível perceber que um dos temas mais recorrentes nos trabalhos desenvolvidos é a apropriação do espaço sagrado. O presente trabalho trata da percepção espacial do sagrado cujo discurso reflexivo está ligado à dimensão festiva do Círio de Nazaré, símbolo do espaço sagrado, produzido no âmago de sua subjetividade. Vale ressaltar também que existe uma relação muito forte entre os conceitos de espaço sagrado e tempo sagrado, que não permite discutir um sem tratar do outro. Porém, dar-se-á prioridade neste trabalho ao espaço sagrado, que vai remeter, com certeza, em muitos momentos, ao tempo sagrado por imbricarem-se.

<sup>18</sup> Informação concedida pelo Padre Flavio Collins (Pároco).

## 2.1 - História de Devoção: A influência do Estado Paraense

O Círio de Nazaré, em Belém - PA acontece anualmente no mês de outubro, e remonta à história de Plácido José de Sousa, paraense, sobrinho de Ayres de Sousa Chichorro, um dos primeiros capitães-generais do Grão-Pará, e filho do português Manuel Ayres de Sousa. Plácido residia em uma região conhecida como estrada do Utinga (hoje, Bairro de Nazaré) quando em outubro de 1700 encontra uma pequena imagem já desfigurada de Nossa Senhora de Nazaré sobre algumas pedras lodosas, não considerando nada de anormal, levando em consideração que algum viajante por descuido poderia tê-la deixado cair naquele local em sua passagem (ROCQUE, 2001).

Ele a levou para casa e, no dia seguinte, ao acordar, viu que havia desaparecido, o que o levou a correr até o local onde a encontrara e assustado, percebeu que a imagem havia retornado para o mesmo lugar, fenômeno esse que se repetiu várias vezes, até que o governador da época mandou que a imagem fosse levada para a capela do Palácio do Governo, onde ficou guardada pelos soldados, que passaram a noite em vigília, mas no dia seguinte, a santa foi de novo encontrada às margens do igarapé, no mesmo lugar para onde sempre retornava. Para atender aos desejos da santa, Plácido resolveu então com a ajuda de um amigo, Antonio Agostinho, construir uma pequena ermida para abrigar a imagem, onde mais tarde entre os anos de 1730 a 1774, o amigo veio a construir uma ermida um pouco maior de taipa, coberta de palha e pintada de branco dentro e fora (PANTOJA, 2006).

O “Círio” nasceu pelo entusiasmo de um fidalgo, o Sr. Francisco de Souza Coutinho, Capitão Geral do Rio Negro e Grão – Pará, quando em sua chegada no ano de 1790, presenciou a romaria dos devotos ao altar da virgem. Resolveu então dar maior importância a romaria, atraindo para Belém, a atenção de todo o Estado. Aos 3 de junho resolveu preparar o dia da festa (8 de setembro) com uma feira de produtos regionais para centralizar o fluxo comercial da capital. Cada vila ou cidade do interior tinha que contribuir com a exposição (BASÍLICA DE NAZARÉ, 1984).

Contudo, ainda segundo história contada pela Basílica de Nazaré (1984), o Capitão Geral adoeceu e receoso de não poder inaugurar a feira prometera, se caso melhorasse ir a ermida buscar a imagem, trazê-la ao palácio e fazer rezar a missa e em seguida acompanhado pelo povo levar num palanquim<sup>19</sup>, a imagem desde o palácio até à ermida. Com a melhora do governador a promessa foi realizada aos 8 de setembro de 1772, quando todas as

---

<sup>19</sup>Espécie de liteira, ou cadeirinha portátil, coberta, sustentada por dois varais compridos e conduzida por dois animais ou escravos, um na trazeira e outro na frente. Era muito usada na época do Brasil Colônia.

autoridade civis e militares, esquadrões de cavalaria, batalhões de infantaria e piquetes de artilheiros, bem como uma multidão de aproximadamente 10.000 devotos, brancos, cafuzos e índios acompanharam a imagem carregada pelo capelão<sup>20</sup> num palanquim azul, rodeada por uma guarda nobre, e pelo governador percorrendo mais o menos o mesmo trajeto de hoje.

Ainda segundo Pantoja (2006) inicialmente, não havia data fixa para o Círio, que poderia ocorrer nos meses de setembro, outubro ou novembro. Em 1854 o Círio passou a ser realizado pela manhã, para evitar as chuvas que são mais comuns no período da tarde. Este roteiro se manteve até o ano 1881. A partir de 1882, o bispo Dom Macedo Costa, de comum acordo com o Presidente da Província, Dr. Justino Ferreira Carneiro, resolveu que o ponto de partida seria a Catedral de Belém, como acontece até hoje. Mas, a partir de 1901, por determinação do bispo Dom Francisco do Rêgo Maia, a procissão passou a ser realizada sempre no segundo domingo de outubro. Tradicionalmente, a imagem é levada da Catedral de Belém à Basílica Santuário.

Com a adoção do Círio pelo Estado e pela Igreja católica, a imagem era levada para a capela do Palácio na véspera [do referido evento] para na manhã seguinte ser transportada ao seu altar, ou seja, a imagem era transportada ao palácio onde o governador se encontrava e no outro dia fazia o trajeto para o local onde foi primeiramente encontrada. Atualmente, dois são os percursos principais da festividade, mesmo que o evento seja composto por vários trajetos. (SILVA FILHO, 2011).

Publicado em Diário Oficial, a Lei n° 4.371, de 15 de dezembro de 1971, proclama Nossa Senhora de Nazaré Patrona do Estado do Pará e de outras providências (PARÁ, 1971). A Assembleia Legislativa do Estado do Pará promulga e Fernando José de Leão Guilhon, na condição de governador do estado do Pará vigente sanciona a seguinte lei:

Art. 1° – Fica proclamada Patrona do Estado do Pará Nossa Senhora de Nazaré.

Parágrafo Único – O Governo do Estado do Pará prestará, anualmente, as honras de Estado à padroeira dos paraenses.

Art. 2° – A presente Lei poderá ser regulamentada pelo Governador do Estado.

Art. 3° – Esta Lei tem sua vigência a partir do dia 10 de outubro do corrente ano.

Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômico - DIEESE, a cada ano a festividade reúne aproximadamente mais de seis milhões de pessoas em vários cultos e em onze roteiros devocionais entre procissões e romarias. Tanto para o povo paraense quanto para os visitantes, turistas, pesquisadores, religiosos e o poder político, as festividades e celebrações nazarenas continuarão representando o regionalismo, tanto por

---

<sup>20</sup> Capelão era um sacerdote, pastor e/ou padre, a quem se confiava de modo estável o cuidado pastoral, ao menos parcial, de alguma comunidade ou grupo peculiar de fiéis.

conta das características religiosas estimuladas pelas tradições da Igreja Católica, como por conta dos aspectos profanos criados e potencializados pelos devotos.

Santos (2012) afirma que o Círio de Nazaré possui ocorrência em vários municípios do estado do Pará, principalmente em municípios que surgiram nas calhas dos rios quando não havia a presença das grandes rodovias, pois o rio nesse momento era a via natural de acesso para um território ainda em construção pelos portugueses e configurava uma rede urbana. São municípios que mesmo com santos padroeiros distintos possuem os seus Círios próprios, em seu calendário anual, que para muitos municípios representa uma festividade tanto, religiosa como profana, e é de suma importância para a realidade socioespacial dos mesmos, uma vez que atraem grandes fluxos populacionais de romeiros, turistas, comerciantes e tantos outros e transformando seus espaços, que se voltam para essa festa que dura de dez a quinze dias, dependendo do município.

De acordo com a Secretaria de Estado de Turismo (SETUR), o Círio de Nazaré é o principal evento turístico do Pará, e atrai um grande número de visitantes, onde em 2016, Belém recebeu mais 80 mil visitantes de outros estados, principalmente do Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Maranhão (MA), sendo que desse total, cerca de 4 mil turistas são de outros países.

Figueiredo (2013) afirma que o achado da imagem contribuiu para que a cidade se erguesse e se mantivesse no topo da hierarquia urbana amazônica, até porque a Igreja Católica, comandando a expansão do catolicismo romano, precisava estabelecer uma base urbana na Amazônia Brasileira, e assim, investiu nas áreas mais nobres da cidade, construindo inúmeras edificações religiosas (igrejas, escolas, seminários, praças santuários, o complexo nazareno etc.). Até os dias de hoje esses investimentos são firmes, incluindo imóveis, jornal, museus, canal de rádio e televisão e a construção da “Casa de Plácido<sup>21</sup>” para abrigar os peregrinos.

A programação do evento se inicia no mês de agosto, com a Missa do Mandato<sup>22</sup>, começando o ciclo de peregrinações da virgem de Nazaré pelos lares católicos, empresas, instituições públicas e privadas, condomínios e escritórios, contabilizando ao todo cerca de cinco mil réplicas da imagem produzidas para serem distribuídas nestes ambientes na cidade de Belém. O evento religioso culmina a partir da segunda sexta-feira do mês de outubro,

---

<sup>21</sup> Consiste em um centro de acolhida de romeiros, inaugurado no dia 31 de maio de 2009, localizado no térreo do Centro Social de Nazaré, estruturado com banheiros, refeitório e praça de alimentação, ambulatório de primeiros-socorros, sala de estar para descanso e balcão de informações sobre a Basílica Santuário e da devoção Nazarena.

<sup>22</sup> Missa solene, celebrada pelo Arcebispo de Belém, que marca o início da quadra Nazarena, onde simbolicamente, é feita a entrega de uma imagem a uma família, representante de uma das comunidades previamente escolhida.

iniciando com o traslado da Virgem para os municípios de Ananindeua e Marituba, e no segundo domingo de outubro, acontece a procissão principal do Círio de Nazaré, que se inicia às 7h, depois da tradicional missa que começa às 5h30 da manhã, saindo da catedral da Sé, no Bairro da Cidade Velha (Figura 6), até a Praça Santuário de Nazaré em frente à Basílica, no Bairro de Nazaré (Figura 7), totalizando um percurso de quase 4 km aproximadamente. (AMARAL, 2003).

Durante todo o trajeto, são prestadas várias homenagens à imagem de Nossa Senhora, além dos promesseiros que realizam diversas manifestações de fé, como as promessas que são pagas, (Figura 8) é possível observar as ruas e casas que são enfeitadas em homenagem à Santa e após a grande procissão, à imagem da Virgem fica exposta no altar da Praça Santuário para a visita dos fiéis durante 15 dias. Segundo o portal da paróquia Nossa Senhora de Nazaré de Belém, em 2004, aconteceu o maior Círio da História, com o trajeto cumprido em 9 horas e 15 minutos, e neste mesmo ano, foi registrado, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como patrimônio cultural de natureza imaterial.

Figura 6: Catedral da Sé em Belém (PA) - Início da procissão.



Fonte: <http://www.ormnews.com.br> – 2017

Figura 7: Basílica na Praça Santuário de Nazaré em Belém (PA).



Fonte: <http://www.ormnews.com.br> – 2017.

Figura 8: Fiéis pagando promessas de joelhos na Basílica em Belém (PA).



Fonte: <http://www.ciriodenazare.com.br> – 2017

Sobre a parte profana da festa, desde o primeiro Círio oficial, em 1793, na Cidade de Belém do Pará, o arraial já fazia parte da festa Mariana, que consistia inicialmente, em uma feira de produtos agrícolas que vendia frutas e animais de pequeno porte, para atrair a população do interior do estado. Em seguida, foram criadas as barracas com comidas típicas, e só então os jogos, teatros e outras atrações surgiram, mudança essa, que marcou o fim da feira agrícola, pois são em momentos em que não acontecem as procissões ou cerimônias

religiosas, que as pessoas se dirigem para o arraial, podendo encontrar barracas com comidas típicas e uma grande variedade de produtos, jogos e danças (LOBÃO, 2013).

Além disso, atualmente é realizada uma festa denominada de Chiquita, iniciada no final da década de 1970, primeiramente com o nome de a “Festa das Filhas da Chiquita”, que reunia vários grupos de intelectuais, jornalistas, poetas, fotógrafos, artistas plásticos, atores, políticos, cantores e público em geral do cenário belenense. A origem do evento remonta aos anos de 1975 e 1976, quando no período do carnaval grupos homossexuais e simpatizantes de Belém organizaram um bloco carnavalesco, percorrendo as ruas do centro da cidade. (SOUZA, 2014).

Segundo Brito e Gomes (2016) a Festa da Chiquita caracteriza-se principalmente, pelo divertimento, e pelas roupas extravagantes dos Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais que a frequentam, os diferenciando dos louvores cantados à Nossa Senhora de Nazaré, apresentando de maneira geral uma variedade de gêneros dançantes como música eletrônica, o tecnobrega, o carimbó, o pop-rock etc. sendo possível observar também o consumo de bebidas alcoólicas. A sensualidade, o erotismo e o imprevisto se misturam constantemente nessa festa, tornando o ambiente favorável às relações entre homossexuais e heterossexuais simpatizantes em um contexto propício.

Eidorfe Moreira (2012, p. 8) revela sobre a influência, presente no Círio de Nazaré, que desde a sua origem ele é “nativo”, pois, possui sua origem ligada com o espaço belenense e amazônico, mesmo seus aspectos formais e simbólicos, sendo em sua maioria lusitano. Daí, o autor conclui que contraditoriamente “o mesmo caboclisto que se revelou hostil ao colonizador no plano político, mostrou-se receptivo à sua influência no plano religioso”.

Como prática festiva, possui dimensões particulares da região amazônica mescladas às tradições herdadas da cultura portuguesa, dentre elas, o próprio culto à santa, pois tal devoção, que em Portugal se relaciona à posição geográfica litorânea da cidade de Nazaré, em Belém assume características de uma região entrecortada por rios e igarapés. Nesse sentido, o processo de expansão territorial e difusão da devoção Mariana aconteceu ao longo dos anos, baseado em sua complexidade ao relacionar aspectos religiosos, políticos, culturais e econômicos, além de associar as práticas turísticas que a permeiam (SERRA e TAVARES, 2016).

Em seu estudo sobre a visão geo-social do Círio, Moreira (1989) afirma que a procissão principal provocava um intenso deslocamento da população de Belém para fora da cidade, considerando-se que o local onde atualmente está a Basílica fazia parte da zona rural

até meados do século XIX. Com a expansão da cidade, a procissão tornou-se completamente urbana e o movimento cidade interior inverteu-se. Porém, a partir da década de 1980, houve a expansão das manifestações em relação à sua quantidade e à ocupação de diversos espaços, até expandir sua influência para outras cidades, como é o caso da gênese do Círio na cidade de São Luís, Maranhão, no bairro Cohatrac, que neste momento nos detemos a apresentar.

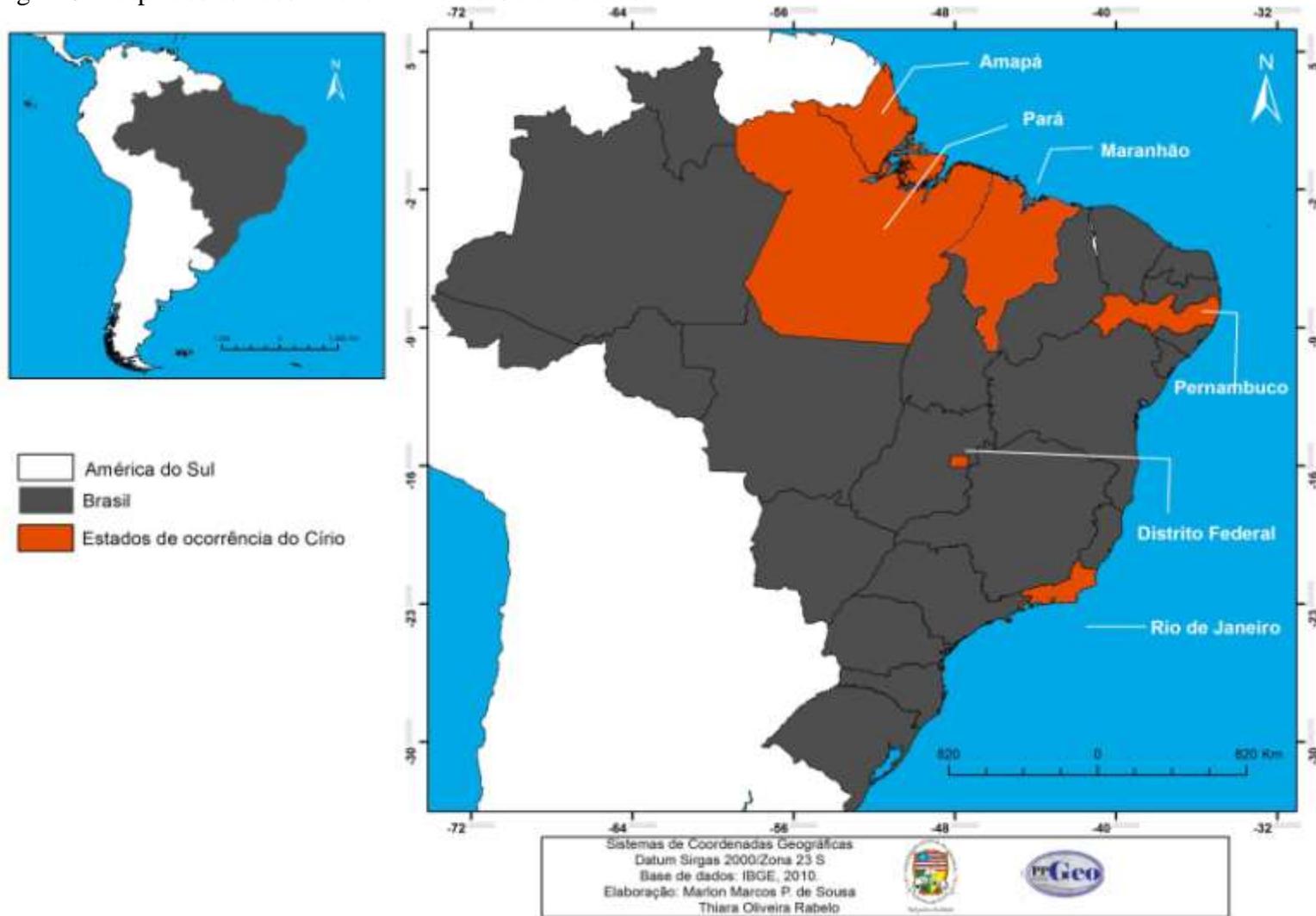
## 2.2 - Do Pará ao Maranhão: Difusão da fé.

Iniciando essa reflexão, é importante compreender os aspectos favoráveis para a irradiação religiosa na cidade de São Luís - MA sobre a manifestação do Círio de Nazaré, sobretudo, pensar também neste fenômeno não somente localmente, mas a partir da construção da Figura Mariana, com ocorrência de manifestações em outros estados do Brasil, que segundo a Diretoria da Festa de Nazaré em Belém ocorre também em Brasília (DF), Manaus (AM), Macapá (AP), Recife (PE) e Rio de Janeiro (RJ), além das cidades de Belém (PA) e São Luís (MA), além de outras cidades menores dentro dos estados, representados no mapa a seguir. (Figura 9). Seguindo a constituição de uma nova geograficidade (imaginária e vivida), baseando-se nas ideias de Gaston Bachelard (2004) e Eric Dardel (2011), há que se considerar que a irradiação devocional é um processo intersubjetivo, cuja demonstração demanda simultaneidades.

O Maranhão e o Pará têm uma ligação histórica que começou desde a criação dos Estados do Grão-Pará e Maranhão, que Santos (2008) relembra ser uma Unidade Administrativa Independente do Estado do Brasil, diretamente ligada a Lisboa e reordenada em 1751, quando a capital passou de São Luís para Belém, em virtude de uma redefinição política e estratégica das conquistas do Norte, vigorando até 1774. Além disso, por serem estados vizinhos, são muitos os Maranhenses migrantes para o estado do Pará, principalmente na região sul e sudeste do Estado, que vão à busca de melhor qualidade de vida. Dentro da história do Círio, outro fato que marca essa ligação foi a composição do Hino, composto pelo Maranhense Euclides Farias.

A Cidade de Belém, capital do Pará, foi fundada como porto fluvial, em 12 de janeiro de 1616, logo após a expulsão dos franceses da Cidade de São Luís. O Estado do Pará limita-se a leste com os Estados do Maranhão e Tocantins. Ainda por sua localização geográfica na Amazônia, assim como sua maior aproximação com os estados do Nordeste, o

Figura 9: Mapa dos estados de ocorrência do Círio no Brasil.



Fonte: IBGE, 2010. Adaptado por: Sousa; Rabelo 2017.

Pará por meio de transporte predominantemente hidroviário e o rodoviário, não esquecendo a estrada de ferro Carajás, liga a região sudeste do Pará até a cidade de São Luís.

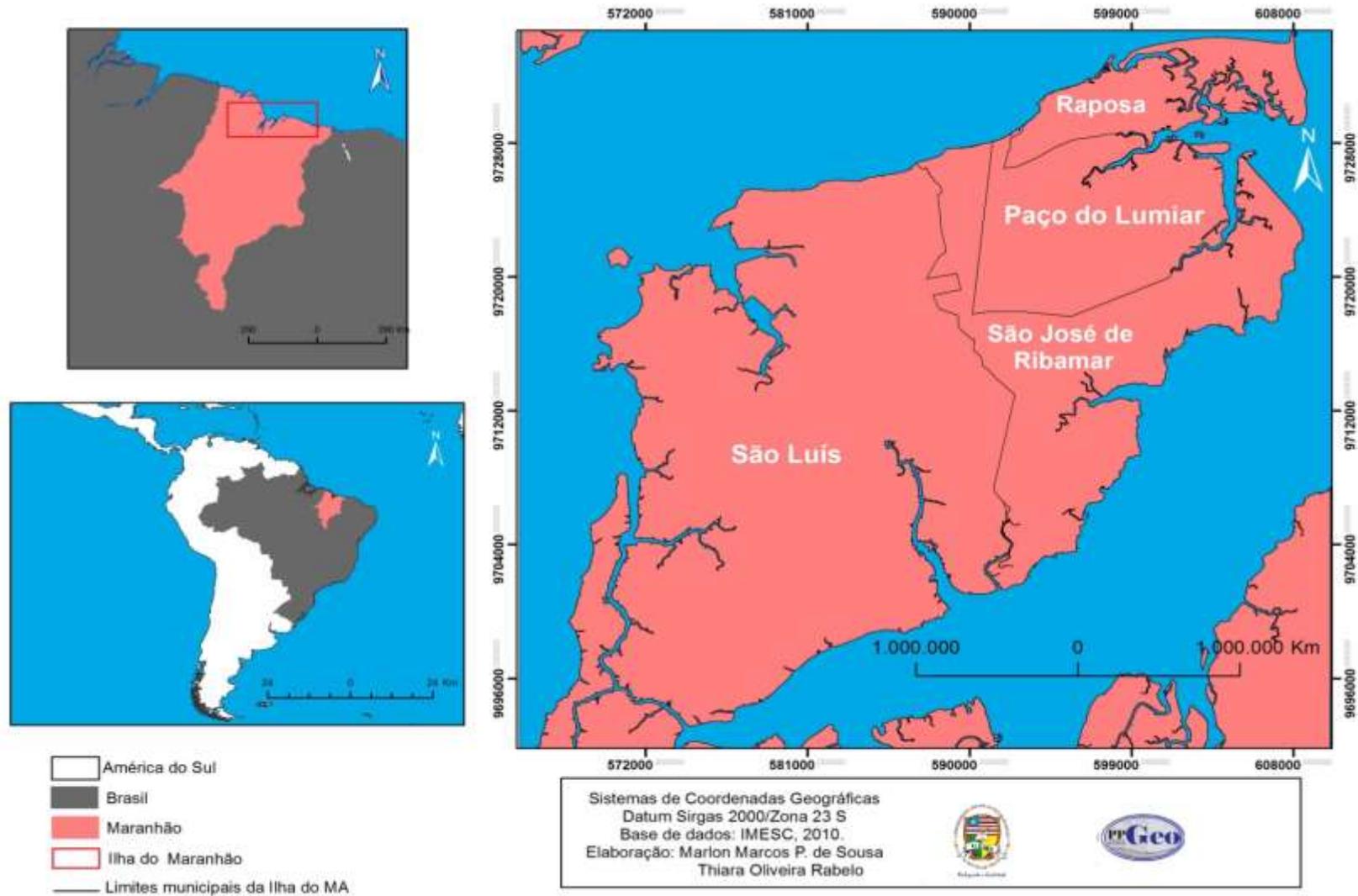
### 2.2.1 – A Cidade de São Luís e o Bairro do Cohatrac

A Cidade de São Luís, capital do Maranhão, possui uma área total de aproximadamente 831,7 Km<sup>2</sup> e uma população de 1.011.943 habitantes, (IBGE, 2010) caracterizada como porto fluvial e marítimo, desempenhou importante papel na produção econômica do Brasil, sendo composta por igrejas católicas que expressam os valores da cultura e da história da cidade, apontando assim que até hoje o turismo religioso exerce forte influência no desenvolvimento cultural, econômico e social da cidade. Juntamente com os municípios de São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa compõe a Ilha do Maranhão (Figura 10), possuindo aproximadamente 38 bairros oficiais, de acordo com o macrozoneamento da cidade, e dentre eles o Cohatrac, onde está localizada a Paróquia Nossa Senhora de Nazaré.

O Bairro do Cohatrac e as áreas de entorno imediato estão localizados no centro da Ilha do Maranhão, na mesorregião norte e na microrregião da aglomeração urbana de São Luís, tendo sua localização georeferenciada entre as latitudes 02°31'30'' S e 02°33'00'' S; e longitudes 44°11'18'' W e 44°13'00''. É um conjunto que existe há mais de 30 anos, onde possui muitos equipamentos urbanos, como o setor comercial em expansão, contando com os serviços de supermercados, lojas, feiras, praças, casas lotéricas, caixa eletrônico, clínicas, quadras de esportes e farmácias.

Segundo Freire (2006) a história de formação do Bairro do Cohatrac, está inserido dentro de uma proposta temporal relativamente recente, iniciado a partir da década de 1970, na qual a Política Nacional de Desenvolvimento Urbano (PNDU) através do Programa Nacional de Capitais e Cidades de Porte Médio (PNCCPM) intensificou obras em conjuntos residenciais e no sistema viário. Tal acontecimento somado a implantação de grandes projetos industriais levou a cidade de São Luís, a princípio, passar por um incremento demográfico devido à incessante busca de empregos, contudo esta situação alastrou-se também para os outros municípios da Ilha do Maranhão com o passar dos anos.

Figura 10: Mapa de localização da Ilha do Maranhão.



Fonte: IBGE, 2010. Adaptado por: Sousa; Rabelo 2017.

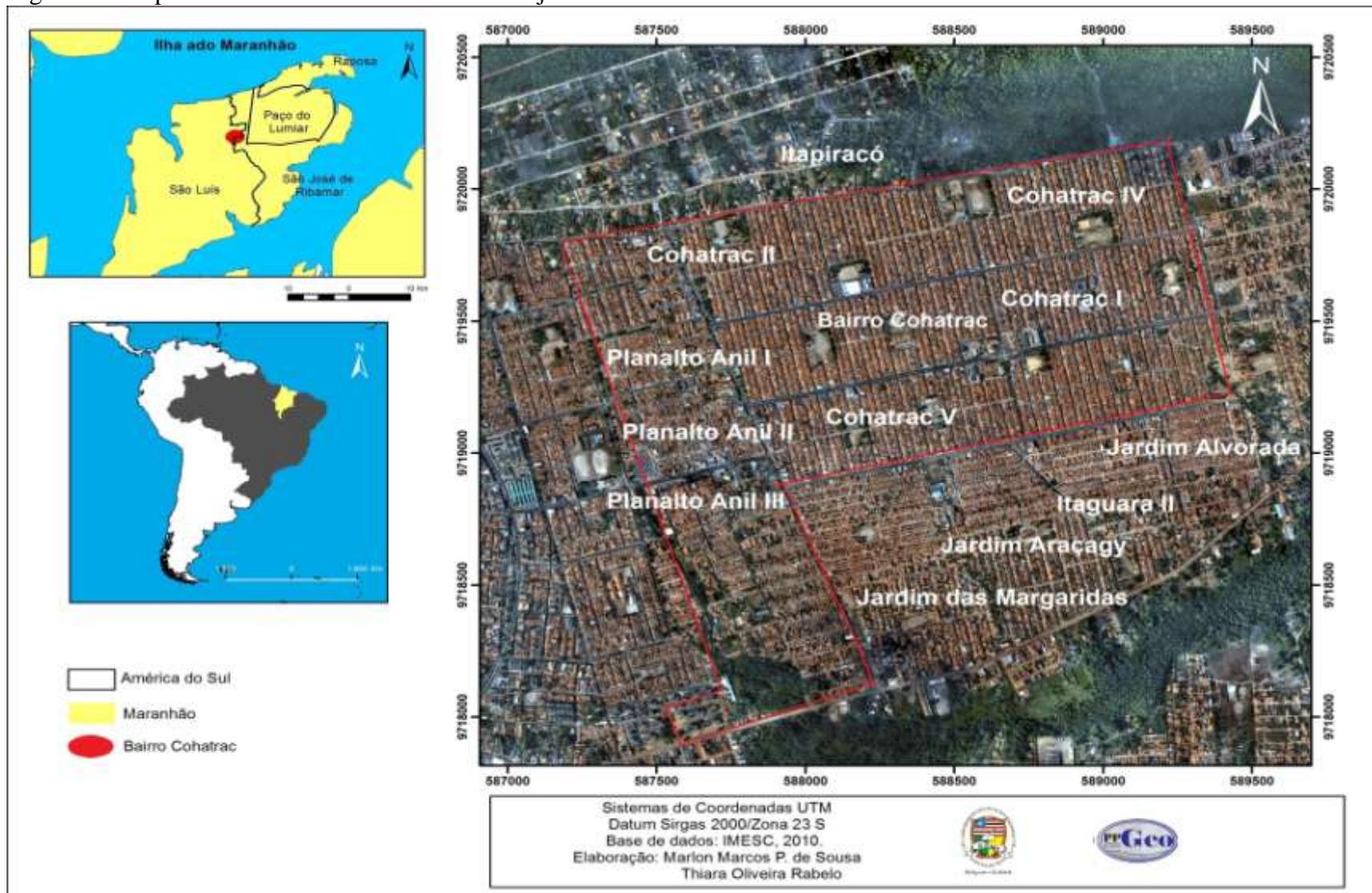
Para Anunciação (2004) o processo de construção do Cohatrac teve início aproximadamente no período entre 1974-1977, sendo que em 1978 o primeiro conjunto do Cohatrac, (Cohatrac I) foi concluído, contendo 875 unidades habitacionais com uma população estimada em aproximadamente 2.625 habitantes. Com o passar dos anos as outras partes integrantes do Cohatrac foram sendo concluídas e ocupadas, e mais precisamente entre os anos de 1981-1983 foram entregues os Cohatrac II e III, e o Cohatrac IV (a parte além do Cohatrac III) foi entregue em meados de 1984.

A princípio o Cohatrac pertencia ao município de São José de Ribamar, mas foi anexada a São Luís em 1985 devido à relação direta que o mesmo tinha com a cidade, através do decreto de lei nº 4662 de 02/09/1985, que retira os conjuntos residenciais dos Cohatrac's I, II, III e IV, da jurisdição de São José de Ribamar e os vincula ao município de São Luís. Seguindo o ritmo da urbanização, muitas áreas residenciais ao redor do Cohatrac foram surgindo, como o Jardim Alvorada, Itaguará, Jardim Araçagy, o término do Cohatrac IV, o Jardim das Margaridas, Parque Aurora e o Planalto, como pode ser observado no mapa a seguir (Figura 11), que tiveram seus termos entre 1988 e 1992, contribuindo substancialmente para a expansão da mancha urbana (FREIRE, 2006).

Essa posição geográfica proporciona uma localização estratégica, que facilitou os meios de irradiação Mariana através do Círio de Nazaré até às demais cidades vizinhas, tanto do Pará quanto do Maranhão, que são regiões de grande emissão de romeiros para as cidades-santuários, ocasionando assim um aumento no volume de pessoas também para esse novo polo Mariano. Desse modo, Oliveira (2014) afirma que situar as edificações e interações de templos, ordens, movimentos, comunidades, na lógica de espacialização dos santuários, a partir do lócus devocional, tem-se constituído um meio de representação de peso material e simbólico, vinculado à modernização da vida urbana.

Dessa forma, podemos compreender essa simbologia com marcas na população, nas paisagens em construção através de Corrêa (2007, p. 14) que afirma: “as formas simbólicas estão, em muitos casos, associadas a eventos e personagens cujos significados extrapolam a escala local, regional ou nacional, podendo referir-se a eventos e personagens de expressão internacional e global.” Com base nessa afirmação Oliveira (2007) argumenta haver reflexos diretos com a irradiação das relações estabelecidas e a partir das peregrinações em processo contínuo, se estabelecendo novos vínculos de relações econômicas, sociais e culturais.

Figura 11: Mapa do Bairro do Cohatrac e bairros adjacentes



Fonte: IBEGE, 2010; ZEE, 2013. Adaptado por Sousa, Rabelo, 2017.

Entretanto Sahr (2007) coloca que as interpretações (sentidos) dos signos reproduzem no espaço uma grande variabilidade de intenções e objetos existentes na sociedade, mas esta variabilidade não significa que as relações de signos são aleatórias e livres, pelo contrário, elas são embutidas em contextos sociais claramente delimitados e localizadas em regiões sociais. Produzem-se, assim, “regionalizações cotidianas” que no entender de Benno Werlen (1997, p.193), são um conjunto de ações sociais que outros definem como territórios.

Sendo a cidade de Belém o santuário original, é importante falar, que foi o aniversário de 200 anos do Círio de Nazaré no ano de 1992, que marcou um relevante fato, na estratégia de difusão da devoção Mariana em todo Brasil, e data também o momento inicial para que a cidade de São Luís se tornasse um grande foco de irradiação religiosa, pelo qual atualmente vive um momento de crescimento, por diferentes indicadores, almejando também o status de santuário e centro de peregrinações. Essa comemoração significou um grandioso evento para a comunidade paraense em geral e para o povo católico em especial, pelo qual o Papa João Paulo decretou ano santo Mariano (1991/1992) na Arquidiocese de Belém, como parte comemorativa da Festa.

Esse evento teve como intuito propagar a devoção, fazer com que outros brasileiros conhecessem a força da fé a Nossa Senhora de Nazaré no Pará, e assim como parte dessa programação, foram efetuadas peregrinações da imagem a todas as capitais brasileiras, cujo segundo roteiro enviado as arquidioceses das cidades (Anexo 1), São Luís foi a primeira a ser visitada. Tal roteiro foi elaborado considerando os custos com passagens aéreas, hospedagem, divulgações e outras despesas, ressaltando que os custos de deslocamento da imagem de Belém para quaisquer localidades foram sob os auspícios da Diretoria da Festa.

Tomando como base as ideias de Oliveira (2014) na institucionalização do festejo do Círio de Nazaré na Cidade de São Luís, dando início aos eventos religiosos, foi possível observar no processo de amadurecimento e repetição nesses mais de 20 anos de realização, uma convergência de motivações suficientes para fazer dessas repetições fragmentadas uma renovação consistente e capaz de irradiar um modelo múltiplo e próprio da manifestação dessa fé. Vale ressaltar ainda que o tratamento usado até aqui para cidade-polo e santuário, são inspiradas em uma abordagem fenomenológica das representações culturais na Geografia.

### 2.3 – O sagrado e o Urbano.

Existe uma modificação visível no espaço urbano do Bairro do Cohatrac, mais precisamente na Avenida Leste – Oeste (Atual Avenida Nossa Senhora de Nazaré)<sup>23</sup>, em função do sagrado, especialmente durante o tempo sagrado nos períodos de procissões e da romaria. Embora essa seja uma característica comum de cidades-santuários, independentemente do seu tamanho e o bairro do Cohatrac não possui essa magnitude, as mudanças são percebidas também com bastante intensidade, e por ocasião do evento religioso do Círio de Nazaré, o cotidiano local, a vida urbana e o espaço são recriados e ganham nova dinâmica no Bairro.

Rosendahl (2008) salienta que os critérios socioculturais podem ser tão importantes quanto fatores como clima e tecnologia, para influenciar a construção do espaço, e através de uma maneira particular de se olhar as cidades em relação a seu contexto cultural, pode se estabelecer um elo entre o sagrado e o urbano. Considerando-se que um bairro se constitui como um lugar normalmente residencial, e por consequência, destinado a atender as necessidades urbanas das suas comunidades, Pacheco (2001) afirma que [...] “O bairro é geograficamente representativo da cidade, pois é a principal forma de reprodução do espaço urbano total, uma vez que o espaço urbano é segmentado e desigual, porém, articulado”.

O urbano pode ser analisado sob diversas dimensões que se interpenetram, sendo a dimensão cultural uma delas, e por seu intermédio amplia-se a compreensão da sociedade em termos econômicos, sociais e políticos, assim como se tornam inteligíveis as espacialidades e temporalidades expressas na cidade, na rede urbana e no processo de urbanização. Porém, as relações entre cultura e o urbano, não foram objetos de grande interesse por parte dos geógrafos culturais e urbanos, até o final da década de 1960 (CORRÊA, 2002).

No ano de 1962, Wagner e Mikesll (2000) apontaram a cultura, as áreas culturais, a paisagem cultural, a história da cultura e a ecologia cultural, como sendo os principais temas abordados pelos geógrafos culturais, e por outro lado, a Geografia Urbana, analisava as formas e as funções urbanas, consideradas sobretudo, de um ponto de vista morfológico e funcional, numa perspectiva econômico-espacial. Somente a partir do início da década de 70, a dimensão cultural do urbano, passou a ser percebida, valorizada e problematizada pelos geógrafos.

---

<sup>23</sup> Lei Nº 3929 de 15 de agosto de 2000: Fica denominada Avenida Nossa Senhora de Nazaré a Avenida Leste - Oeste, localizada no Conjunto Cohatrac.

O meio urbano e seu processo de formação e acumulação de bens vêm sendo alvo de pesquisas ao longo de décadas em importantes trabalhos. Esses estudiosos que se dedicaram ao temário do urbano vieram abordando na ciência geográfica trabalhos do urbano tradicional, clássico, até os mais atuais, tais como Corrêa (1997; 1999), Fani (2007), Harvey (1994), Lefebvre (1991), Santos (2006), entre outros.

Segundo Oliveira (2015) nos estudos urbanos da geografia, os agentes reprodutores do espaço ainda são estudados e discutidos na academia, porém a religião como um (re) produtor do espaço ainda não possui atenção devida. Rosendahl (2009) traz uma visão diferenciada de autores como Eliade (2008) e Tuan (1983) que comungam com as ideias de origem das cidades a partir de uma interpretação que vê na religião a base genética da cidade.

Para Correa (1989), o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, pois as partes componentes mantêm relações espaciais entre si com intensidades variáveis e se manifestam empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas, deslocamentos cotidianos entre áreas residenciais e locais de trabalho, deslocamentos para realização de compras, visitas, idas ao cinema, à praia, aos cultos religiosos e parques e de forma menos visível, relações espaciais de circulação de decisões e investimentos, de capital, mais-valia, salários, juros, renda, e ainda, prática do poder e da ideologia, sendo assim o bairro um local de reprodução dos grupos sociais.

De acordo com o Macrozoneamento urbano de São Luís, o bairro do Cohatrac encontra-se na subdivisão de áreas consolidadas. Essas áreas são classificadas por possuírem boa infraestrutura e boas condições de urbanização, além de serem caracterizadas pelo adensamento e pela verticalização de construções em algumas áreas, serem habitadas por população de renda média ou alta e bom nível de escolaridade, e apresentam saturação da malha viária em alguns pontos, além de serem áreas valorizadas no mercado imobiliário. (São Luís – MA. Lei 4.679, 2006).

Alicerçando-se nas ideias de Pacheco (2001), no aspecto funcional, o bairro do Cohatrac, atende às expectativas de centralidade na medida em que se constata uma rede de circulação e recursos satisfatórios, uma vez que os equipamentos, a acessibilidade física e as estruturas urbanas são adequados para o desenvolvimento de relações e de equilíbrio interesaciais. Possui também uma organização coerente porque interage com outros pontos ou localidade do espaço urbano total da cidade de São Luís, como por exemplo, o Centro Histórico da Cidade de São Luís, mantendo, portanto, uma identidade de subcentro.

Percebe-se uma grande velocidade no crescimento populacional do bairro do Cohatrac relacionado à dinâmica urbana verificada na totalidade da própria microrregião de

Aglomeraco Urbana de São Luís. Pacheco (2001) salienta ainda que esse processo de expansão, em função de traços internos dos seus grupos populacionais, expressos pelas preferências espaciais e experiências vividas, pela referência cultural-simbólica da autoconstrução e interação com o ambiente e a intensificação do espírito local ou de lugar, pela manifestação da iniciativa individual, e pelas relações de circulação, vizinhana, parentesco, cooperação, ajuda mútua e conflitos, caracterizaria também o conjunto do Cohatrac como um bairro, pois considera-se apreendida a dimensão geográfica.

Em virtude dos fatos citados, todas essas afirmações, sobre o espaço urbano do Cohatrac, corroboram com a ideia de cidade também ligada a um agente religioso, que propiciou seu crescimento, assim como mudanas em sua estrutura. Sobre o processo de criação e expansão do bairro atrelado a comunidade religiosa, o Senhor Régio Lima (Figura 12), um dos primeiros moradores do bairro e atual membro da ordem franciscana da Paróquia, relata:

*[...] Quando foi criado o primeiro conjunto habitacional que é esse cohatrac I, onde eu resido, eu fui um dos primeiros moradores. Então assim, não tinha ônibus, não tinha infraestrutura, não tinha água, sabe, era uma calamidade. Então a comunidade começou a morar aqui no Conjunto e começou a se reunir, na busca da solução de seus problemas. E na busca da solução de seus problemas, ela foi conseguindo ser atendida nas suas reivindicações junto ao poder público, e da mesma forma que foram ao poder público pra resolver seus problemas estruturais, ela recorreu também  igreja, pra vir apoiar esse desejo do lado espiritual da comunidade. Então assim, tem uma historia muito bonita, porque o lado espiritual s ajudou a comunidade a ter mais força pra buscar e reivindicar os seus interesses comunitários. Então a igreja, além de ser um reforço espiritual, ela é uma força na busca de melhoria de vida pras pessoas e isso aconteceu aqui. [...] Hoje o Cohatrac é considerado um conjunto completo, porque tem os melhores supermercados, já tem shopping, já tem bancos, comércios de todos os tipos e natureza, enfim, hoje nós somos uma cidade nova, e que a igreja tem um papel fundamental nessa história. (REGIO LIMA, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016)*

Figura 12: Sr. Régio Lima.



Fonte: Sousa, 2016

Rosendahl (2009) em seus estudos sobre o sagrado e o urbano, afirma que é possível reconhecer no sagrado um elemento de produção do espaço. Lewandowski (1984) sustenta a afirmação no mesmo sentido ao dizer que as construções são moldadas pelas ideias da sociedade, ou seja, suas formas de organização econômica e social, a distribuição de recursos e autoridade, suas atividades, crenças, e valores prevaletentes em qualquer período de tempo. Dessa maneira, a partir de Tuan (1980) e Mumford (1991), para fazermos uma interpretação da origem das cidades devemos tratar igualmente da técnica, da política, e da religião, mas dando uma atenção especial para o aspecto religioso, pois fica clara a importância do sagrado como elo de fundação das cidades.

O espaço sagrado é definido de tal forma a partir da percepção de um determinado grupo social que lhe atribui significado religioso, qualitativo, que o diferencia de outros espaços “comuns”. Sendo assim, “a definição de um lugar como sagrado reflete a percepção do grupo envolvido e, uma vez que a percepção varia de grupo para grupo, dificilmente pode ser generalizada quanto aos princípios de lugar sagrado.” (ROSENDHAL, 1996, p. 69).

Para Eliade (1992), o fenômeno que define qualitativamente um determinado espaço como sagrado e o diferencia de outros espaços comuns e homogêneos, é uma hierofania, pois esse fenômeno torna o espaço único, extraordinário, com significado religioso para determinados grupos que o reconhecem como sagrado e que tem poderes de lhes aproximar de Deus, dos santos, da Mãe de Jesus, permitindo-lhes um contato mais estreito

entre o mundo profano e o mundo sagrado. Esse reconhecimento do sagrado (re)configura esse espaço, principalmente porque lhe é atribuído um valor significativo e, também, pela vinculação que o profano, existente no entorno, vai estabelecer.

Autores como Park (1994) e Stump (2008) afirmam que o termo Espaço Sagrado é um dos mais cotados dentre os conceitos utilizados e valorizados pelos geógrafos da religião. Pensando-o como um lugar de manifestação ou como uma configuração espacial, os mesmos autores ratificam que o espaço sagrado pode ser um conceito polivalente nas abordagens da geografia da religião, alcançando, muitas vezes, status de categoria de análise.

Cabe aqui lembrar que o homem e o espaço estão diretamente relacionados, sendo que essa relação acontece, principalmente, porque o espaço está impregnado de significado e sentido, fazendo com que determinados comportamentos e práticas humanas sejam moldadas e estimuladas pelo valor qualitativo de determinados espaços, como é o caso dos espaços sagrados. Para o homem religioso realizar determinadas práticas e condutas religiosas é necessário que ele satisfaça outras condições humanas como alimentação, descanso, locomoção, diversão etc., e assim são criadas as condições para (re)organização e (re)estruturação do espaço comum, o espaço profano, sendo que ele é montado em volta ou a partir do espaço sagrado, constituindo-se num espaço de comércio, serviços diversos, diversão, descanso, ou seja, lugar das relações sociais não religiosas. (ROSA, 2007, p.48)

Argumentando nessa direção, Maria Graça Santos (2006) afirma:

O espaço sagrado é o resultante da inevitabilidade que o homem religioso tem de possuir lugares com uma atmosfera própria, onde estejam patentes os elementos da espiritualidade, sendo igualmente resultado da necessidade de segurança que eles proporcionam por serem locais onde, por exemplo, para os cristãos, os ritos são conhecidos, dando conforto, equilíbrio e sentido a espaço (SANTOS, 2006, p. 108).

Eliade (2001) complementa essa argumentação dizendo que o espaço sagrado é poderoso, significativo e como tal é estruturado e consistente, por outro lado, o espaço profano (não sagrado) é amorfo e vazio e nesse sentido o homem religioso projeta sua existência nas rupturas com o espaço profano, criando um eixo central (ponto fixo) para orientação futura de sua vida. A revelação do “ponto fixo” em forma de espaços sagrados imprime no espaço urbano, paisagens religiosas. Ainda conforme o autor, no espaço profano (neutro e homogêneo), já não há nenhum sentido de orientação, pois o “ponto fixo” não tem uma característica única, de modo que o homem não-religioso reconhece vários “pontos fixos”, e isso vai depender de suas necessidades do dia-a-dia.

Sobre essa relação espacial, Eliade (2001) diz que:

A bem dizer, já não há “mundo”, há apenas fragmentos de um universo fragmentado, massa amorfa de uma infinidade de “lugares” mais o menos onde o homem se move, forçado pelas obrigações de toda existência integrada numa sociedade industrial (ELIADE, 2001, p.28).

Oliveira, (2012) argumenta que ao contrário do que ocorre no espaço profano, no qual não é possível nenhum tipo de referência e orientação, a manifestação do sagrado, (a hierofania), revela o “ponto fixo”, que se torna o “centro do mundo”, o ponto de referência que possibilita a orientação do homem religioso, conforme afirma Eliade (1992, p. 27): [...] “a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um ‘ponto fixo’, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a ‘fundação do mundo’, o viver real”. E portanto pode-se concluir que todo espaço sagrado coincide com o “centro do mundo”, o “ponto fixo”.

Com base nessa afirmação utilizamos a reflexão de Novo (2015) para enfatizar que dentro desse contexto do espaço sagrado, os olhares e as atenções estão direcionadas igualmente para os peregrinos pós-modernos. O autor exemplifica através do movimento de Renovação Carismática Católica o qual, em meio a outras questões, almeja alcançar um novo tipo de vivência entre os peregrinos para com isso, resgatar elementos usualmente tidos como tradicionais da Igreja Católica. A discussão gira em torno, portanto, da prática de caminhar pelo espaço sagrado e quase sagrado de ruas e avenidas e suas múltiplas possibilidades de peregrinos experienciar as dimensões materiais e imateriais ao longo de suas trajetórias.

Em virtude disso, Rosa (2007) reitera que a romaria é uma prática religiosa que envolve uma organização espacial do espaço sagrado e, conseqüentemente, do espaço profano: no espaço sagrado se realiza o contato com Deus ou com os Santos. No Bairro do Cohatrac em São Luís, esse espaço é definido simbolicamente, pela Igreja, e no entorno desse espaço é possível reconhecer atividades e serviços destinados a atender às necessidades dos fiéis e visitantes, como as áreas de comércio, de estacionamento, de shows, que definem o espaço profano, ressaltando que esse espaço sagrado é qualitativamente diferente do espaço profano para o fiel, porém existe uma relação entre ambos.

## 2.4 - O espaço Sagrado e Profano na Festa do Círio de Nazaré

As palavras religião, sagrado, profano, peregrino, entre outras, não aparecem nos dicionários básicos de geografia. Entretanto, elas indicam experiências humanas repletas de significados, tendo uma nítida dimensão espacial, interessando, portanto, à geografia (ROSENDAHL, 2012). É importante lembrar que as ideias de sagrado e profano se complementam de forma dinâmica e instável na realização de qualquer festa popular e todas carregam essa dupla face à medida que escondem e revelam simultaneamente várias convenções e justificativas, em termos didáticos, a face profana mobiliza recursos e negocia estratégias antes durante e depois da realização da própria festa (CABRAL, 1999).

Segundo Oliveira (2007) a face sagrada torna-se, então, mais evidente, mas nem sempre de forma direta, às vezes nas entrelinhas dos depoimentos, das práticas coletivas, da frequência de ensaio e festejos. Já a profana não desaparece, muito pelo contrário, ela coparticipa de todo processo e a significação literal de sagrado é intocável, e pode-se compreender que a festa permite uma aproximação ritual em direção ao que só pode ser alcançado de forma mística, porém, mesmo na dificuldade e na distância, proporciona energia aos seus participantes.

Vale ressaltar ainda que segundo Rosendahl (1997) já citada anteriormente, o sagrado pode ser percebido na organização espacial, não somente pelos impactos desencadeados pelos devotos no lugar, mas também pela forma relação entre religião e tempo, que se agregam. A autora afirma também que as manifestações acontecem num momento histórico e não há fato religioso fora do tempo.

Complementando ainda essa ideia, sobre a experiência do tempo nas diferentes culturas, Eliade (1991), reconhece que os fenômenos religiosos se desenvolvem não só num espaço consagrado, mas também num tempo sagrado, em que o ritual é realizado, não sendo homogêneo nem contínuo. Existem duas espécies de tempo: o tempo sagrado e o tempo profano, sendo que o tempo sagrado é o tempo das festas, de natureza reversível, recuperável e repetível, ou seja, um tempo ontológico por excelência. Já o tempo profano revela-se como a duração temporal ordinária, na qual ocorrem os atos privados de significação religiosa.

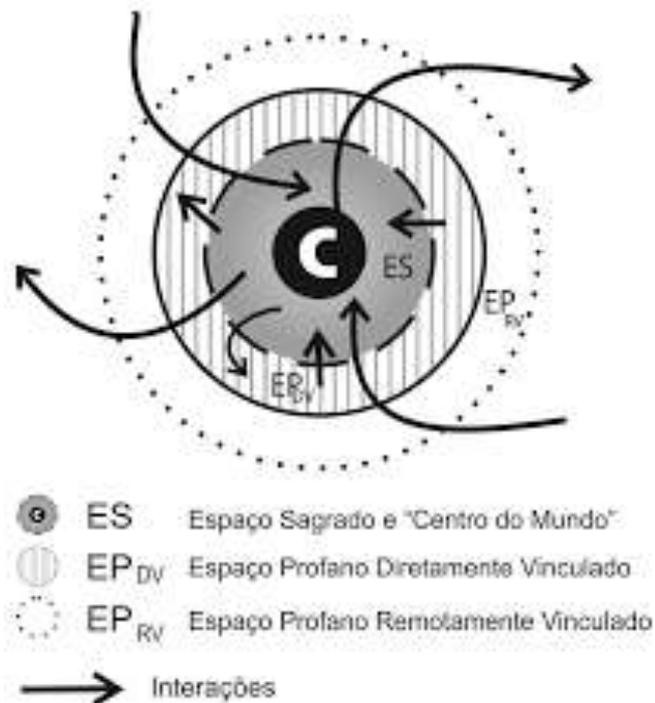
O espaço-tempo de um romeiro representa a vivência da prática de seus atos religiosos, e ações como assistir a missa fazer a confissão e receber a comunhão, numa vivência são realizados no espaço sagrado. Generalizando pode-se dizer que 90% das pessoas reproduzem no santuário a vivência do catolicismo popular, com seus rituais religiosos, no ato de agradecer ou pagar promessas, e essa vivência do sagrado, está expressa para eles, num

código próprio produzido pelo imaginário social em suas relações reais entre o devoto e o santo (ROSENDAHL, 2010).

O que faz com que o lugar se torne sagrado é a *Hierofania*, ou seja, a manifestação do divino naquele lugar. A palavra em sua origem grega pode ser dividida em duas partes: Hiero e Fania. Hiero significa sagrado e Fania significa manifestação, portanto nos lugares onde o sagrado se manifesta, ali acontece o que chamamos de Hierofania, de modo que, um lugar profano transforma-se em sagrado quando a presença do divino se torna permanente naquele local e também quando as pessoas declaram que naquele lugar existe uma energia capaz de transforma-los, levando-os a uma comunicação e relação como o sagrado (ELIADE, 2001).

Segundo o modelo proposto por Rosendahl (1997), são quatro os elementos espaciais vinculados diretamente ou indiretamente ao espaço sagrado, que são: espaço sagrado e “centro do mundo”, espaço profano diretamente vinculado ao sagrado, o espaço profano indiretamente vinculado e o espaço profano remotamente vinculado ao sagrado, conforme o esquema a seguir (Figura 13). Este modelo proposto por Rosendahl é aplicado ao espaço sagrado originado a partir da Igreja Católica

Figura 13- Esquema do Espaço Sagrado e do Espaço Profano.



Fonte: Rosendahl, 1997.

O ritual da construção do espaço sagrado implica um duplo simbolismo, onde primeiramente na construção do ‘centro do mundo’, se constitui um referencial, cujo prestígio está bem determinado e em segundo lugar, a construção do espaço sagrado impõe uma interpretação simbólica da materialização do centro. É possível distinguir dois elementos fundamentais no espaço sagrado: o “ponto fixo” e o seu entorno, sendo que no primeiro as formas espaciais existentes cumprem funções que estão diretamente associadas à hierofania materializada no objeto impregnado do sagrado e o entorno possui os elementos necessários ao crente para realização de suas práticas e de seu roteiro devocional (ROSENDHAL, 2010).

Nesse contexto da espacialidade do sagrado, Merleau – Ponty (1993) lembra que

[...] o espaço não é um meio contextual (real e lógico) sobre o qual as coisas estão colocadas, mas sim o meio pelo qual é possível a disposição das coisas. No lugar de pensarmos, o espaço como uma espécie de éter onde todas as coisas estariam imersas, devemos concebê-lo como o poder universal de suas conexões (MERLEAU – PONTY, 1993, p. 258).

Somando às ideias de Frugoli e Bueno (2014) e trazendo para realidade da Festa do Círio de Nazaré, tanto no aspecto religioso quanto na dimensão profana, a Festa do Círio supõe uma expansividade coletiva cuja função primordial é estabelecer relações sociais. Se por um lado o espaço das procissões e eventos religiosos sacralizam os espaços da cidade, por outro as relações sociais através da participação em eventos como a corrida rústica do Círio, por exemplo, ganham o caráter solene de pertencimento coletivo.

No caso de São Luís, a sacralidade do local está relacionada inicialmente ao templo construído em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, associada à Virgem Maria e por essas circunstâncias, a igreja que levava o nome da Virgem Maria, ganhou poder religioso, e status de paróquia. Assim, a praça e as avenidas da cidade no tempo sagrado do festejo ganham significado sagrado, com poder de cura e de realização de pedidos, desejos e sonhos, passando a ser realizado oficialmente como Círio de Nazaré, no ano de 1992, com um número crescente de fiéis.

O cenário da cidade que começou a se formar nesse ano de 1992 é bastante dinâmico, e através do trecho da reportagem do Jornal O imparcial<sup>24</sup>, remontamos esses espaços com vários detalhes de sua primeira procissão oficial e como um lugar de vivência permeado de fé e devoção: “Balões azuis e brancos, fogos de artifício e hinos religiosos foram usados ontem pela comunidade católica para saudar a entrada da imagem de Nossa Senhora

<sup>24</sup> Festa do Círio enche São Luís de Fé e emoção. Jornal o Imparcial, São Luís, 29 jun. 1992. Ano LXVI. Nº20.489. Cidade, p. 07.

de Nazaré na avenida Leste – Oeste do Cohatrac, percurso final do I Círio de Nazaré em São Luís.

As reflexões sobre o espaço, na perspectiva da vivência, desenham um conjunto de representações geossimbólicas. Os geossímbolos estão ligados à religiosidade do homem que singularizam o espaço, transformando-o em um espaço sagrado, de modo que torna-se claro, então, que o espaço sagrado possui características que o diferencia do espaço profano, fazendo com que a pessoa vivencie de forma diferente tais espaços (OLIVEIRA, 2012).

## 2.5 – A Festa do Círio e os Geossímbolos do Espaço Sagrado

Segundo o pensamento de Cassirer (1923) o mundo das representações cuja forma simbólica é a linguagem, se realiza na interseção do campo sensível e a esfera do intelecto, pois a simples sensação que prescindir qualquer forma de ordenação não pode ser considerada um fato da experiência, mas apenas resultado da abstração. A matéria nunca é dada sem qualquer espécie de conformação, portanto, já na sua origem, ela é estabelecida sob as formas de tempo e espaço.

Maués (1995) a respeito disto, afirma que:

Nossa Senhora de Nazaré, como qualquer Santa Padroeira, é um símbolo da própria sociedade regional ou local, portanto, do ponto de vista cultural, serve de mapas (guia ou roteiro de navegação) ao mesmo tempo em que de projeto (no sentido daquilo que se antecipa, também como guia, mas agora não mais de navegação, mas de construção) de identidade popular regional. (MAUÉS, 1995, p. 54).

Ao propor uma distinta concepção de homem, aprofundando a noção de cultura, sob certa “fenomenologia do conhecimento”, Cassirer (1944) enseja um modo específico na relação do ser humano com a construção de sua realidade: a significação simbólica/ sistema simbólico.

Nesse sentido os espaços sagrados construídos na Festa do Círio de Nazaré são como um sistema, pelo qual a comunidade católica tem sua continuidade assegurada pelo trabalho coletivo dos grupos, onde cada pessoa dentro de suas atribuições desenvolve suas atividades nesse espaço sagrado. Os vários símbolos criados por esses grupos dentro desse espaço contribuem para o fortalecimento da manifestação religiosa, pois a partir deles, estarão conscientes e aptos para realização de cada etapa da festa.

Isso porque baseado na definição de Bonnemaïson (2002), um símbolo se constitui em torno de pontos geográficos carregados de conceitos políticos e religiosos ao qual

orienta a visão de mundo do grupo cultural. Ainda sobre o ponto de vista da abordagem cultural, o espaço simbólico, é carregado de afetividade, valores e significações, e que ele (BONNEMAISON, 2002) define Geossímbolo como: “[...] um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade (BONNEMAISON, 2002, p. 109)”.

Corrêa (2006, p.54) afirma que “os geossímbolos podem estar representados por pontos fixos, como por exemplo, rochedos, árvores, construções, rios, desníveis e itinerários reconhecidos [...]”. Desse modo, vale ressaltar que na cidade de São Luís, diferentemente da cidade de Belém onde a Hierofania se caracterizou pelo achado da imagem de Nossa Senhora, podemos pensar a construção da igreja e os itinerários como geossímbolos, tendo em vista que ele representa um ponto fixo religioso cultural do catolicismo na cidade, ressaltando ainda que o sagrado também tem estado implícito na paisagem urbana, demonstrando essa relação geossimbólica.

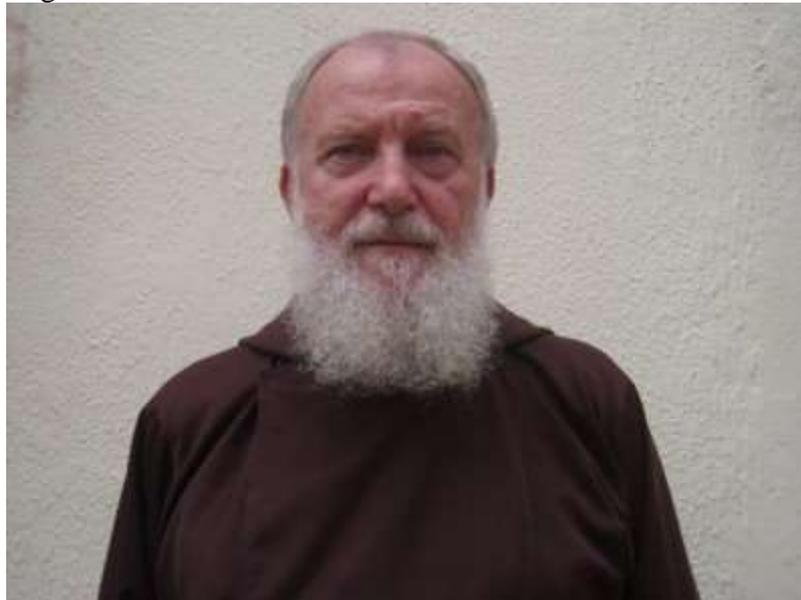
Determinados grupos atribuem valores simbólicos a diferentes objetos como grutas sagradas, pedras, fontes ou a imagem de um Santo e ainda se apropriam, utilizam e/ou controlam afetivamente (romeiros, fiéis) e efetivamente (Igreja, Prefeitura e até barraqueiros) esses símbolos que têm o poder de serem atraentes, ou tem força mística. Além do mais, esses símbolos tornam o local um centro convergente de crenças e tentar desvendar os valores desses símbolos sagrados e também os atos simbólicos de visitar o Santuário, tocar a imagem do santo, seguir a procissão, fazer e pagar promessas, assistir à missa, entre outros, nos ajudam a conhecer a dimensão espacial do sagrado (ROSA, 2007, p.42).

A comunidade católica do bairro Cohatrac começou a surgir no final da década de 70 quando alguns moradores recém-chegados no conjunto resolveram se reunir para criar a Associação de Moradores do Bairro e reivindicarem medidas consideradas urgentes para um conjunto novo e ainda sem a estrutura necessária para ser habitado. Dentre elas, estava a assistência religiosa que os moradores não tinham e da qual sentiam falta, pois alguns deles vinham de outras comunidades onde eram engajados.

Após as solicitações formalizadas, o Frei Liberato Giudici (Figura 14), ligado a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no Bairro da Cohab (na época ainda uma comunidade da Paróquia Nossa Senhora da Conceição no Bairro do Anil) sugeriu que fosse criado um grupo para cuidar das atividades religiosas da nova comunidade, dando origem então, em 1980, o grupo “Unidos Venceremos” que teve entre seus membros alguns pioneiros residentes no bairro. Em uma das reuniões do grupo “Unidos Venceremos” ficou acertado que

a comunidade precisava escolher um (a) padroeiro (a) como é o costume católico, e então a forma de escolha foi através de sorteio, onde entre os nomes indicados para concorrerem e mais votado, foi o de Nossa Senhora de Nazaré, eleita como padroeira da comunidade (PNSN, 2017).

Figura 14: Frei Liberato Giudici.



Fonte: <http://www.icatolica.com/2012/03/quadro-historico-da-paroquia-nossa.html>

O projeto de construção da capela de Nossa Senhora de Nazaré se inicia no ano de 1984, em um terreno com 2.400 m<sup>2</sup> doado à Associação ente as ruas B e C do Cohatrac I, acontecendo ali um ato de sacralização desse espaço. Tal fato marcou o início de um projeto comandado pelo Frei Liberato Giudici, onde segundo o portal de notícias da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré São Luís, foi solicitada ajuda à ADVENIAT (Associação Italiana Católica), que ajuda as igrejas mais pobres, sendo apoiado também por forças reunidas: catequistas, juventude, legionárias e o povo que já se mobilizava para a realização do desejo de receber a capela, tendo como meios de arrecadação de fundos, bingos, leilões, além da realização de dois grandes festivais de prêmios com sorteio de geladeira, fogão, televisão e videocassete.

Em entrevista, o Senhor Alan Roberth Vieira Alves atualmente membro da pastoral litúrgica da comunidade e um dos organizadores do primeiro Círio de Nazaré, relata como era a capela (Figura 15) antes da construção da Igreja:

*A capela tinha 9 metros de frente por 15 de fundo. No presbitério havia um crucifixo no fundo na parte mais alta, junto com uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré de*

80 cm e abaixo um sacrário de metal com portas trabalhadas com figuras de pão, trigo e cachos de uva. O altar de madeira preta e um ambão<sup>25</sup> estreito também de madeira. O formato da capela lembrava um cálice e foi durante anos o espaço que serviu para as atividades religiosas. Atrás da capela foram também construídas salas, banheiros, cozinha e um salão paroquial para as reuniões e atividades pastorais. (ALAN VIEIRA, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).

Figura 15: A parte de trás da capela.



Fonte: Duarte, 1992.<sup>26</sup>

No ano de 1986 foi oficialmente criada a Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no Bairro da Cohab nomeando Frei Gentil Gianellini (Figura 16) como seu primeiro pároco, e como a comunidade do Cohatrac, já era assistida pelos frades daquela congregação, passou a compor formalmente uma das comunidades da nova paróquia, e com isso almejar também o título e paróquia. Esse esforço começou antes mesmo dos anos de 1990, pois se

<sup>25</sup> A Mesa da Palavra, ou Ambão, é de onde se proclama a palavra de Deus para a comunidade. A palavra vem do grego “*anabaino*”, que significa subir, elevar, lugar para onde se sobe (os ambões antigos tinham sempre degraus). Sua elevação facilita a transmissão da Palavra e a visibilidade do leitor. O ambão deve estar em um lugar condigno, pertinente à dignidade da Palavra a ser aclamada. Devem ser proclamados do ambão, o evangelho, as leituras, os salmos, a homilia, as orações dos fiéis. Mas não se deve fazer dele os comentários e introduções às leituras, nem dirigir o canto da assembleia, pois a dignidade da palavra de Deus é tão grande que merece um lugar que lhe seja reservado (SILVA, 2005).

<sup>26</sup> Foto capturada pelo Sr. Francisco César Dominici Duarte, membro da pastoral de comunicação da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, São Luís.

levou em consideração o código canônico de 1983, que define uma paróquia como uma comunidade de fiéis, constituída estavelmente na igreja.

Figura 16: Frei Gentil Gianellini.



Fonte: <http://www.icatolica.com/2012/03/quadro-historico-da-paroquia-nossa.html>

No início da década de 1990, Dom Paulo Ponte, arcebispo de São Luís na época, enviou para o Cohatrac o Padre José Bráulio Sousa Ayres com finalidade de organizar os trabalhos para transformar a comunidade do Cohatrac também em Paróquia. Vieram acompanhando os seminaristas Josimar Pinheiro e Benedito Araújo. Coordenava o Conselho Pastoral Comunitário o Senhor Ivaldino Fonseca Espósito (Figura 17), a quem coube também a missão de auxiliar o padre Bráulio nessa tarefa, onde depois de criada a Paróquia tornou-se o primeiro Coordenador do Conselho Paroquial. (SEMEADOR, 2017)

Figura 17: Sr. Ivaldino Fonseca Espósito.



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Ivaldino Espósito, 2016.

A comunidade deu início então a uma série de eventos, em promoção a uma campanha de tijolos (Anexo 2) em prol da construção da nova igreja, tais como a Feijoada comunitária (Figura 18), a I Seresta comunitária (Figura 19), que ocorreram em dezembro de 1989, além de dois grandes festivais de prêmios, todos sob o comando do Coordenador Ivaldino Espósito. Em entrevista o mesmo retrata ainda que a campanha “Caminhão do tijolão” aconteceu através da mobilização de voluntários que saíram pelas ruas pedindo tijolos aos moradores, acompanhados de um caminhão que recolhia o material doado, e juntamente com um carro de som divulgava o evento, fato esse que marcou a comunidade, pois, toda a igreja foi construída através de doações.

Figura 18: Feijoada Comunitária



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Ivaldino Espósito, 1989.

Figura 19: I Seresta Comunitária

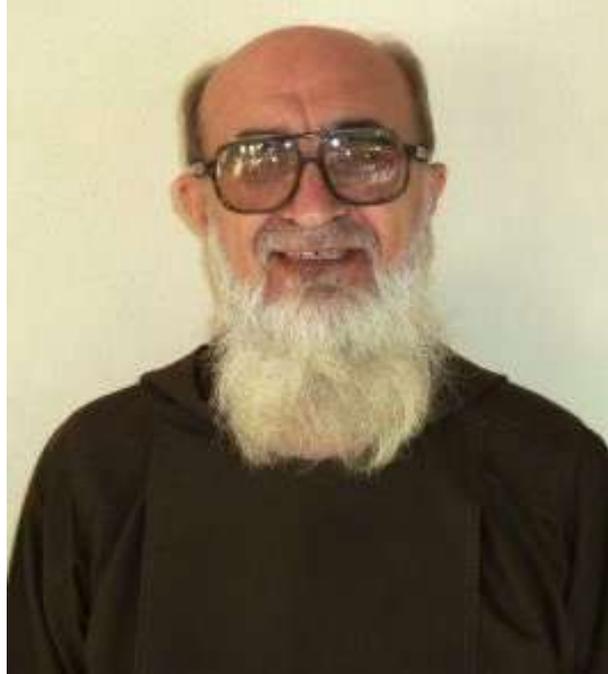


Fonte: Acervo pessoal do Sr. Ivaldino Espósito, 1989.

O Sr. Ivaldino Espósito, afirmou ainda que: “O tijolo é apenas um símbolo”. A edificação anterior, levantada quando conjunto só possuía duas etapas (Cohatrac I e II) tornou-se pequena para atender os moradores do bairro e adjacências (Jardim das margaridas, Araçagy, Primavera, Planaltos I, II e III) envolvendo uma população de cerca de 50 mil

pessoas. Ainda segundo os coordenadores da Campanha, além do Sr. Espósito, o Frei Gentil Gianellini e o Frei Benjamin Zanardini (Figura 20), seriam necessários NCz\$ 500.000,00 para construção da igreja.

Figura 20: Frei Benjamin Zanardini.



Fonte: <http://www.icatolica.com/2012/03/quadro-historico-da-paroquia-nossa.html>

Em entrevista, a Sra. Kadja Régia Silva Lima, participante da comunidade há 27 anos, relata sobre sua experiência na Campanha do tijolo:

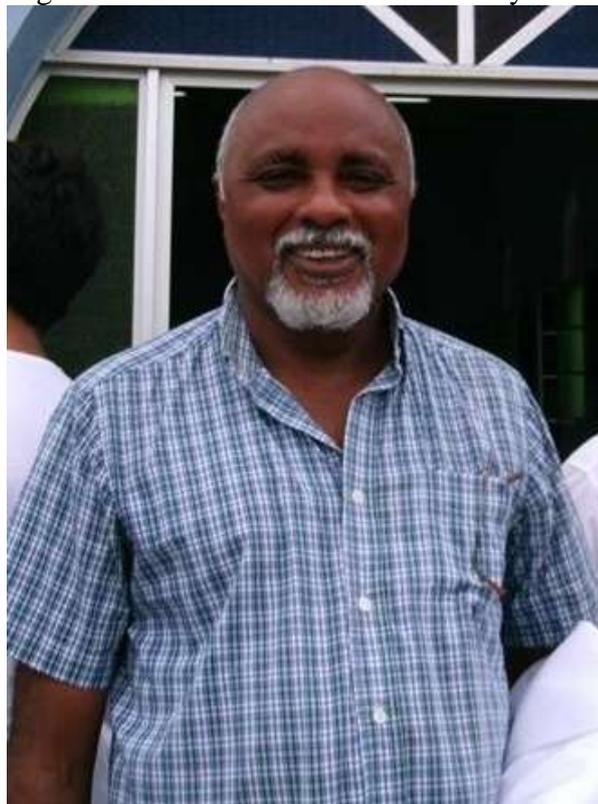
*Aos doze anos eu já estava inserida na pastoral do dízimo por observar o trabalho que meu pai Régio Antonio Lima já realizava na comunidade. Ainda criança, participei de uma das maiores campanhas da nossa comunidade, a "Campanha do tijolo". Saíamos no bairro com um caminhão e um som pedindo tijolos pela rua para a construção da nossa igreja. Batíamos de porta em porta e para nossa surpresa a comunidade atendeu ao nosso apelo. Em muitas casas nem chegávamos a pedir os moradores já estavam com seus tijolos na porta. Uma experiência viva da solidariedade dos moradores e da força da fé. Hoje adulta, olho para a igreja e lembro os jovens, crianças, padres, idosos e adultos em meio ao sol quente carregando tijolos para um bem comum. Entendo que a igreja do Cohatrac é um símbolo de uma comunidade que responde aos apelos da igreja, ou seja, madura na fé (KADJA LIMA, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).*

Sobre a transição da capela para a construção da nova igreja, Frei Benjamim Zanardini, descreve com muito ânimo esse momento através de uma carta redigida no Convento do Carmo, na Cidade de São Luís, no ano de 2003, e enviada à Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré:

*Corria o ano de 1989. No cohatrac, populoso conjunto da cidade de São Luís, havia um capela dedicada a Nossa Senhora de Nazaré construída alguns anos antes pelos frades capuchinhos que trabalhavam na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Cohab. Vários frades foram tomando de conta daquela comunidade que estava aumentando cada vez mais: Frei Liberato Giudici, Frei Ulderico Chigioni (construtor da capela) Frei João de Deus Garagiola, e Frei João de Deus Nascimento. No início de 1989, Frei Gentil Gianellini, Paróco da Cohab e eu assumimos o acompanhamento pastoral da comunidade cristã do Cohatrac: Eu celebrava a missa da saúde de tarde e domingo de manhã e Frei Gentil celebrava a missa da comunidade domingo noite. Encontramos a comunidade bem organizada e animada, que já estava se preparando para se tornar paróquia e para construir uma nova igreja.*

Em outubro de 1991, Padre José Bráulio Sousa Ayres (Figura 21), decide começar a construção da nova igreja, convocando a comunidade a se unir em prol desta obra. A reforma se estendeu até ano de 1993, e por esse motivo, neste ano não ocorreu o Círio de Nazaré, apenas o festejo sendo realizado entre os dias 08 a 17 de outubro.

Figura 21: Padre José Bráulio Sousa Ayres



Fonte: <http://blog.oquartopoder.com/aldirdantas/?p=674>

A atual igreja possui 15 metros de largura por 45 de comprimento, abriga cerca de 900 pessoas sentadas, caracterizando uma construção de engenharia moderna e possui frente de forma assimétrica com um frontão e uma torre de aproximadamente 15 m de altura, a qual abriga um conjunto de sinos (Figura 22), e por dentro possui nave aberta com presbitério<sup>27</sup> de 12 m<sup>2</sup> que foi sendo terminado aos poucos, pois de início contava apenas com um crucifixo de 1,5 m de altura com a imagem de Jesus Cristo, um sacrário e a imagem da padroeira, que media 80 cm de altura, todos eles vindos ainda da antiga capela.

Figura 22: Igreja da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré. Acesso em: Jan. 2017.

Vale ainda ressaltar que igreja já prevê uma nova reforma, para ampliação e construção de um santuário, levando a consideração o aumento de fiéis e a visibilidade através do Círio de Nazaré. O projeto arquitetônico (Figura 23) ainda não possui previsão para ser colocado em prática, mas a paróquia já iniciou os projetos para arrecadação de fundos, a exemplo da campanha “Sou devoto benemérito do Círio de Nazaré” que foi lançada no dia 16 de abril de 2017 e consiste em uma distribuição de Carnês com 12 parcelas entre aqueles que aderirem à campanha, onde o valor mínimo de cada parcela é R\$ 25,00, mas as doações poderão ser realizadas de acordo com a vontade de cada um. (PNSN, 2017).

---

<sup>27</sup> Presbitério é o espaço que em uma Igreja ou Catedral Católica precede o Altar-Mor e costuma ser um lugar destinado aos Sacerdotes.

Figura 23: Projeto arquitetônico em 3D da reforma e ampliação da Igreja Nossa Senhora de Nazaré.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré. Acesso em: Jan. 2017.

Através dos relatos descritos, imagens e mapas, podemos entender uma das maneiras de constituição desse espaço sagrado, a construção de geossímbolos, que agrega um valor sagrado ainda maior, pois é neles e por eles que os fieis Nazarenos assumem uma relação simbólica. A partir do momento em que a festa se inicia os geossímbolos assumem maior destaque dentro desses espaços, e levando em consideração que podem ser inúmeros os geossímbolos presente no espaço sagrado, além da igreja, necessário se faz dar-se uma atenção especial também aos itinerários realizados pela imagem desde sua chegada a cidade de São Luís (Romaria e procissões), além do local onde é realizada a celebração de encerramento do festejo (retorno da Avenida Nossa Senhora de Nazaré).

A Romaria e a Grande Procissão possuem um valor simbólico muito importante para a Festa, pois remontam os itinerários realizados pela imagem de Nossa Senhora de Nazaré em sua visita a Cidade de São Luís no ano de 1992. Segundo O Plano de Operações “Círio de Nazaré”, do Comando de Policiamento da Capital, após sua chegada acompanhada por uma equipe, somaram-se aos integrantes da comissão maranhense, e acompanharam a Santa em cortejo até a Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Figura 24), no Centro da cidade, onde foi celebrada uma missa na área externa da igreja (COMANDO DE POLICIAMENTO DA CAPITAL, 1992).

Figura 24: Igreja de Nossa Senhora do Carmo - Centro de São Luís.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Maio, 2016.

O plano de Operações possuía por Missão garantir a segurança e a preservação da ordem pública por ocasião da visita da Imagem de Nossa Senhora de Nazaré a São Luís, intensificando a partir do dia 27/06/1992 até 28/06/1992 o policiamento ostensivo a pé, motorizado e de trânsito, com ênfase nos itinerários descritos e esboçados nos anexos B e C do Plano (Anexo 3). O plano de Operações contou com o apoio do 1º Batalhão da Polícia Militar (BPM), O Batalhão da Polícia de Trânsito – BPTRAN (Atual Companhia de Polícia Militar Rodoviária – CPRV), a Companhia de Rádio Patrulhamento – CIA RP (Atualmente 9º Batalhão de Polícia Militar do Maranhão) e a Companhia de Choque – CIA CHQ (Atualmente Batalhão de Choque do Maranhão) (COMANDO DE POLICIAMENTO DA CAPITAL, 1992).

Ainda no dia de chegada a Imagem seguiu para a paróquia Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, localizada no Bairro da Cohab, dando prosseguimento a programação, como mostra o Anexo B do programa de visitas da Imagem (Figura 25), elaborado pela comunidade da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. No dia seguinte, o cortejo levando a imagem, se encaminhou para a igreja do Bairro Cohatrac, e na noite deste mesmo dia (28/06), aconteceu uma grande Celebração Eucarística na qual foi ordenado presbítero, o padre Cláudio Corrêa. E nesta mesma celebração Dom Paulo Ponte leu a ata de criação da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré do Cohatrac.

Figura 25: Programa de Visita da Imagem de Nossa Senhora de Nazaré em São Luís (Anexo B)



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 1992.

Desse modo, a Romaria do Círio de Nazaré refaz o percurso realizado pela Imagem no ano de 1992 do Centro (Igreja de Nossa Senhora do Carmo) até o bairro da Cohab (Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) e a Grande procissão que marca o dia do encerramento do festejo e é realizado no mesmo dia da procissão na cidade de Belém – PA (Segundo domingo de Outubro), recria os passos dados pelos fiéis do Bairro da Cohab (Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) até o Bairro do Cohatrac (Paróquia Nossa Senhora de Nazaré).

Analisando os símbolos da devoção a Nossa Senhora de Nazaré, podemos observar o constante aumento no número de pessoas na festa e nos itinerários, pois elas desenvolvem as suas experiências religiosas crendo na sacralidade desse espaço de devoção, e participam dos eventos em busca de melhoria pra suas vidas, através de suas penitências e promessas. Nesse Sentido Rosendahl (2007, p. 215) afirma “[...] a mensagem descrita no espaço em termos simbólicos reflete o peso do sonho, das crenças dos homens e de uma busca de significação”.

Dessa forma, os conflitos e embates que giram em torno da celebração à Nossa Senhora não são recentes, perpassam por toda a história dos Círios e reaparecem com outra roupagem. Desde a demasiada influência dos símbolos portugueses que compunham a festividade, até a tentativa de retirada de um dos principais elementos da festa, como por exemplo, a “a corda”, foram núcleos de discussões e disputas materiais e simbólicas. A corda (símbolo de união entre o povo e a santa), contraditoriamente já foi motivos de desunião entre autoridades eclesiais e os devotos (BRITO e GOMES, 2016).

## CAPÍTULO 3

---

### **ESPAÇO SAGRADO: VIVÊNCIAS ESPACIAIS E PRÁTICAS RELIGIOSAS NA FESTA DO CÍRIO DE NAZARÉ EM SÃO LUÍS – MA.**

[...] *“Sede bendita senhora, farol da eterna bonança nos altos céus, onde mora a luz da nossa esperança. E lá da celeste altura, no vosso trono de luz, dai-nos a paz e ventura de nosso amado Jesus. E lá da celeste altura, no vosso trono de luz, dai-nos a paz e ventura de nosso amado Jesus”* (Hino de Nossa Senhora de Nazaré).

Segundo Teixeira (2009), as religiões cristãs influenciam o desenho urbano de uma cidade, e as festas populares são rituais que consistem em momentos especiais de convivência social, reafirmando laços de um dado grupo. Desse modo, neste capítulo identificaremos as práticas religiosas do Círio de Nazaré no contexto espacial da Cidade de São Luís, uma vez que em seu período de acontecimento, é possível observar a presença e influência da festa em várias partes da cidade.

Fazer e pagar promessas, rezar terços e novenas, participar de procissões, acender velas em homenagens a santos, e entre tantas outras práticas, compõem um conjunto de ritos de religiosidade do catolicismo popular presentes no Círio. Os romeiros, em especial aqueles devotos de Nossa Senhora de Nazaré, que se dirigem ao Bairro do Cohatrac todos os anos, nas datas específicas de acontecimento da festa, cumprem determinados ritos religiosos acreditando no poder de Deus, da Virgem Maria e dos Santos para conseguirem vencer suas adversidades da vida cotidiana, como desemprego, pobreza, violência, problemas de saúde, brigas familiares, desilusão amorosa, entre tantas outras coisas que afligem essas pessoas.

Nesse sentido analisar as vivências espaciais e as práticas religiosas dos devotos do Círio torna-se complexo, levando em consideração que as mesmas variam muito no espaço/tempo sagrado de acordo com o comportamento e as atitudes de cada pessoa e de seus interesses. Portanto, para compreender o universo dos romeiros e frequentadores do Círio de Nazaré, saber sobre suas práticas religiosas e representações geossimbólicas (Figura 26) a respeito do espaço/tempo sagrado, partindo da observação participante, investigou-se sobre as relações e vivências dos fiéis com o sagrado no Cohatrac.

Figura 26: Procissão de Nossa Senhora de Nazaré em São Luís.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016

### 3.1 História do Círio de Nazaré no Bairro do Cohatrac em São Luís – MA

*[...] Um certo dia, no ano de 1989, após a reunião com o grupo da comunidade, eu estava conversando com algumas pessoas, na frente da capela, e passou por ali uma mulher que pediu para falar comigo. “Frei, me diz, eu fiz uma promessa a Nossa Senhora de Nazaré, mas nunca consegui ir para Belém para pagar minha promessa, o que devo fazer?”. À distancia de 15 anos não lembro o que respondi para resolver o problema daquela mulher, mas a partir daquele momento comecei a perguntar-me, porque não iniciar aqui mesmo, nesta capela dedicada a Nossa Senhora de Nazaré um Círio Maranhense? E aquele pensamento voltava com insistência. (Frei Benjamim Zanardini, 2003).*

A fé descrita informalmente na carta de Frei Benjamim revela a intimidade com a santa no cotidiano da comunidade, vivenciado através dos pedidos e certezas de resposta da padroeira, que são direcionados a ela. A narrativa acima constrói o surgimento da palavra Círio na Cidade de São Luís, que ainda no ano de 1989 foi citada publicamente pelo Frei Benjamim em uma entrevista televisiva de divulgação do festejo de Nossa Senhora de Nazaré concedida a Difusora<sup>28</sup>, cogitando a possibilidade de um possível Círio maranhense.

No dia 8 de outubro de 1989 o festejo foi encerrado com a procissão e a santa missa campal no pátio por trás da capela, e convidado para dar a bênção final, Frei Benjamim volta a falar do assunto, onde segundo relatos escritos por ele, disse: “Vejo aqui, diante de mim uma grande igreja, o santuário de Nossa Senhora de Nazaré, o Círio Maranhense”. Houve um instante de silêncio e depois palmas tímidas, indicando que as coisas não ficaram tão claras para todos. No mês de novembro fora editado o 1º número do boletim da comunidade, denominado de “O comunitário”, e na segunda página, Frei Benjamim volta a tratar do assunto na rubrica “Opinião” (ANEXO 4) o qual traz:

*Não queremos subtrair nada ao Círio do Pará, e muito menos competir com a esplêndida manifestação de fé e de folclore que foi se enriquecendo nestes dois séculos de história. Pretendemos unicamente favorecer e incrementar a devoção a Nossa Senhora de Nazaré e oferecer a ocasião para muita gente da nossa cidade e do Maranhão expressarem aqui sua fé e devoção, ter o nosso pequeno Círio (ZANARDINI, 1989).*

No ano de 1992, o Frei Benjamim foi transferido para a cidade de Macapá – AP, mesmo ano em que o Círio de Nazaré de Belém do Pará estava completando 200 anos de história e a aquela arquidiocese resolveu fazer uma peregrinação com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré pelas capitais brasileiras, como dissemos anteriormente. Ao receber o

<sup>28</sup> A Difusora é uma rede afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão - SBT no Maranhão, com sede na cidade de São Luís. Durante os anos de 1986 à 1991, a Difusora foi afiliada à Rede Globo de Televisão. A entrevista do Frei Benjamim Zanardini e do Sr. Espósito foi concedida no mês de setembro do ano de 1989, sob a supervisão do diretor de jornalismo da época Luiz Pedro de Oliveira e Silva.

convite para acolher o evento, o então arcebispo metropolitano de São Luís, Dom Paulo Eduardo de Andrade Ponte, consultou o vigário-geral da arquidiocese, na época o Padre José Bráulio Ayres, sobre o local onde pudesse acontecer a visita, e o mesmo, que já estava responsável pela quase Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, reclamou para si o evento por ser esta comunidade também dedicada à Senhora de Nazaré.

Confirmada a visita, toda a arquidiocese se mobilizou na preparação para a visitada imagem, divulgando para comunidade (Figura 27) e solicitando ajuda, pois a quase paróquia ainda com suas poucas lideranças não podia preparar sozinha a recepção. Segundo relatos, os casais paraenses que faziam a peregrinação ficaram impressionados com a recepção feita à imagem e declararam ter sido um momento único de efervescência da fé, demonstrada pelos maranhenses, e prometeram assim, enviar de presente à nova paróquia uma réplica da imagem da Virgem de Nazaré que está em Belém, e propuseram à comunidade que se realizasse aqui também todos os anos o Círio de Nazaré, proposta logo aceita pelo pároco e por todos da comunidade (PNSN, 2017).

Figura 27: Cartaz de divulgação da visita da Imagem no ano de 1992.



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Ivaldino Espósito, 1992.

Acompanhada por uma multidão de fiéis calculada em cerca de 30 mil pessoas (Figura 28) segundo a Polícia Militar, o Círio começou as 07:30 da manhã, saindo da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no Bairro da Cohab, percorrendo a Avenida Jerônimo de Albuquerque em direção a Igreja Nossa Senhora de Nazaré no bairro Cohatrac. Segundo o Sr. Espósito, o clima foi de tranquilidade, garantido por um bom esquema de segurança, três carros de som, que ajudaram a animar com cânticos e orações, e um carro do corpo de bombeiros, que transportou a imagem, tendo a frente Dom Paulo Ponte e mais vinte representantes do clero maranhense.

Figura 28: Fiéis acompanhando a imagem.



Fonte: Jornal O imparcial, 1992, p. 7.

Os devotos de Nossa Senhora de Nazaré em São Luís realizaram o mesmo ritual do Círio de Belém, e alguns deles descalços, pagaram suas promessas através da penitencia de acompanhar todo o percurso da procissão, segurando também a corda (Figura 29) que protegia a imagem da santa. A maioria dessas pessoas era formada por senhores e senhoras, que mesmo aos empurrões, calor e cansaço, não soltaram da corda, pois muitos deles estavam agradecendo a Nossa Senhora de Nazaré as graças alcançadas, e consideradas por eles verdadeiros milagres.

Figura 29: Devotas segurando a corda em ato de promessa.



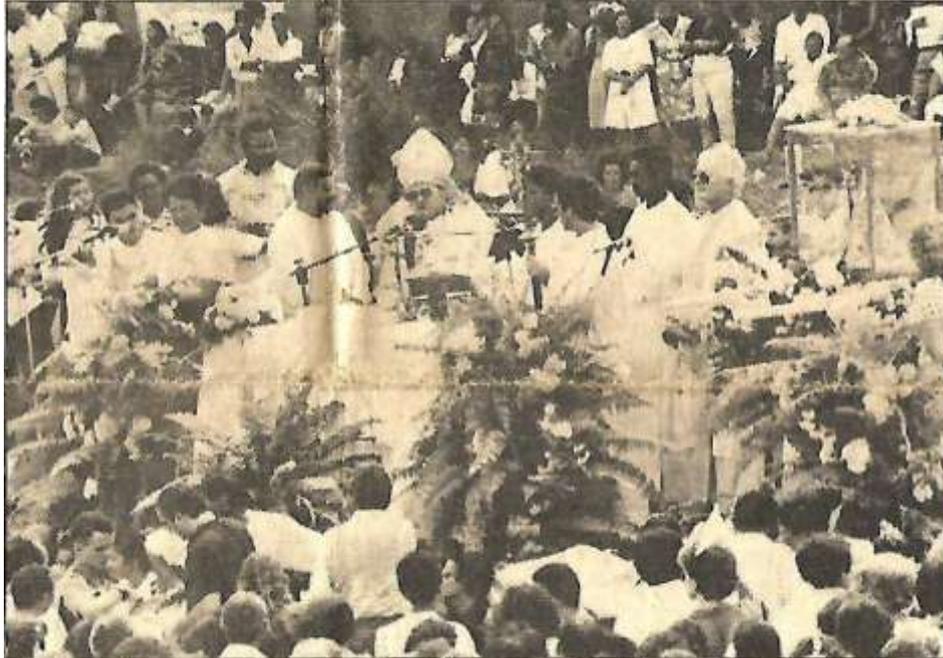
Fonte: Jornal O imparcial, 1992, p. 7.

Antes da missa de encerramento foram realizadas três paradas, uma em frente a maternidade Marly Sarney<sup>29</sup>, no Bairro da Cohab, onde Dom Paulo Ponte segurando a imagem realizou a cerimônia da benção da saúde; a segunda em frente ao supermercado da extinta rede Lusitana, no Bairro do Cohatrac (Atualmente uma unidade da rede de farmácia Extrafarma), com a benção dos alimentos; e a terceira na porta de uma escola pública, localizada ao lado da igreja Matriz, também no Bairro do Cohatrac, com a benção da educação.

A caminhada durou cerca de duas horas onde ao término foi celebrada uma santa missa na rotatória do cruzamento das avenidas Leste-Oeste com Norte-Sul, presidida por Dom Paulo Ponte, (Figura 30) e concelebrada por vários padres da arquidiocese, finalizando a celebração, com a benção do arcebispo à multidão, com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré.

<sup>29</sup> O hospital maternidade Marly Sarney, pertence à rede estadual de saúde do Maranhão, está localizada em uma das principais Avenidas de São Luís, a Jerônimo de Albuquerque, situada no Bairro da Cohab Anil. Com data de fundação em 1974, esta unidade é considerada uma das mais importantes unidades de alto risco do Estado.

Figura 30: Dom Paulo Ponte, celebrando Missa Campal no Bairro do Cohatrac.



Fonte: Jornal O imparcial, 1992, p. 1.

Em entrevista, o Senhor Francisco Carlos Rosa, um dos membros da pastoral familiar da paróquia, afirma que “[...] a chegada do Círio de Nazaré foi um dos momentos mais importantes para a comunidade, pois veio trazer uma maior integração cristã, aumentando a vivência da fé na comunidade.” Nesse contexto, a chegada da Imagem, nesse formato oficial do Círio, foi fundamental, pois como explica Lopes (2011), na medida em que ela se “dispõe” a participar da festa no mesmo nível dos homens, eles apropriam-se de uma dimensão mais profunda, ou seja, a que diz respeito à própria vida e aproximar-se tanto da santa na procissão implica, ainda, a simplificação da relação com o sagrado, que se torna mais direta.

No ano de 2017 o Círio de Nazaré em São Luís comemora 25 anos de existência, considerada a segunda maior festa católica da Arquidiocese de São Luís, perdendo apenas para a festa de São José de Ribamar, padroeiro do Maranhão, que é realizada há mais de 200 anos. Hoje o Círio de Nazaré do Cohatrac é um evento constante do calendário religioso e cultural da cidade, sendo realizado em 11 dias de festa, com encerramento sempre no segundo domingo do mês de outubro e com várias pessoas da comunidade e de outras paróquias ajudando na preparação e realização do evento, envolvendo cerca de 1000 pessoas, e divididas em onze equipes de trabalho, nas quais se integram e trabalham voluntariamente.

### 3.2 A organização do Círio e os agentes envolvidos

Para quem observa o evento do Círio, um dos aspectos que mais chama atenção é a capacidade que esta manifestação tem de aglomerar pessoas, e é a esta capacidade crescente de atração de participantes que atribuímos como indicativo do crescimento do Círio, que por sua vez, tem levado a uma expansão do mesmo, enquanto festividade, para outros espaços dentro e fora dos limites da Cidade de São Luís. Esse crescimento é entendido pelos componentes das equipes de trabalho como consequência do processo de organização praticado.

Todo o processo de organização do Círio se norteia com base em documentos denominados Planos de Trabalho, que especificam as tarefas pertinentes a cada equipe e orienta a maneira como estas devem ser realizadas, a exemplo das atribuições da equipe de Recepção (Anexo 5). Além disso, existe também, um regimento interno que define deveres, obrigações e condições para a execução das atividades do grupo. Esses documentos constituem uma espécie de roteiro de atividades que cada equipe utiliza na execução de seus trabalhos e através deles é possível ter noção do processo de realização do Círio, desde as primeiras ideias até seu acontecimento.

A Comissão da Festa do Círio desempenha um serviço, apoiado pela Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré e vinculado às Obras Sociais da Paróquia, onde paralelo a esse trabalho do Círio, todos os integrantes da Comissão e das equipes têm suas profissões e as desempenham diariamente. O exercício das funções é encarado pelos membros como um serviço essencialmente cristão, que deve ser realizado com humildade, dedicação e espírito de doação voluntário, e todas essas qualidades e esforços são traduzidos em doação de tempo e talento para Nossa Senhora de Nazaré, demonstrando um compromisso tão forte que, para eles, é fundamental que o trabalho também seja feito com profissionalismo.

Segundo o documento de organização do Círio, na década de 1992, ano em que a Cidade de São Luís recebe a visita da imagem, participaram da organização, e integraram a primeira Comissão organizadora da festa as seguintes pessoas: Dom Paulo Pontes (Presidente de Honra), Frei Gentil, Pe. Bráulio, Pe. Jozimar Pinheiro, e Pe. Biné, e os engajados da paróquia Ivaldo Espósito, Régio Lima, Marcio, Nancy, Adelman, Fátima Céu, Esmeralda, Allan Vieira, Adilson, e Aparecida. Os membros foram divididos em comissões e cada comissão tinham suas atribuições como mostra o Quadro a seguir (Quadro 3), sendo importante ressaltar, que desde o início houve uma parceria entre o poder público, a igreja e os colaboradores no processo de organização da festa.

Quadro 3: Equipes de trabalho montadas para a chegada da imagem em São Luís e suas atribuições.

<b>COMISSÕES</b>	<b>ATRIBUIÇÕES</b>
<b>CULTO E PROCISSÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaborar e executar o programa religioso da visita;</li> <li>• Organizar o terço;</li> <li>• Acolhimento e Transladação do aeroporto/Cohatrac/aeroporto;</li> <li>• Preparar a celebração Litúrgica do Cohatrac.</li> </ul>
<b>RELAÇÕES PÚBLICAS E DIVULGAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoiar as atividades das demais comissões;</li> <li>• Elaborar o programa geral da Visita e divulgar a nível Estadual;</li> <li>• Criar a propaganda e veicular através de folhetos e cartazes;</li> <li>• Elaborar e enviar noticiário para os meios de comunicação de massa local (Rádio, TV, Jornais);</li> <li>• Divulgar o evento através do carro de som no conjunto e adjacências.</li> </ul>
<b>DECORAÇÃO E SONORIZAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Garantir o sistema de som para a procissão e missa campal;</li> <li>• Providenciar a limpeza e desobstrução de espaços físicos para realização da Missa Campal;</li> <li>• Ornamentar a área externa da igreja N. Sra. de Nazaré e o Andor da Imagem Visitante;</li> <li>• Providenciar a iluminação pública para o local da celebração;</li> <li>• Conseguir fogos de artifício e queima-los nos momentos oportunos.</li> </ul>
<b>SEGURANÇA E FISCALIZAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalhar em conjunto com a comissão de culto e procissão na organização da segurança do cortejo;</li> <li>• Estudar e definir o percurso a ser realizado;</li> <li>• Providenciar ofícios para os organismos públicos responsáveis pelo isolamento de ruas/ avenidas/ deslocamento de tráfego (DMT/PM/BPTRAN).</li> </ul>

Fonte: Documento de organização de equipes – PNSN, 1992. Organização Sousa, 2017.

Atualmente, os que participam da Comissão organizadora da festa têm uma caminhada religiosa bastante comprometida, sendo relativamente longa sua trajetória em grupos da paróquia, constituindo assim um requisito para que sejam convidados a integrar o grupo. No entanto, através de uma visão mais ampla pode-se perceber que além dessa comissão, há outros agentes colaboradores, na organização/realização do mesmo, como é o caso de patrocinadores e do poder público, de modo que, levando em consideração as funções desses agentes, é possível afirmar que para além da dimensão religiosa, outros fatores podem fazer do Círio uma celebração de muito interesse e visibilidade.

Segundo relatos do Sr. Allan Roberth Vieira, a relação entre a organização do Círio e o poder público se mantém ao longo da sua história, desde a oficialização do evento, que teve o apoio de autoridades como a do prefeito em exercício Jackson Lago (1989-1992), e a do Diretor geral do departamento de trânsito Pedro Magalhães de Sousa Filho, até a atual realização da festividade.

Essa parceria entre os poder público e religioso é uma constante, sendo possível afirmar, com base em documentos da época, como ofícios e permissões (Anexos 6, 7, 8 e 9), que o primeiro Círio fora organizado tendo à frente além do religioso, o poder público, desempenhando o papel de autorizar as procissões, a interdição de ruas, avenidas e praças, organizar o tráfego de veículos pequenos e desvios dos transportes coletivos, além de fiscalizar e orientar as pessoas nos locais.

Sobre a participação do poder público nos dias atuais, o Padre Flavio Collins<sup>30</sup>, pároco da comunidade e um dos organizadores do Círio, comenta:

*[...] é indispensável a parceria do Governo do Estado que normalmente participa através de duas secretarias, a de comunicação, e secretaria de cultura por conta da parte cultural, então o círio cultural que a gente realiza é sempre valorizando um pouco a cultura maranhense, apresentações artísticas, cantores e etc. [...] Normalmente eles não dão dinheiro, mas arcam com despesas de som, luz e palco, tanto pra parte cultural, quanto pra missa de encerramento, geralmente a contribuição deles vem por aí, nesse sentido. A prefeitura, quando ela contribui é sempre pela cultura, ou então pela secretária de comunicação (Figura 31), pela parte nossa de mídias, então cartazes às vezes eles dão, folders, não é sempre não, esse ano, por exemplo não (2016), mas tem as vezes, a participação. [...] eles dão pra nós a infraestrutura, no sentido de as licenças que a gente precisa, então a gente precisa sair lá do Carmo pra cá, então a SMTT dá o apoio, policia militar nos acompanha, liberação da praça, então todas as licenças de secretarias a gente tem, tem esse apoio né, de permissões pra gente poder realizar o Círio, agora*

---

<sup>30</sup> O Padre Flávio Marques Collins, é o atual pároco da comunidade, possui mestrado em Roma e é o único maranhense especializado em Exegese bíblica (explicação ou interpretação crítica de um texto, particularmente de um texto religioso), além disso, é o responsável por comandar as ações no Círio, ao qual nada é realizado sem o seu consentimento.

*financeiramente, entra pela secretaria de cultura ou pela secretaria de comunicação, mas nunca dinheiro, eles contratam empresas e elas fornecem o trabalho, normalmente assim (FLÁVIO COLLINS, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).*

Figura 31: Edvaldo Holanda Junior, atual Prefeito de São Luís e a Comissão do Círio.

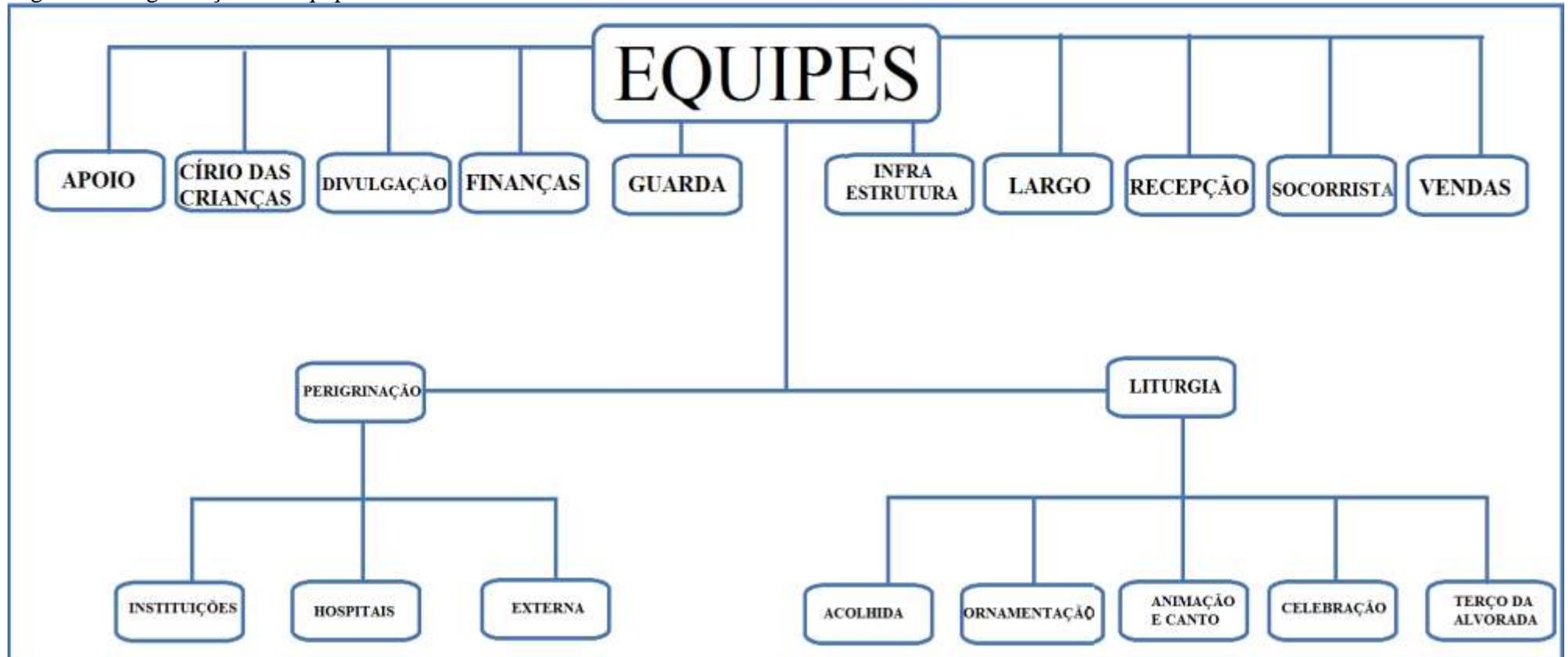


Fonte: Jornal Pequeno, 2014.

Em entrevista ao Padre Flavio Collins, afirma que para a organização do Círio, alguns investimentos financeiros se fazem também através dos agentes patrocinadores, que são empresas locais que oferecem e proporcionam uma série de produtos e serviços, sendo a isso também atrelado um crescimento do Círio. Essas empresas, segundo Erika Verde, assessora de comunicação da Paróquia, possuem grande importância, pois contribuem durante as varias etapas do Círio, com patrocínios, como por exemplo, no Círio das crianças, onde compram as camisas, e fazem algumas doações, sendo boa parte delas escolas do bairro.

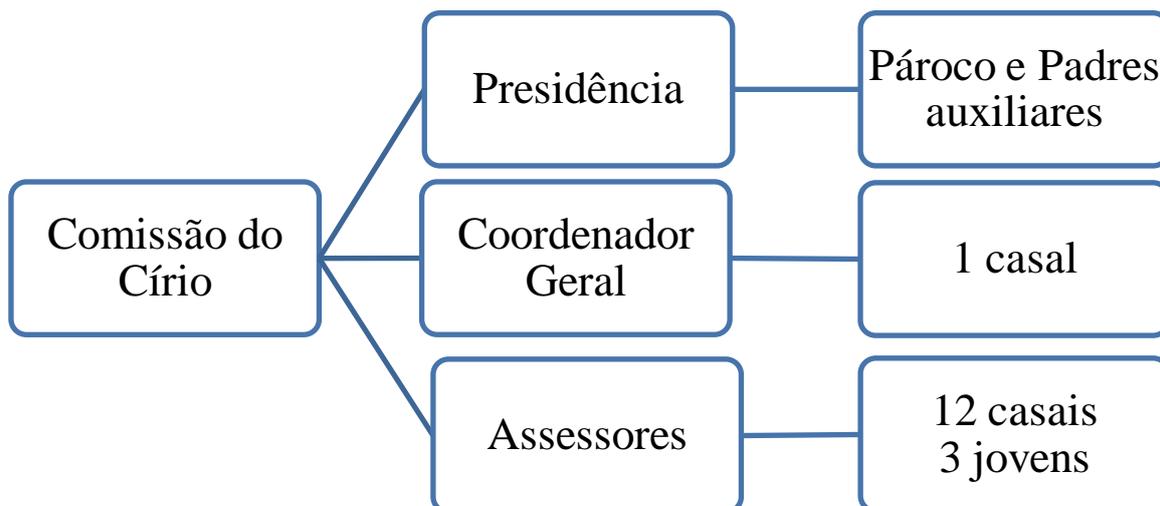
Ainda segundo Padre Flavio atualmente o Círio de Nazaré conta com o apoio de cerca de 1000 pessoas, divididas em 12 equipes de trabalho: Liturgia (Acolhida, Ornamentação, Animação E Canto, Celebração, Terço Da Alvorada), Peregrinação (Instituições, Hospitais e Externa), Apoio, Círio Das Crianças, Divulgação, Finanças, Guarda, Infraestrutura, Largo, Recepção, Socorristas e Vendas (Figura 32), e organizado por uma comissão geral (Figura 33) e por coordenações em cada equipe. No grupo de sacerdotes, além do Padre Flavio Collins, compõem a presidência e ajudam na organização e nas celebrações do Círio, o Padre André Luís Martins Santos, ordenado como vigário paroquial da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, e o Padre José Ribamar dos Santos Vieira, também vigário.

Figura 32: Organização das equipes de trabalho do Círio de Nazaré em São Luís.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré. Organizado por: SOUSA, M.M.P, 2017.

Figura 33: Organização da Comissão geral do Círio.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré. Organização: Sousa, 2017

Padre Flavio relata ainda que o voluntário escolhe a equipe que deseja trabalhar e se adéqua ao tipo de trabalho e ao cronograma de reuniões, oficializando a candidatura através do preenchimento de um formulário assim que a organização abre as vagas, como exemplo do Círio das Crianças (Figura 34). Contudo dentre todas as equipes, uma das mais exigentes na escolha de voluntários é a “Guarda”, pois demanda muita força pra carregar a berlinda da Imagem, que pesa cerca de 500 kg, sendo preferencialmente escolhidos jovens, e pessoas de grande porte, lembrando ainda que as equipes são diferenciadas por cores nas camisas que vestem.

Figura 34: Flyers de divulgação das inscrições para o Círio das Crianças.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 2016.

Ainda falando sobre os agentes envolvidos na festa, a confecção do manto é um elemento que mobiliza um grupo numeroso de pessoas e recebe uma atenção especial, pois durante muitos anos seguiu o modelo do Círio de Belém, recebendo dos devotos e pagadores de promessas, os mantos que vestem a Santa. A partir do ano 2000, a comissão organizadora do festejo juntamente com a Pastoral Litúrgica, entronizou na festa o manto temático, caracterizando-o com elementos temáticos, contextualizado à cultura, regionalidade e principalmente envolvendo a história do Maranhão (Figura 35). (SEMEADOR, 2000)

Dentre os integrantes da equipe que confecciona os mantos estão: Igor Daniel Gomes Amorim, Maria José Almeida Gomes, Maria Goreth Monteles, Mayara Augusta Pinheiro Gomes, Raimunda Sousa Aquino, além de várias pessoas que doam os materiais para confecção, entre fiéis, moradores do bairro e empresários. A apresentação dos mantos a serem usados no Círio das crianças e na procissão de encerramento, é realizada solenemente com uma motivação especial explicando para comunidade a temática das peças, contudo o planejamento, desenho e confecção do manto, só têm início com a definição do tema do evento (FONSECA, 2013).

O Círio tem três mantos oficiais e a entrega de cada um é realizada em celebrações abertas a público, e além desses mantos temáticos devocionais, tem os mantos de promessas, que são doados por fiéis.

- O manto do Círio das Crianças: Entregue na missa da chegada da caminhada “Avançando como aurora”, evento que faz parte da programação oficial do Círio das Crianças, que acontece no dia que antecede o encerramento, e é usado na procissão de encerramento desse mesmo Círio.
- Manto da Abertura: Ele é entregue na missa de abertura do novenário do Grande Círio de Nazaré.
- Manto do encerramento: É o manto que é entregue na missa do sábado que antecede o encerramento do Grande Círio, esse é o manto que veste a imagem no encerramento, ou seja, durante a Grande Procissão, e também o manto que aparece no cartaz do ano seguinte.

Figura 35: Mantos sagrados temáticos.



Fonte: Acervo pessoal de Felipe Pereira, 2016.

Os temas propostos para o Círio de Nazaré também são escolhidos pela comissão do Círio, e em todos os anos foram definidos com base em acontecimentos marcantes, e considerando anos importantes para o calendário cristão. Os lemas só foram incluídos na programação do Círio no ano de 1999. No mesmo ano, a escolha da arte de apresentação deixa de ser escolhida através de concurso de desenho e passa a ser escolhida pela comissão organizadora (Quadro 4).

O trabalho do processo de organização da Comissão, além de ser dedicado à realização do Círio, é também direcionado às Obras Sociais da Paróquia de Nazaré, onde durante o ano todo, uma extensa programação de eventos, como a “Festa das Rosas”, realizada no mês de maio em comemoração ao dia das mães (Figura 36) e o “churrasco do Paizão” dedicado ao dia dos pais, cujo todos os recursos arrecadados são revertidos para as ações da entidade. Todos os anos o objetivo é fazer do Círio de Nazaré um momento inesquecível na memória festiva da cidade, demonstrado assim, que para quem faz parte desse grande espetáculo de fé e devoção, o sentimento que fica é de dever cumprido.

Figura 36: Convite do baile das rosas



Fonte: <http://www.paroquianazareslz.com.br/noticias/baile-das-rosas/>

Quadro 4: Temas e lemas do Círio de Nazaré (1992 – 2016).

ANO	TEMAS E LEMAS
1992	Tema: “Maria, peregrina da nova evangelização”.
1994	Tema: “Ave-Cheia de graça, o Senhor é contigo”. (Lc 1,28).
1995	Tema: “Bendita és tu entre as mulheres.” (Lc 1,42).
1996	Tema: “O Senhor fez em mim maravilhas”. (Lc 1,49).
1997	Tema: “Bem-aventurada és tu que creste”. (Lc 1,45).
1998	Tema: “Minha alma glorifica ao Senhor”. (Lc 1,47).
1999	Tema: “A virgem conceberá e dará a luz à um filho” (Mt 1,23). Lema: “De Maria nasce o Salvador”
2000	Tema: “Ele veio pra salvar todas as nações” (Ap 12,5) Lema: “2.000 aos com Maria aprendendo a seguir Jesus Cristo” (Jubileu 2000 anos do nascimento de Jesus Cristo).
2001	Tema: “Para Deus nada é impossível” (Lc 1,37). Lema: “Maria, modelo para o Cristão que vive e anuncia a esperança”.
2002	Tema: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14) Lema: Círio de Nazaré, 10 anos iluminando o Maranhão. (10º Círio de Nazaré).
2003	Tema: “Eis aí a tua mãe” (cf. Jo 19). Lema: “O discípulo de Cristo recebe Maria em sua casa”
2004	Tema: “Entre eles estava Maria, a mãe de Jesus” (At 1,14). Lema: “Ela está sempre entre s fiéis”.
2005	Tema: “Tu És o Pão vivo descido dos céus” (Jo 6,51) Lema: “Senhor Jesus, com Maria vimos te adorar” (Ano Eucarístico).
2006	Tema: “Ide e anunciai as maravilhas de Deus” (Mt 10,7) Lema: “A exemplo de Maria vamos semear a esperança”. (15 anos das Santas Missões Populares).
2007	Tema: “Caminhamos guiados por tua luz” (15 anos de Paróquia e de Círio).
2008	Tema: “Andai como filhos da luz” (Ef 5,8)
2009	Tema: “Nazaré, berço do discipulado e da partilha”. Lema: “Senhor tu nos falas, arde o coração” (Lc 24,32).
2010	Tema: “Festa da luz, banquete da vida”. Lema: “Faça-me em mim segundo a tua Palavra” (Lc 1,38)
2011	Tema: “Festa da Luz, nossa fé vida e missão”. Lema: “Reaviva o dom de Deus que há em ti” (2Tm 1,6)
2012	Tema: “Festa da Luz, celebração do amor, vivência da unidade”. Lema: “Aquele que ouvimos, vimos e contemplamos vos anunciamos”. (1Jo 1,1).
2013	Tema: “Festa da Luz, devoção, vigor e fé”. Lema: ”Ela guardava e meditava tudo no coração”. (Lc 2,19)
2014	Tema: “Casa da palavra e da eucaristia”.
2015	Tema: “Um clamor à vida e à paz” Lema: “Sua misericórdia é pra sempre” (Lc 1,50)
2016	Tema: “Festa da luz, fonte de misericórdia” Lema: “Quem vem a mim, nunca mais terá sede”. (Jo 6,35)

Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré. Organização: SOUSA, M.M.P, 2017.

### 3.3 As etapas da Festa do Círio.

Desde o primeiro Círio de Nazaré no Bairro do Cohatrac, muitos acontecimentos foram somados a realização da festa e muitas etapas foram adaptadas para abranger seus devotos, que em números cresce a cada ano. Em 1994, após a reforma da igreja o Círio volta a ser realizado seguindo um formato próprio, no qual terminava sempre no terceiro domingo do mês de outubro, para não coincidir com o Círio de Belém, que acontece sempre no segundo domingo de outubro. A partir desse ano também, o Círio passa a ser realizado somente pela paróquia e pela comunidade de Nossa Senhora de Nazaré, não constituindo mais um evento Arquidiocesano e somente a partir 1998, o padre Antonio José resolveu juntamente com a comunidade realizá-lo no mesmo dia do Círio de Belém.

As manifestações de devoção religiosa do Círio estendem-se por onze dias, mas atualmente é bastante numerosa a quantidade de eventos que constituem o festejo, que têm início já no mês de setembro. Em virtude disso foi realizado um levantamento dos principais eventos que compõem o Círio, apresentando-os a seguir, com a intenção de entender melhor a dimensão que tem hoje o Círio do Cohatrac, em São Luís do Maranhão. A observação Participante substancia a construção da explicação dessas etapas, e algumas entrevistas não estruturadas<sup>31</sup> constituíram fonte para informações como as mudanças ocorridas no decorrer tempo.

- **Celebração de envio**

Consiste em uma celebração na igreja seguida de uma caminhada, na qual grupos seguem com imagens “Marianas” (Figura 37) para visitar as famílias da comunidade, simbolizando assim, a visita de Maria de casa em casa. A imagem é acompanhada por pessoas previamente preparadas para esta missão, e constituem participantes de grupos, pastorais e movimentos da Paróquia, de modo que cada visita é animada por um tema específico para reflexão.

---

<sup>31</sup> Para obtenção dessas informações foram realizadas entrevistas não estruturadas com o Padre Flavio Collins Pároco da comunidade, Felipe Pereira, membro da comunidade e jovem voluntário no Círio e Líbia Fonseca integrante da comissão do Círio no ano de 2016.

Figura 37- Momento de bênção das imagens “Marianas” na celebração de envio.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 2016.

- **Celebração de rua**

As celebrações de rua possuem o intuito de aproximar o Círio das pessoas, levando as celebrações para os diversos pontos do bairro a fim de divulgar o evento e trazer os fiéis para festa, além de ser uma forma de estar próximo das famílias visitadas. Estas celebrações costumam ser bastante participativas, e para a realização é necessário montar toda uma estrutura, como: altar, ambão<sup>32</sup>, material litúrgico, cadeiras, iluminação, som, etc. O local é preparado pelas equipes de infraestrutura e de liturgia (Figura 38). Inicialmente essas celebrações de rua aconteciam nas terças e quintas-feiras do mês de setembro, mas desde o ano de 2007, por sugestão do Padre Antonio José Ferreira Soares, passaram a ser celebradas aos sábados, sempre às 19h30min.

---

<sup>32</sup> A Mesa da Palavra, ou Ambão, é de onde se proclama a palavra de Deus para a comunidade. A palavra vem do grego “*anabaino*”, que significa subir, elevar, lugar para onde se sobe (os ambões antigos tinham sempre degraus). Sua elevação facilita a transmissão da Palavra e a visibilidade do leitor. O ambão deve estar em um lugar condigno, pertinente à dignidade da Palavra a ser aclamada. Devem ser proclamados do ambão, o evangelho, as leituras, os salmos, a homilia, e as orações dos fiéis. Mas não se deve fazer dele os comentários e introduções às leituras, nem dirigir o canto da assembleia, pois a dignidade da palavra de Deus é tão grande que merece um lugar que lhe seja reservado (SILVA, 2005).

Figura 38: Celebração em Rua do Bairro do Cohatrac.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 2016.

- **Carreata**

Realizada na manhã do primeiro sábado do festejo, tem como intuito principal a divulgação da festa na comunidade, onde um cortejo parte da frente da igreja Matriz no Cohatrac e percorre as principais avenidas do Bairro (Figura 39), com a queima de fogos e o buzinaço dos veículos todos caracterizados com cartazes e bandeiras do Círio, e ao final é dada a bênção aos motoristas e veículos. A partir do ano de 2013 a carreata saiu também de dentro do novenário para o final de semana que antecede o festejo, sendo realizada também com panfletagem da divulgação da festa em direção à Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, no Cohatrac.

A partir do ano de 2013 também a carreata estendeu sua rota de divulgação, para diversos bairros da Cidade, e Avenida Litorânea<sup>33</sup>, além das principais ruas e avenidas do bairro do Cohatrac, com o intuito de abranger um número maior de pessoas em sua divulgação.

---

<sup>33</sup> Av. Governador Edison Lobão, mais conhecida como Avenida Litorânea, é um dos cartões postais da cidade de São Luís. A Avenida contorna o Mar, começando na Praia da Ponta da Areia, passando pela Praia de São Marcos chegando até o começo do olho de porco onde foi feito um prolongamento até a Praia do Olho D'Água.

Figura 39: Carreata de divulgação do Círio de Nazaré e Flyer de divulgação do evento.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 2016.

- **Celebração de abertura**

No primeiro dia do novenário, as imagens que visitaram as famílias no bairro retornam em procissão para a igreja e aí é celebrada a missa de abertura do festejo. Antes da missa solene, os devotos participam da Adoração Eucarística, uma preparação espiritual diária que antecede as celebrações do novenário, e o número de pessoas da comunidade e visitantes que participam, aponta a dimensão da devoção Mariana. A missa solene que inicialmente era realizada na igreja com capacidade para 700 pessoas sentadas, atualmente é campal, realizada na Praça Nossa Senhora de Nazaré, onde são disposta cerca de 1000 cadeiras, estimando assim a quantidade de participantes (Figura 40). Essa celebração é presidida pelo atual Pároco da comunidade do Cohatrac, o Padre Flávio Collins, e conta com a presença do Bispo da Arquidiocese de São Luís Dom Belisário, e o auxílio de vários presbíteros, entre eles ex párocos da comunidade do Cohatrac.

Figura 40 - Celebração de abertura do Círio de Nazaré.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 2016.

- **Terço da alvorada**

No ano 2000 com a chegada do Padre Ricardo João Cordeiro Moreira, um sacerdote paraense com grande devoção Mariana, Pároco da comunidade do Cohatrac na época, com apoio da Pastoral Litúrgica foi criado o “terço da alvorada” durante o festejo. As 6 horas da manhã, os fiéis saem em caminhada carregando o andor com a imagem da padroeira e rezando o terço pelas ruas do bairro. Cada dia a caminhada segue um trajeto que contempla diversas ruas do conjunto encerrando sempre com a santa missa às 6h30min. Durante os nove dias consecutivos os fiéis trazem seus pedidos anotados em pequenos papéis e depositam num cesto, no último dia do terço esses pedidos são apresentados a DEUS e em seguida “incinerados” como forma de preces. Neste dia, logo após a Santa Missa, é realizado um café da manhã em confraternização para os que participaram da reza do terço.

- **Romaria**

A primeira romaria do Círio de Nazaré no Cohatrac aconteceu por sugestão do Padre Josimar Pinheiro no ano de 1996, onde foi pároco até esse mesmo ano. Ele idealizou realizar uma caminhada do centro da cidade até o bairro do Cohatrac, onde os fiéis passariam a noite inteira rezando, cantando e louvando à Deus, remontando o trajeto realizado pela Santa em sua passagem pela Cidade no ano de 1992.

A caminhada sai da igreja Nossa Senhora do Carmo (Figura 41) à meia noite, e seguia pela Rua de Santana (Percurso que atualmente foi alterado para a Rua Grande), descendo a Rua Oswaldo Cruz, no Bairro Canto da Fabril, pegando a Avenida Getúlio Vargas e fazendo sua primeira parada na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte Castelo, onde se faz uma reflexão. Logo após segue pela mesma avenida, até chegar ao cruzamento com a Avenida dos Franceses onde se dirige rumo ao Bairro da Alemanha, para a Igreja de Nossa Senhora da Glória, local da segunda parada e mais um momento de reflexão.

Figura 41: Saída da Romaria na igreja Nossa Senhora do Carmo no Centro.



Fonte: Acervo pessoal de Felipe Pereira, 2016.

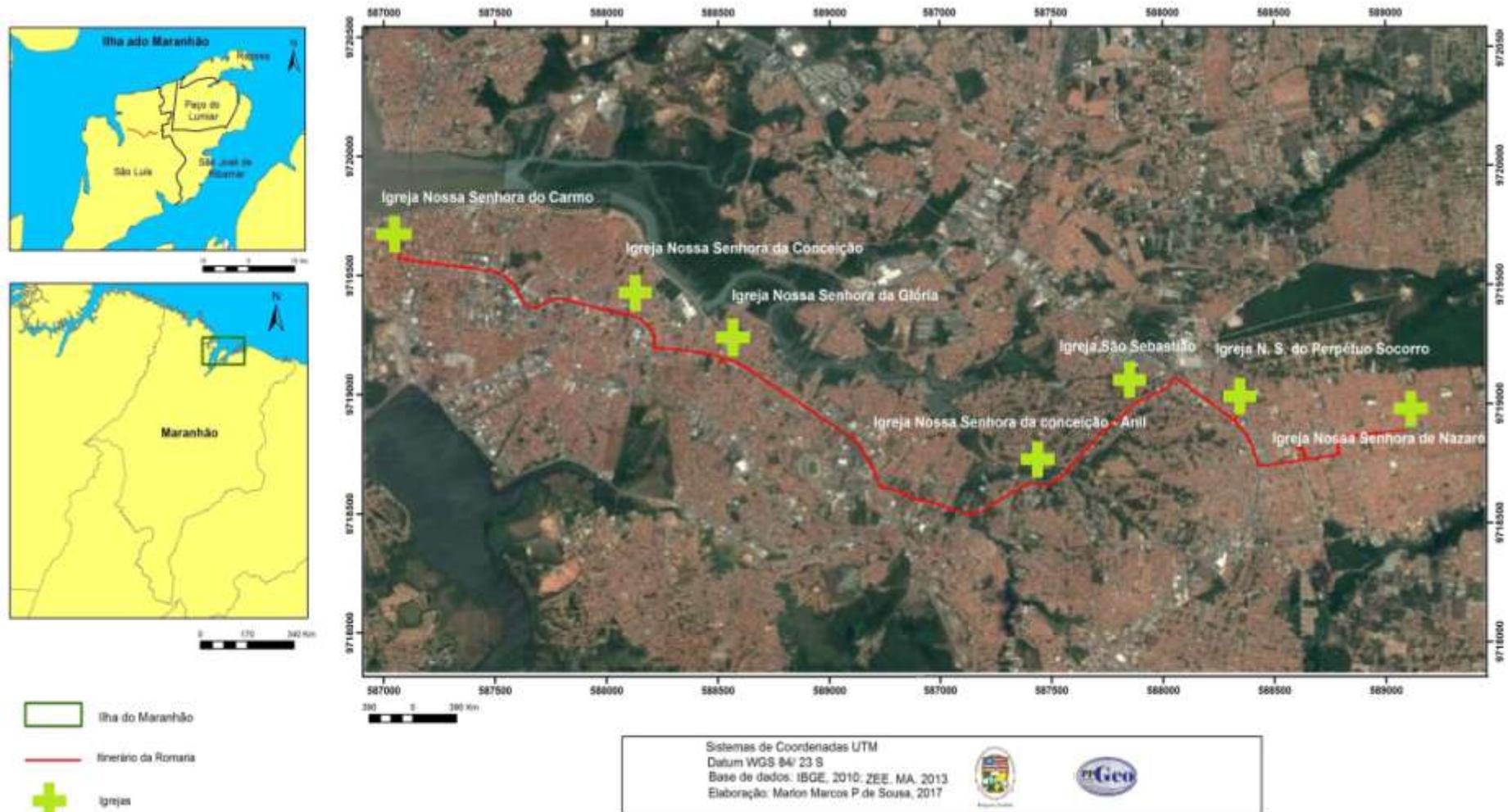
Dali, descendo a mesma avenida segue até o viaduto do Café, no Bairro Outeiro da Cruz, seguindo pela Avenida João Pessoa até chegar à Igreja de Nossa Senhora da Conceição no bairro do Anil, lugar da terceira parada com reflexão e um momento para os romeiros fazerem um lanche. Em seguida se direciona para o Bairro da Cohab, seguindo pela Avenida São Sebastião, chegando à Avenida Jerônimo de Albuquerque onde se encontra a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, quarta e última parada.

A romaria segue então para a parte final, no bairro do Cohatrac, saindo do bairro da Cohab, segundo pela avenida de acesso ao Cohatrac, a Avenida Leste Oeste, até à Paróquia Nossa Senhora de Nazaré onde é celebrada a missa dos romeiros por volta das 6 horas da manhã e possui em média 8 horas de duração. Após toda a parte celebrativa, é fornecido um café aos romeiros, preparado pelos fiéis da Paróquia, e as doações dos materiais e alimentos

para seu preparo são concedidas pela comunidade, comércio local, e alguns patrocinadores (Figura 42).

No ano de 2007 a romaria incluiu uma 5ª parada em seu trajeto por insistência dos moradores do Bairro Cruzeiro do Anil, para que se fizesse uma parada em frente à Igreja de São Sebastião. Outra alteração nesta etapa aconteceu também em sua celebração final, na chegada ao bairro do Cohatrac, onde inicialmente a missa acontecia dentro do templo, e após a inauguração da Praça Nossa Senhora de Nazaré, passou a ser celebrada ao ar livre. Uma curiosidade sobre a Romaria é o fato de que até antes da inclusão da 5ª parada todas as outras aconteciam em templos dedicados à virgem Maria sob os diversos títulos (Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das graças, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e Nossa Senhora de Nazaré).

Figura 42: Itinerário simbólico da Romaria do Círio.



Fonte: IBEGE, 2010; ZEE, 2013. Adaptado por Sousa. M.M.P, 2017.

- **Romaria das comunidades**

Essa etapa consistia em romarias das comunidades cristãs subordinadas a paróquia de Nossa Senhora de Nazaré (Quadro 5). Acontecia na sexta-feira que antecede o encerramento do Círio e, as comunidades eram responsáveis pela animação da celebração do novenário desta noite. A cada ano a romaria saía de uma comunidade previamente escolhida, chegando à praça para a celebração (Figura 43). A romaria das comunidades deixou de acontecer em 2013, e a participação das comunidades tem acontecido na noite da Romaria principal.

Quadro 5: Comunidades Subordinadas à Paróquia Nossa Senhora de Nazaré.

COMUNIDADE	HISTÓRICO
<b>COMUNIDADE DO ITAPIRACÓ</b>	A mais antiga comunidade da Paróquia, anteriormente pertenceu às Paróquias de São José de Ribamar e Sagrada Família no Maiobão. Seu padroeiro é São Sebastião, o festejo acontece no mês de janeiro.
<b>COMUNIDADE DA MAIOBA</b>	Também é uma comunidade muito antiga e já pertenceu a várias paróquias antes de ser incorporada à Paróquia Nossa Senhora de Nazaré. Tem como padroeiro São João, o festejo acontece em junho.
<b>COMUNIDADE DO COHATRAC III</b>	Surgiu em 1991, tendo como padroeira Nossa Senhora de Fátima, o festejo acontece no mês de maio.
<b>COMUNIDADE DA TRIZIDELA</b>	Surgiu em 1992, tendo como padroeira Nossa Senhora da Glória; o festejo acontece em agosto.
<b>COMUNIDADE DO NOVO COHATRAC</b>	Surgiu em 2000, tendo como padroeiro São Francisco de Assis, o festejo acontece em outubro.
<b>COMUNIDADE DA CHÁCARA ITAPIRACÓ</b>	Surgiu em 2003, tendo como padroeiro Santo Expedito, o festejo acontece em abril.
<b>COMUNIDADE DO ALTO DO ITAPIRACÓ</b>	Surgiu em 2004, tendo como padroeira Santa Rita de Cássia, o festejo acontece em maio e as celebrações são feitas no salão do local onde será construída a capela.

Fonte: Fonseca, 2013. Organização: Sousa, 2017.

Figura 43- Celebração da Romaria das Comunidades na Praça do Cohatrac.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 2016.

- **Círio das Crianças**

Por ideia do Padre Ricardo Moreira, no ano de 2003 o Círio ganhou um novo elemento, o “Círio das Crianças”. Ele por várias vezes propôs a implantação dessa procissão por achar que os pequeninos também deveriam expressar sua devoção a Maria e assim, no mesmo ano foi realizado o primeiro Círio das Crianças, no período matutino, do dia do encerramento da festa, saindo de algum local escolhido pela comissão organizadora, e encerrando com a celebração da Eucaristia às 9 horas na praça do Cohatrac (Figura 44). No ano de 2016 a procissão saiu da Praça Verão, localizada no Bairro do Cohatrac IV.

Figura 44-Celebração no Círio das Crianças na Praça N. Sra. de Nazaré.



Fonte: Acervo pessoal de Felipe Pereira, 2016.

- **Procissão da luz – Trasladação da imagem.**

No sábado, véspera do encerramento do Círio, após a missa das 17 horas, a imagem é trasladada para a igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Cohab<sup>34</sup>, seguindo em carreata com intensa participação dos fiéis, e antes de seguir para o bairro da Cohab faz um giro pelas avenidas do bairro Cohatrac (Figura 45) recebendo mais homenagens dos devotos que se aglomeram, para ver a passagem da imagem da Santa. Na Cohab, é recebida com festa e, tem a finalidade de deixar a imagem para retornar no dia seguinte em procissão, repetindo o ritual que aconteceu no ano de 1992, quando a comitiva de Belém chegou a São Luís.

Figura 45- Procissão da Luz (Trasladação).



Fonte: Sousa, 2016.

Porém somente a partir do ano de 2011, que o Padre Flávio Marques Collins (Atual Administrador Paroquial) abraçou a ideia do Padre Benedito Araújo quando ainda estava à frente da paróquia, na preparação do Círio, idealizou que o traslado do Círio fosse realizado a pé, por que grande parte dos devotos não participava desse evento, devido o mesmo ser em carreata, portanto quem não dispunha de veículo, apesar da solidariedade dos irmãos que oferecia carona, muita gente ficava sem participar. Portanto, em outubro deste anos a comissão organizadora realizou a primeira “Procissão da Luz”.

---

<sup>34</sup> A cooperativa Habitacional Brasileira – Cohab foi criada a partir dos planos de moradia da década de 1970, pela Companhia de Habitação de Habitação Popular do Maranhão e posteriormente financiado pelo extinto Banco Nacional de Habitação – BNH. Posteriormente o bairro veio a se transformar em um conglomerado urbano Cohab – Anil, com o conjuntos Cohab Anil I, II, III e IV.

- **Celebração de encerramento – Grande Procissão**

Realizada no segundo domingo de outubro, a procissão sai às 17h30min da igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Cohab, e se dirige para o Cohatrac onde a festa é encerrada com uma grande missa campal. Antes da oficialização do Círio de Nazaré, a única procissão realizada era chamada de Luminosa, e era realizada apenas pelas ruas do bairro do Cohatrac como mostra o Anexo 10. No decorrer do itinerário a Berlinda com a imagem da Virgem de Nazaré, recebe um grande o número de homenagens, e os passeios ficam cheios de pessoas que acompanham a passagem da Santa (Figura 46).

Em 2007, depois que problemas com o local e com o crescente número de fiéis na procissão, a rotatória que fica no cruzamento das avenidas Nossa Senhora de Nazaré (Leste Oeste) com a Av. Norte Sul passa a ser oficialmente o local de encerramento da Grande procissão. O mesmo comporta a multidão e facilita a instalação de um palco de maior dimensão, além de contar com a colaboração de uma Igreja protestante Batista do Cohatrac, que gentilmente a pedido dos padres não realiza seu culto no domingo do encerramento do Círio.

Figura 46: Passagem da Santa na Grande Procissão.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

- **Círio Cultural**

Na parte social da festa, o chamado Círio Cultural sofreu algumas alterações no decorrer dos anos, onde inicialmente era realizado no pátio interno da igreja, e ali acontecia a venda de comidas típicas e apresentações de atividades culturais. A partir do ano de 1995, na administração do Padre Jozimar Pinheiro a programação social passa a ser realizada do lado de fora da igreja para que mais pessoas pudessem participar.

No ano de 1997, o então prefeito de São Luís, Dr. Jackson Kléper Lago (1934-2011), construiu a Praça Nossa Senhora de Nazaré que fica em frente à igreja matriz e doou-a para que a comunidade realizasse a parte social da festa ali. A praça dispõe de um palco e um salão que servem de apoio para a realização de shows com artistas da terra.

A montagem do Arraial de Nazaré acontece tradicionalmente na praça, onde ficam os brinquedos de parque de diversões, barracas de alimentos (Figura 47) e de variedades, além de um palco montado para apresentação das atividades culturais. Todo esse espaço é alugado pela igreja, e durante todos os dias o espaço recebe celebrações e atrações culturais. É importante notar que a fusão com a cultura local é uma das características da festa, como podemos notar nos atrativos do festejo do Círio Cultural, como o Boi Barrica, os grupos de música de jazz, reggae, choro, samba, entre outros (Quadro 6).

Figura 47: Barraca de lanches no Círio cultural.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

Quadro 6: Programação Círio Cultural 2016.

<b>CÍRIO CULTURAL – 2016</b>
<b>Dia 05.10.2016 – Quarta-Feira</b>
21h Boizinho Barrica 22h Grupo Farinhada
<b>Dia 06.10.2016 – Quinta-Feira</b>
Projeto “Samba na Praça” Conjunto Madrilenus e convidados
<b>Dia 07.10.2016 – Sexta-Feira</b>
21h Grupo Vira Jazz 22h Orquestra Maranhense de Reggae 23h Banda Corsário – Show Cazuzu
<b>Dia 08.10.2016 – Sábado</b>
20 h Projeto “Rico Choro Convida”
<b>Dia 09.10.2016 – Domingo</b>
21h 30 Tributo a Papete. Cantores: Josias Sobrinho, Elizeu Cardoso, Djalma Chaves, Edilson Gusmão, Alberto Trabulsi, Gabriel Melônio, George Gomes e Mano Borges.

Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré. Organização: Sousa, 2016.

- **Círio esportivo - Corrida Rústica, Caminhada de Nazaré e Passeio Ciclístico.**

O padre Flávio Collins explica que a corrida rústica dentro do Círio de Nazaré não possui um caráter de competição, trata-se apenas de uma mensagem de incentivo às pessoas, para que busquem um corpo saudável e benefícios para a saúde. Esta etapa já existia mesmo antes da oficialização do Círio em 1992, como mostra o documento do itinerário de percurso da IIIª Corrida Rústica em 1991 (Anexo 11). No decorrer dos anos foi se profissionalizando com a participação de corredores da capital e do interior do estado permitindo a participação de corredores a partir dos 16 anos de idade. No ano de 2016 a corrida Rústica foi pra sua 28ª edição e atualmente foi remanejado para dentro do Círio esportivo. As provas têm início às 7 horas com percurso de 6,6 km e no final acontece a entrega de troféus e medalhas aos vencedores, e constitui um dos eventos mais antigos do Círio de Nazaré, tendo sua origem antes mesmo da oficialização do festejo como Círio.

Dentro da programação do Círio esportivo está também a “Caminhada de Nazaré” (Figura 48) destinada a toda comunidade que diariamente faz caminhada pelo bairro.

É uma forma de envolver toda a sociedade no evento, e para participar não precisa estar inscrito, basta participar do roteiro. E a última etapa a ser incluída foi o passeio ciclístico (Figura 49), com o mesmo objetivo de levar o Círio para os amantes da modalidade, e vale lembrar que todas as etapas estão divididas nas categorias, masculino e feminino.

Figura 48: Caminhada de Nazaré.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 2016.

Figura 49: Passeio Ciclístico e Fyer de divulgação.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 2016.

Padre Flavio explica:

*Desde que eu estou aqui (2004), de dois anos pra cá, nós criamos o círio esportivo, foi a dimensão desportiva do círio, antes já havia, havia a corrida rústica, era apenas a corrida rústica e nós incluímos outras modalidades, a caminhada o passeio ciclístico, e o futebol. Ai o círio ecológico, que seria a vertente ecológica, confiada à juventude da nossa paróquia, e o círio solidário, onde sentíamos falta de uma ação concreta por ocasião do círio pra ligar fé e vida, religião e pratica social. (FLAVIO COLLINS, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).*

- **Círio solidário**

Este evento (Figura 50) é coordenado pelos grupos da Pastoral da Caridade, e dos Amigos Solidários, cuja iniciativa visa à participação gratuita de pessoas de diferentes áreas profissionais prestando serviços à comunidade, Como médicos pediatras, odontólogos, advogados, cabeleireiro, cartório e entre outros. Acontecem atendimentos de diversos grupos de profissionais e no ano de 2016, esses serviços praticamente triplicaram em relação aos anos anteriores, como mostra a figura abaixo (Figura 51), pois segundo a comissão organizadora, o público alvo desse evento são as comunidades do Alto Itapiracó, da Trizidela e do Novo Cohatrac, bairros adjacentes ao bairro do Cohatrac, como mostra o Bairro a seguir (Figura 52).

Figura 50- Portão de entrada do Círio Solidário.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

Figura 51: Serviços oferecidos pelo Círio Solidário – Ano 2016.

**Círio Solidário**

**Área Médica**  
 Acupunturista  
 Cardiologista  
 Clínico Geral  
 Dentista  
 Fisioterapeuta  
 Fonoaudiólogo  
 Ginecologista  
 Nutricionista  
 Pediatra  
 Psicólogo

**Área Jurídica**  
 Conselho Tutelar  
 INSS  
 Seguro Habitacional  
 Previdência Social  
 Profissionais de Direito

**Cuidados Especiais**  
 Cabeleireiro  
 Dicas de Maquiagem  
 Limpeza de pele  
 Massagem

Data: 22 de Outubro de 2016  
 Horário: 9:00 às 16:00 horas  
 Local: Complexo Educacional Prof. Barjonas Lobão  
 Rua 08 S/N Cohatrac III - São Luís MA

Atendimento por ordem de chegada mediante preenchimento de ficha.

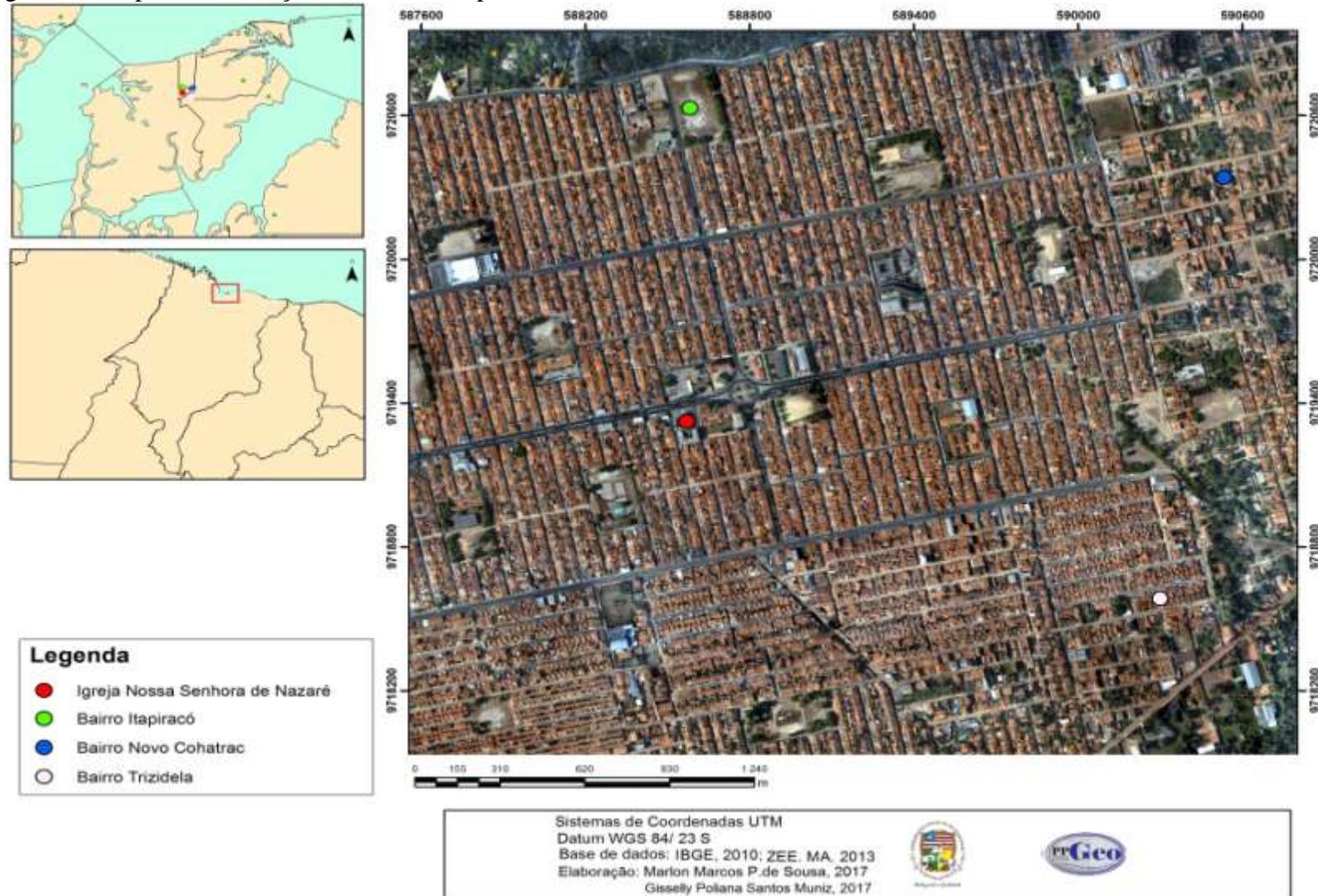
Documentos necessários para atendimento:  
 Cartão do SUS, RG, CPF e Comp. de Residência.

Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 2016.

Sobre o Círio solidário, Padre Flavio comenta da necessidade desse evento para o grande Círio:

*[...] Sentíamos falta de uma ação concreta por ocasião do Círio, pra ligar fé e vida, religião e prática social. Só pra ter uma ideia, no ano passado (2015) foram mais de 2.000 atendimentos num só dia, esse ano ele vai acontecer depois do Círio como gesto concreto, esse ano a gente rezou, e ai como gesto concreto nós realizaremos dia 22 de outubro no colégio Barjonas Lobão (FLÁVIO COLLINS, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).*

Figura 52: Mapa de localização dos bairros Itapiracó, Novo Cohatrac e Trizidela.



Fonte: IBEGE, 2010; ZEE, 2013. Adaptado por Sousa; Muniz, 2017.

- **Círio ecológico**

Outra novidade incorporada dentro da programação foi o Círio Ecológico, evento que teve sua primeira edição em 2013 através da iniciativa jovem do Grande Círio. Ele conta com a presença de vários grupos da paróquia, dentre eles o Juventude Ecológica Cristã, que tem sua ideologia voltada para o problema do meio ambiente, e em parceria com o Instituto Federal do Maranhão e a Secretaria de Estado do Meio Ambiente, coordenam a coleta seletiva de resíduos sólidos e educação ambiental incluindo panfletagem e palestras para crianças (Figura 53), com o propósito de sensibilizar a comunidade para o problema da sustentabilidade no conjunto de Bairros Cohatrac, atingindo as avenidas Contorno sul, Leste-Oeste e Contorno norte. Todo o lixo recolhido é colocado na praça em frente a paróquia, para depois ser transportado para setor de reciclagem.

Figura 53: Palestra sobre o meio ambiente para as crianças da comunidade.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 2016.

- **Expo Nazaré**

A Expo Nazaré teve sua segunda edição realizada no ano de 2016, e é de idealização e organização da equipe do Círio das Crianças (Figura 54). Tem por objetivo agregar reconhecimento, valorização e visibilidade à tradição do Círio na Cidade de São Luís. O evento retrata a dimensão religiosa e cultural do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, através de expressões culturais e de vários aspectos que compõe esta festividade como: história, fé,

devoção, arte e humanidade. É possível encontrar objetos e pertences que compõem a atmosfera da festa ao longo dos últimos 24 anos, proporcionando assim, uma opção para os moradores e turistas de conhecimento sobre a festa.

Figura 54- Trabalhos realizados por crianças na ExpoNazaré.



Fonte: Sousa, 2016.

### 3.4 Organização espacial da Festa do Círio.

Como já foi abordado antes, muitas cidades e povoados no Brasil surgiram e se formaram a partir de uma capela que de alguma maneira contribuiu para o povoamento e organização espacial, influenciando diretamente na localização da sede de muitos municípios, nas atividades econômicas e na formação social. Assim, muitas dessas cidades brasileiras têm em sua gênese a igreja como protagonista, e em algumas cidades a função religiosa permanece ainda impregnada no espaço urbano, continuando a influenciar decisivamente na configuração espacial, na economia local e no comportamento de indivíduos ou grupo de pessoas. (ROSA, 2007)

O espaço sagrado apresenta três naturezas, podendo ser *fixo*, *móvel*, ou *imaginalis*, e nos limites do espaço sagrado, é que se localiza o espaço profano, onde não existirão interdito do sagrado, pois a relação entre esses é subjetiva e a passagem de uma área profana a um lugar sagrado em alguns casos se constitui pela prática do “*sacre facere*”, ou seja, *fazer o sagrado*, através dos ritos devocionais de sacrifício. As procissões, os símbolos, os mitos e as falas sagradas são criações do grupo religioso no lugar, e o tempo da realização de seus cultos

religiosos são organizados com liberdade ilimitada de tempo-espço (ROSENDAHL, 2008, 2013).

O espaço sagrado do Círio de Nazaré no Bairro do Cohatrac pode ser definido como não fixo, conforme denominado por Nora (1989) uma vez que esses espaços móveis se referem aos itinerários simbólicos e procissões realizadas em locais da cidade. A extensão territorial do Cohatrac e os mais de 100.000 habitantes existentes nele fizeram do Bairro um dos principais da capital São Luís.

No período da festa e das procissões, o cotidiano se (re)organiza ao redor da igreja, montando-se uma estrutura para atender as necessidades dos visitantes e fiéis, uma vez que o Círio é marcado por um grande movimento de pessoas, principalmente aos finais de semana, e quando ocorrem as principais procissões (Grande Procissão e a Romaria). Assim, o Bairro pode ser dividido em dois períodos distintos: o período do Círio (Tempo da Festa) e o período sem Círio (Tempo comum) (Figura 55).

No espaço do Círio, por sua vez pode se identificar também dois espaços bem diferentes: a igreja no qual encontram-se os principais espaços sagrados, e o outro o da praça, à frente da igreja que concentra as principais atividades comerciais da festa onde se observam as principais mudanças no espaço urbano e no cotidiano local.

Em virtude disso, é possível afirmar que a Grande procissão é o ápice do Círio, pois esta etapa marca o encerramento do festejo e reúne o maior número de pessoas, no qual o primeiro espaço sagrado a ser visitado pelos devotos e, também, pelos visitantes e curiosos é a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, local de partida da Imagem. É comum ver as pessoas assistirem à celebração de joelhos, rezando, chorando, cantando e louvando a Deus, e Nossa Senhora sem se importar muito com a presença de estranhos e de outras pessoas caracterizando um momento de contato inicial com à Santa, de orações, pedidos e agradecimentos.

As primeiras demonstrações de fé começam assim, dentro da igreja, local onde muitos fazem questão de chegar cedo para assistirem o começo da celebração litúrgica. Do lado de fora os que não conseguiram chegar para a celebração se concentram ao redor da igreja e pela avenida que começa a ser interditada às 15 horas. A saída da Imagem de dentro da igreja é sempre muito aplaudida e muito tumultuosa também, devido à grande quantidade de pessoas que se aglomeram ao redor para arriscar uma maior proximidade com a imagem (Figura 56).

Figura 55: Tempo da Festa / Tempo comum



Fonte: SOUSA. M, M, P. Maio/Outubro, 2016.

Figura 56: Saída da Imagem da Igreja N.S.P.S. (Início da Grande Procissão).



Fonte: Camizão, 2016.

Seguindo o roteiro da peregrinação, os devotos se direcionam atrás da berlinda pela Avenida Jerônimo de Albuquerque, com suas velas acesas, acompanhando os trios elétricos e carros de som (Figura 57), fazendo orações, e cantando os hinos em homenagem a Santa. A primeira parada é na maternidade Marly Sarney, onde é solicitado que as pessoas direcionem suas orações, assim como foi feito na visita da Imagem, e acontece todos os anos desde então.

Figura 57: Carro de som no início da procissão.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

Ainda durante o trajeto é possível observar uma multidão que se desloca de suas casas para as Avenidas contemplar a passagem da Santa, aplaudindo e cumprimentando aqueles que optaram por acompanhar o trajeto do começo ao fim. Enquanto isso na Avenida Nossa Senhora de Nazaré, no Cohatrac, os moradores, e aqueles que não foram acompanhar a procissão desde sua saída, se preparam e enfeitam a cabeceira das ruas, com telões, réplicas da imagem, balões, modelos vivos, e etc. (Figura 58), à espera da passagem da Imagem.

Figura 58: Ornamentação na cabeceira da Rua U – Cohatrac I.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

Centenas de pessoas dividem-se em grupos espalhados por todas as avenidas, na intenção de garantir que tudo ocorra sem nenhum problema, membros da equipe de apoio, garantem a distribuição de água (Figura 59) e se deslocam alertando para os obstáculos que existem durante o caminho como buracos e tampas de bueiros. Essas pessoas trajam camisas diferenciadas e classificadas por cores de acordo com a equipe (Quadro 7), como a exemplo da equipe de apoio que veste tradicionalmente laranja todos os anos e segundo o padre Flavio, são cores determinadas, que não mudam, e foram escolhidas aleatoriamente, mantendo um padrão apenas para os Socorristas, que usam a cor vermelha.

Figura 59: Distribuição de água pela equipe de apoio.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

Quadro 7: Equipes do Círio de Nazaré e suas respectivas cores

<b>EQUIPES</b>	<b>COR</b>
<b>LITURGIA</b>	VERDE
<b>PERIGRINAÇÃO</b>	MOSTARDA
<b>APOIO</b>	LARANJA
<b>CIRIO DAS CRIANÇAS</b>	ROSA BEBÊ
<b>DIVULGAÇÃO</b>	VINHO
<b>FINANÇAS</b>	CAMISA DIFERENCIADA
<b>GUARDA</b>	AMARELO
<b>INFRAESTRUTURA</b>	AZUL ESCURO
<b>LARGO</b>	ROSA CHOQUE
<b>RECEPÇÃO</b>	LILÁS
<b>SOCORRISTA</b>	VERMELHO
<b>VENDAS</b>	-

Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré. Organização, Sousa. M.M.P, 2017.

É grande também o número de pessoas pagando suas promessas, carregando réplicas de casas, velas gigantes (Figura 60), partes do corpo humano em cera, crianças vestidas de anjos, pessoas descalças, e outras agarradas à corda que circunda a berlinda com a imagem da Santa. São algumas formas de agradecimento encontradas pelos devotos que vão agradecer pelas graças e milagres alcançados. A imagem de Nossa Senhora de Nazaré, é colocada dentro de uma berlinda que é assentada sobre uma carreta construída para percorrer o trajeto entre os Bairros Cohab – Cohatrac, e puxada por pessoas da Equipe de Segurança do Círio.

Figura 60- Fiel com vela gigante na Grande Procissão.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

Ao acompanhar o itinerário da imagem, Bergma Nascimento devota da Santa comenta sobre a promessa que fez em intenção a sua filha Maria Vitória (Figura 61):

*Fiz uma promessa de vestir minha filha de azul e branco, pois quando estava grávida de seis meses sofri um acidente e o carro capotou, e meu parto foi prematuro. Ela precisou ficar na UTI neonatal, então fiz uma promessa que se ela sobrevivesse e ficassem todos bem, eu vestiria ela como Maria e também daria o nome de Maria a ela. Pra mim foi um verdadeiro milagre, eu cheguei a sacar do veículo, quebrei meu braço, mas graças a Deus estamos bem. (BERGMA NASCIMENTO, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).*

Figura 61: A criança Maria Vitória vestida em homenagem a Nossa Senhora.



Fonte: Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

O espaço que a procissão ocupa é cercado por uma corda, que é segurada pela Equipe de Apoio e dentro desta área de segurança, seguem em caminhada os sacerdotes, diáconos e integrantes da comissão organizadora além de cadeirantes, idosos com dificuldades de locomoção, e crianças especiais. Nos moldes de Belém foi também introduzido na grande procissão a corda (mais grossa que a que circunda a berlinda), com dezenas de metros, (Figura 62). Aqui como em Belém, ela também é disputada para ser tocada e carregada, pois são inúmeros os devotos que vê neste gesto uma forma de pagar por graças alcançadas, ou simplesmente um ato de devoção.

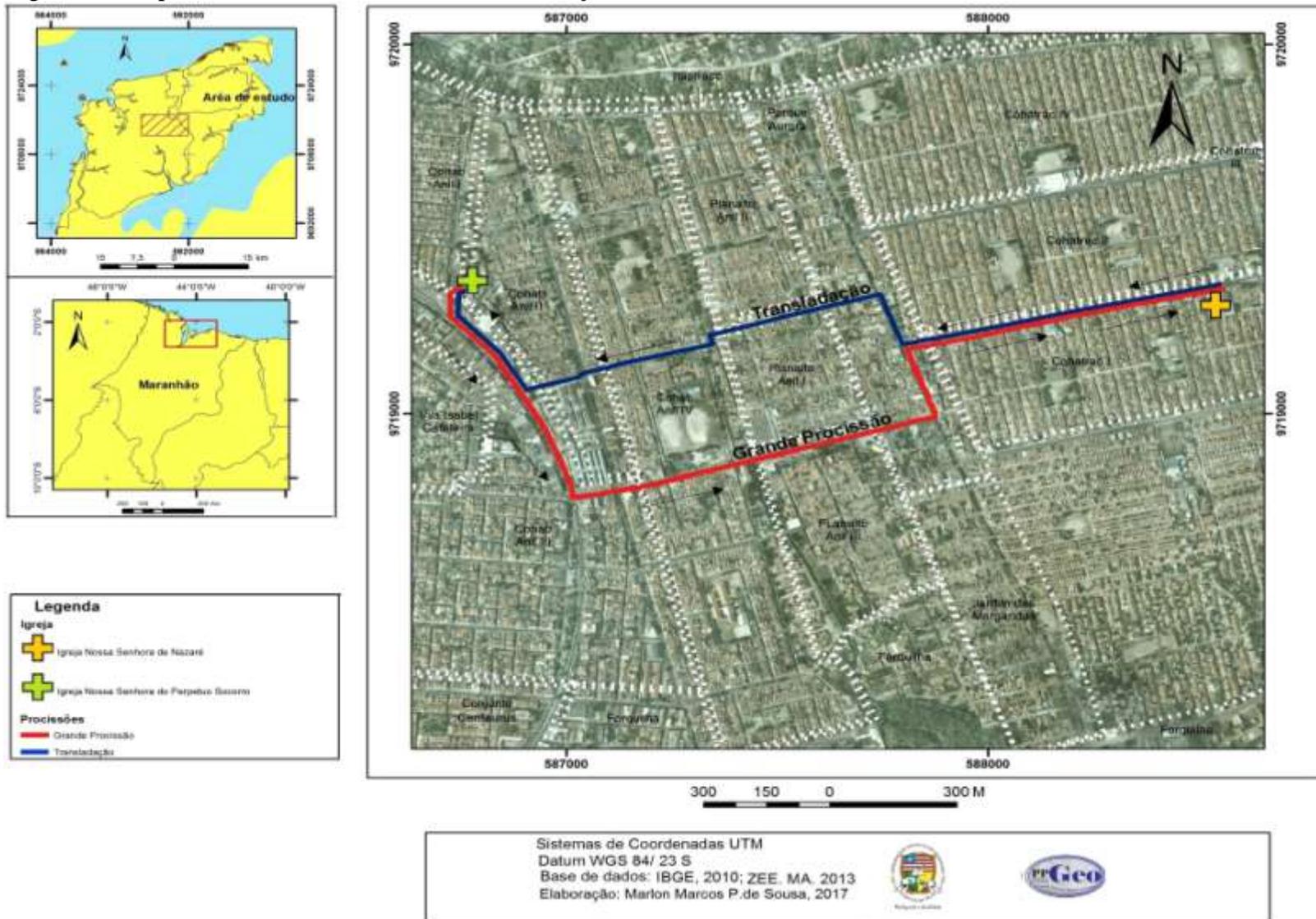
Figura 62- Corda que circunda a berlinda na Grande Procissão.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

O percurso realizado pela imagem possui cerca de 2 km, e dura em média duas horas e meia até chegar ao destino final. As vias que contemplam os bairros do Cohatrac, Cohab e também a Avenida Jerônimo de Albuquerque são interditadas para facilitar a caminhada dos devotos, durante a Procissão, e por ser uma avenida de intenso fluxo de veículos, a Secretaria de Trânsito e Transportes de São Luís (SMTT), intervém, deixando uma das pistas para o Círio, a outra divide-se em duas mãos. Esse itinerário sofre uma pequena alteração no percurso com relação a etapa da Transladação, como pode ser observado no Mapa abaixo (Figura 63).

Figura 63- Mapa de Itinerários simbólicos – Transladação e Grande Procissão.



Fonte: SOUSA, M.M.P, 2017.

Por volta das 19h30, a imagem chega até a frente da Igreja e posteriormente direcionada para a celebração final, uma missa campal, realizada em um palco montado na rotatória da avenida logo após a igreja de Nossa Senhora de Nazaré (Figura 64). Ali, a imagem é exposta e permanece até o fim da celebração. Grande parte dos devotos que acompanharam a procissão se direciona até ao palco para assistir à missa, e após, há uma dispersão dos fiéis que estavam reunidos próximo ao palco, dirigindo-se em grande número para as barracas.

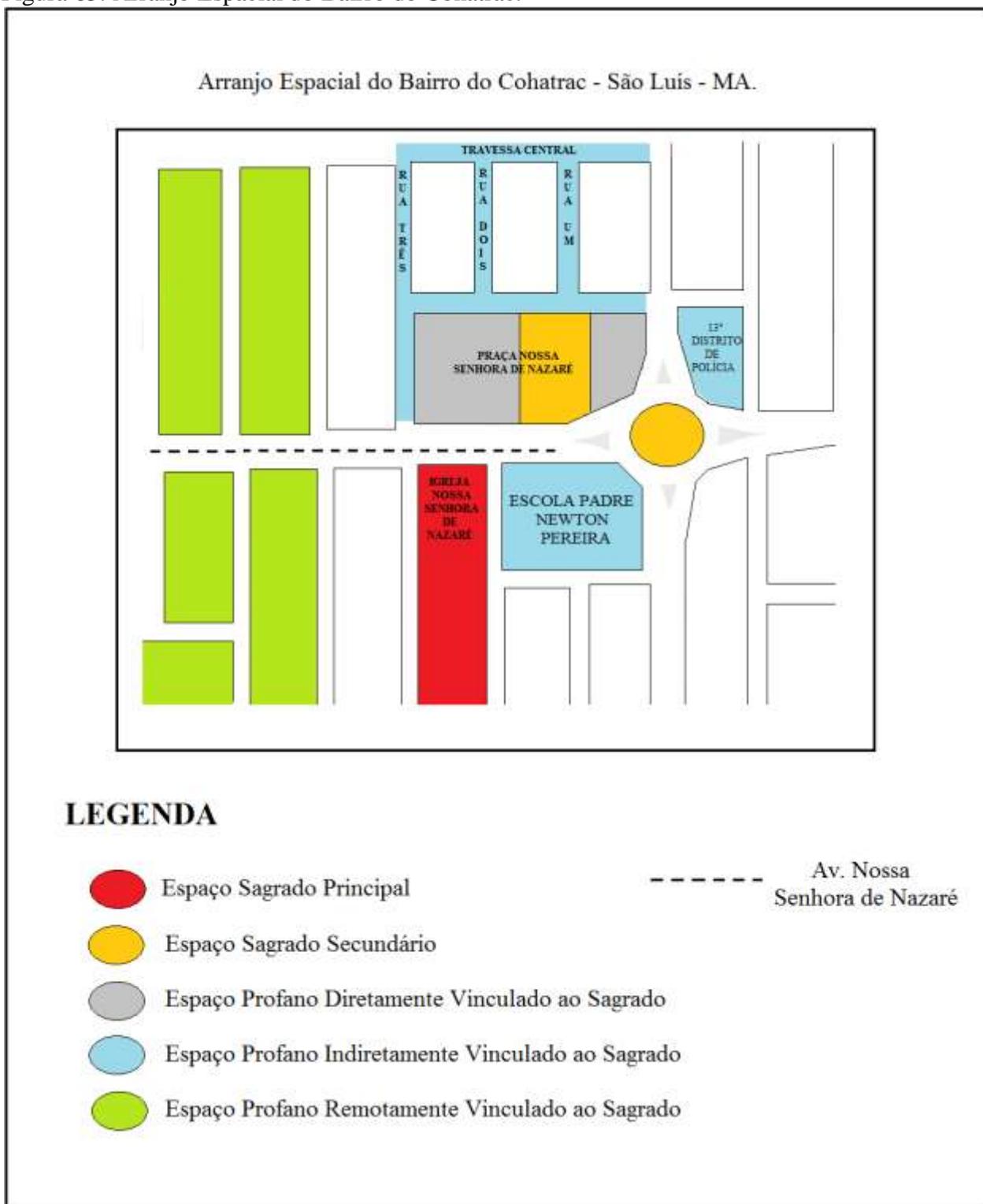
Figura 64: Celebração de encerramento da Grande Procissão na rotatória do Cohatrac.



Fonte: Voe Peregrine, 2016.

O arranjo espacial do sagrado no Bairro do Cohatrac é definido também por dois elementos fundamentais: o ponto fixo e a área circundante (Figura 65). O ponto fixo se constitui da igreja de Nossa Senhora de Nazaré, onde inicialmente era uma capela, e ali ocorre a hierofania (manifestação do sagrado) formando o espaço sagrado propriamente dito, pois por ali passam centenas de devotos todos os dias, agregando significados especiais e valores qualitativos para o evento. A área circundante ou o entorno pode ser definida pela Praça localizada em frente a igreja, que atualmente encontra-se sob os cuidados da Paróquia, e destinada às celebrações litúrgicas no período da festa, que se constituem em elementos espaciais secundários, com função religiosa, pois ali são realizadas práticas religiosas específicas integradas ao roteiro devocional dos fiéis como assistir à missa e etc.

Figura 65: Arranjo Espacial do Bairro do Cohatrac.



Fonte: SOUSA. M, M, P, 2017.

O espaço Sagrado Secundário é um espaço não definido como de segunda categoria ou de poder inferior, contudo, o termo secundário se aplica aos fixos que apresentam momentos não permanentes de sacralidades, e sim a partir de tempos

estabelecidos pelo evento religioso do Círio. Essa figura, foi elaborada com o intuito de melhorar a compreensão dos lugares e sua qualificação no Bairro do Cohatrac, onde os espaços em laranja classificados como secundários, referem-se a uma parte da praça, onde no palco menor acontecem algumas celebrações especiais, e ao retorno onde é montado um palco maior para celebração de encerramento do Círio, na chegada da Grande Procissão ao Cohatrac.

No Círio de São Luís, não tão diferente de outras manifestações religiosas a experiência do espaço sagrado se opõe à experiência do espaço profano, e a este, aplicam-se interdições aos objetos e coisas que estão vinculadas ao sagrado numa realidade diferenciada da realidade sagrada. Baseando-se no esquema do espaço sagrado e profano elaborado por Rosendahl (2010) através da segregação que o sagrado impõe à organização espacial, é possível identificar o espaço profano diretamente, indiretamente e remotamente vinculado ao sagrado. Para melhor visualização dessa organização espacial no Bairro do Cohatrac segue um esquema de representação desse espaço (Figura 66).

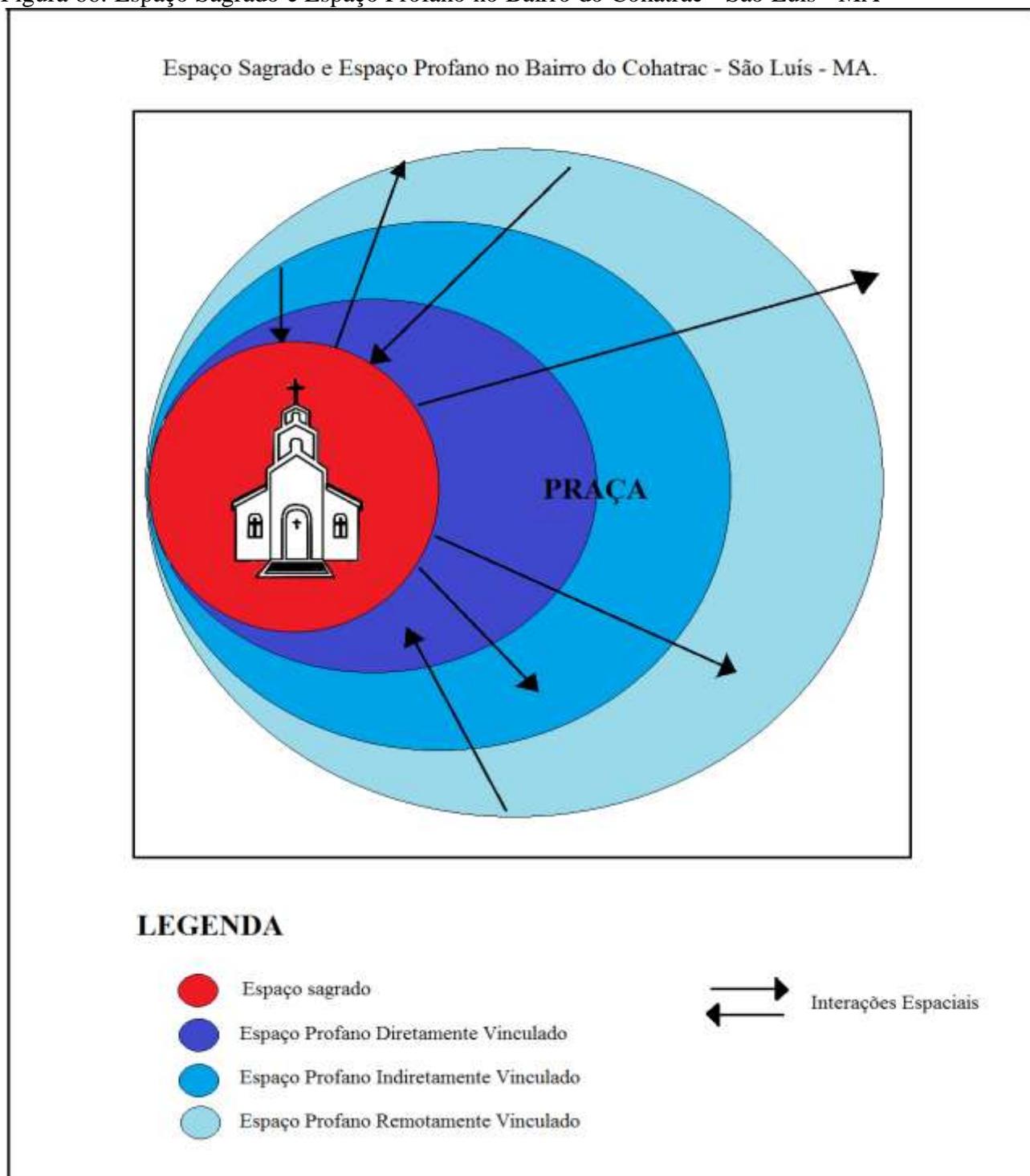
Em relação à configuração do espaço profano diretamente vinculado ao espaço sagrado, pode-se identificar também a mesma praça, pois além de celebrações especiais que acontecem, nela também localiza-se a parte festiva do Círio, com as barracas de lanches, artigos religiosos, variedades como bibelôs, bijuterias, brinquedos, e também é onde se monta uma enorme quantidade de barracas ambulantes que vendem produtos de artesanato, santos, bebidas diversas, além de brinquedos infláveis, pula-pula, cama elástica, e barracas de tiro.

No espaço profano indiretamente vinculado ao espaço sagrado, aparecem as funções direcionadas aos moradores da cidade com pouca relação com o espaço sagrado, constituindo-se nas áreas residenciais, comerciais e de lazer, dos serviços de saúde, educação, e financeiro, sendo que suas formas espaciais expressam o perfil da comunidade local. O comércio permanente local localiza-se ao longo da Avenida Nossa Senhora de Nazaré, que em sua maioria fecham as portas, exceção aos bares e restaurantes, localizados mais próximos à igreja, abrem seus estabelecimentos no período noturno.

Existe também uma escola pública denominada Padre Newton Pereira ao lado da Igreja, separadas por uma rua, cujo seu muro lateral é cedido para vendedores ambulantes montarem barracas no período da festa. Encontra-se também um posto de saúde, denominado Salomão Fiquene, ao lado da praça, algumas agências bancárias situadas na Avenida Nossa Senhora de Nazaré e mesmo não possuindo hotéis por perto é bem grande o número de pessoas que se hospedam em casas de amigos e parentes no próprio bairro. Desse modo uma grande área está diretamente vinculada aos espaços sagrados, área essa que se transforma e

(re) organiza-se em função do Círio, no tempo sagrado, tornando o devoto o principal agente dessa mudança.

Figura 66: Espaço Sagrado e Espaço Profano no Bairro do Cohatrac - São Luís - MA



Fonte: SOUSA. M, M, P, 2017.

Ainda no espaço indiretamente vinculado, as ruas localizadas na parte de trás da praça, a exemplo das ruas 1, 2, 3, 4, e a Travessa Central do Cohatrac I, são destinadas para estacionamento de veículos, na ocasião do Círio Cultural, e o 13º Distrito de Polícia, localizado a poucos metros da igreja. Já no espaço remotamente vinculado muitas casas residenciais ganham uma nova função e viram apoios para organização da festa, a exemplo do enfeite nas cabeceiras das ruas, que é realizado todos os anos para a passagem da imagem no dia da Grande Procissão, além de hospedarem pessoas e promoverem um encontro festivo entre amigos e conhecidos que comem, bebem e louvam ao som dos hinos em homenagem a Santa.

Foi possível observar que durante o tempo da festa, o espaço do Cohatrac é (re)modelado e o cotidiano do Bairro ganha novas características e significados. As peregrinações que recebem grande quantidade de fiéis e a visita de curiosos tornaram o local um centro convergente, que demandam serviços de alimentação, fotografia, e a comercialização de mercadorias diversas como camisas, CDs, brinquedos, imagens de santos, terços, fitas de braços, entre tantas outras, transformando também diferentes áreas da cidade em locais de encontros, de festa, de descanso, de promessas, ampliando a oportunidade de negócios e garantindo um aumento da renda para diversas pessoas da população local, que montam suas barracas e comercializa seus produtos com os devotos de Nossa Senhora de Nazaré.

Segundo Oliveira (2015) na geografia cultural a manifestação espacial da cultura é questão central, pois o geógrafo analisa a configuração que determinada prática cultural imprime no espaço, e os rearranjos espaciais das manifestações culturais são privilegiados em suas formas e no tempo em que ocorrem. Interpretar essa espacialidade é reconhecer as abordagens culturais dentro da geografia, destacando o espaço como conceito chave.

Os estudos geográficos da religião, enfatizado pela perspectiva cultural tem por base o estudo do sagrado e o do profano em sua relação com a sociedade e o espaço a partir das dimensões de análise propostas por Rosendhal (2003), a *Dimensão Econômica*, *A Dimensão Política* e a *Dimensão do Lugar*, como mostra o esquema a baixo (Figura 67). É possível qualificar o espaço sagrado, caracterizado por sua sacralidade máxima expressa por uma materialidade a qual se atribui valor simbólico e o espaço profano, como entorno do espaço sagrado, caracterizado pela existência de elementos que não possuem a qualidade de sagrado. (ROSENDAHL, 1996, 2003, 2012)

Figura 67: Dimensões de análise espacial.



Fonte: Rosendahl, 2003. Organização: Sousa, M.M.P, 2017.

Ao tratarmos a espacialidade da ideia religiosa, ou seja, a manifestação da fé no espaço no Círio de Nazaré na cidade de São Luís, relacionou-se estrutura e processo, além de formas e funções como fonte teórica e empírica dos estudos, por serem mais apropriadas ao entendimento da organização espacial. A partir dessa lógica das dimensões de análise, situaremos o Círio de Nazaré dentro da dimensão do lugar privilegiando à difusão religiosa e área de abrangência e da econômica no que tange as relações entre bens simbólicos, mercados e redes.

Conforme Matos (2010) que no contexto das festas religiosas ressalta às procissões não se reterem somente à dimensão religiosa, mas também influem massivamente na economia com a gama de bens e serviços deslocados para a concretude do período festivo, aproveitando o contingente populacional para gerar lucro, prevalecendo-se do aspecto cultural, principalmente com a intensa heterogeneidade de pessoas de diferentes lugares que por diversos motivos. Não diferente do Círio, as pessoas se locomovem para o bairro, passando a participar de inúmeras atividades e consumir mercadorias ligadas a festa.

Throsby (2001) reconhece o papel da cultura no processo de desenvolvimento econômico uma vez que o comportamento de um grupo social está diretamente relacionado ao

conjunto de valores e fatores culturais que se fazem representar nessa sociedade. Com isso os padrões de preferência do grupo modelam seu comportamento econômico, afirma ser possível sugerir três questões que podem afetar os resultados econômicos dos grupos: Um é a questão da eficácia econômica através da promoção de valores compartilhados dentro do grupo que condicionam as formas de como esse grupo assume os processos de produção econômica; Dois é a equidade que se dá nas decisões de aporte de recursos do grupo voltadas para resultados equitativos para os seus membros e três nos objetivos econômicos e sociais que o grupo decide perseguir.

A dimensão econômica do Círio é caracterizada pela comercialização de bens de natureza simbólica e material, e representa uma parte importante do processo de organização da festa, pois para que a mesma aconteça algumas atividades comerciais precisam ser realizadas. Apropriando-se de uma necessidade criada pelo sagrado, várias atividades econômicas surgem desde o momento que antecede a festa até o momento final, quando o sagrado oficial já não se faz mais presente.

Nos dias de peregrinações, por exemplo, é comum que as pessoas procurem algo para se hidratar, e alimentar, e com isso surge um variado comércio alimentício. São dezenas de ambulantes que ficam espalhados por toda a procissão, advindos de diversos locais da Cidade de São Luís e bairros vizinhos. Muitos têm outros afazeres, mas que durante as festividades nazarenas, improvisam um carro de lanche, para ganhar uma renda extra com o grande movimento. Também há um grande comércio religioso, pois são muitas as pessoas que procuram terços, imagens, fitas bentas, medalhas, e principalmente as camisas do círio, de modo que grande parte de todos esses vendedores esperam o ano inteiro pela chegada do Círio.

As divulgações nas mídias colaboram para que o Círio represente na sociedade local um evento que seja um grande incentivador da cultura maranhense, e o mais importante economicamente para o bairro do Cohatrac, pois há um interesse financeiro que acompanha a marca do Círio de Nazaré. O grande poder midiático, que vem das reportagens transmitidas na TV local, divulgação em jornais, e em outros meios de comunicação, fazem com que a festa chegue aos mais variados locais, e por isso tornando este “mercado religioso” atraente.

Embora o ápice da Festa seja o segundo domingo de outubro, dia em que ocorre a Grande Procissão, e é realizada uma grande celebração, a festa não se resume só a essa data, pois ao longo de todo ano são planejadas atividades para que tudo ocorra bem. Sobre a dimensão da festa o senhor Ivaldino Espósito comenta:

*O festejo dedicado a Nossa Senhora de Nazaré no Cohatrac existe desde 1983, mas era muito local. A partir de 1992 pra cá sua dimensão se tornou muito grande. De lá pra cá ela tomou essa conotação de realmente uma festa de grande porte [...] Já teve ano aqui que recebemos cerca de 100 mil pessoas na Procissão de encerramento. (IVALDINO ESPÓSITO, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).*

As entrevistas com os devotos, comerciantes e visitantes foram fundamentais nessas análises da dimensão econômica no Círio. De acordo com o Padre Flavio Collins a importância econômica do Círio para o Cohatrac e para Cidade de São Luís, está na geração de renda não só para as pessoas do bairro, mas também para a igreja, pois ele afirma não ser possível realizar o Círio apenas com o que a paróquia recebe nas celebrações e através dos dízimos pagos pela comunidade, e em contrapartida o evento proporciona uma renda extra para comerciantes e vendedores ambulantes.

Um barraqueiro de jogos de tiro (Figura 68) que participa da festa há dois anos comenta que não paga nada pelo espaço ocupado, no muro lateral da escola Padre Newton Pereira, onde instala sua barraca com a permissão da própria direção da escola, relatando ser um ponto bom e gratificante. Porém, morador do Bairro Cidade Olímpica, o senhor Luciano afirmou ser o espaço da praça mais satisfatório, por estar mais próximo das barracas e possuir maior fluxo de pessoas, de modo que por ter concorrentes diretos nesse espaço, ou seja, mais barracas de tiro iguais a dele, o movimento se torna menor na sua barraca.

Figura 68: Barraca de Tiros



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

Segundo Oliveira (2015) uma característica marcante nas festas religiosas é a organização espacial, onde é possível encontrar um comércio anexo ao lugar de atividade religiosa, ou seja, os bens simbólicos religiosos. No caso do Círio de Nazaré encontra-se na praça localizada em frente à igreja uma espécie de arraial, com diversas barraquinhas, (em média 10 barracas), destinadas à venda de comidas, distribuídas de maneira que uma é de posse do Círio (Figura 69), uma do grupo dos vicentinos e as demais são locadas pela igreja pra quem tiver interesse. Além das barracas é possível encontrar diversas mesas, com vendas de artesanatos, brinquedos, bijuterias e artigos religiosos (Figura 70). Sobre essa distribuição o Padre Flavio Colins comenta:

*Ai a gente movimenta o largo, a gente loca os espaços, a praça fica reservada pra gente nesse período e a gente faz a locação dos espaços, todas as barracas que estão ali, pagam uma taxa pra nós pra poderem lucrar um pouquinho no período da festa [...] Tem uma equipe destinada pra cuidar disso, a de largo, em geral são essas pessoas que ao longo dos anos que já tem o costume, ganham um dinheirinho e já procura, mas em geral é quem chega primeiro, enquanto estiver espaço a gente vai locando. E mesmo as equipes de igreja, elas pagam pra estar lá, por exemplo, a gente tem um espaço que é nosso, da igreja, só uma barraca, os outros são outras pessoas, e pagam a taxa normal (FLÁVIO COLLINS, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).*

Figura 69: Barraca do Círio de Nazaré no Largo.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

Figura 70: Mesas de vendas no espaço do largo.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

Vale ressaltar que a partir dos trabalhos de campo realizados, nos meses de setembro e outubro de 2016 a venda de bebidas alcoólicas esteve proibida dentro do espaço da praça, e segundo o Padre Flavio, a igreja consegue ter o controle do tipo de venda dos barraqueiros, pois quando a pessoa vai locar ela diz o que será comercializado em sua barraca, sendo ressaltada a eles a proibição da venda de bebidas alcoólicas, pois a fiscalização é feita com a ajuda da Blitz Urbana.

Contudo, ao redor da praça estão localizados os comerciantes fixos e formais, como os bares, pizzarias, sorveterias (Figura 71) pastelarias e etc. Esses não contribuem financeiramente com a igreja, como por exemplo, no pagamento das atrações e não se inibem à restrição da comercialização de bebidas alcoólicas, porém, segundos relatos de alguns barraqueiros, eles são os que mais lucram com a festa, pois além de não pagarem nada, usufruem das atrações e da estrutura montada pelo Círio. Padre Flávio exemplifica:

*Sobre esse pessoal que vende bebida alcoólica, a gente traz bumba-boi pra cá, traz o projeto samba na praça, e samba convida pra cerveja né, como o pessoal não pode beber na praça eles vão pros bares, ouvindo a música, e aproveitando, então na verdade eles lucram muito (FLÁVIO COLLINS, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).*

Figura 71: Sorveteria localizada ao lado do largo.



Fonte: SOUSA. M, M, P. Outubro, 2016.

Após alguns anos de experiências, Padre Flavio no intuito de tentar minimizar os problemas por consequência do consumo de bebidas alcoólicas, optou por mexer na programação do Círio cultural e restringir algumas atrações tidas como muito populares e comenta:

*A gente teve umas experiências, há mais o menos uns três anos, colocamos a noite da MPB ai bombou. Ai botamos a noite do forró, nossa encheu de gente nessa praça, e ai pensamos, rapaz a gente atrai muita gente que talvez não fosse bom a gente ter trazido não, então a gente filtra um pouquinho [...] O público que vem hoje pra festa, vem pra igreja e vai pro largo, que a atração também combina, mas tem um público que jamais viria pra igreja, mas viria por conta da atração no largo. Oh por exemplo, tem uma pessoa que já tocou aqui e que todos os anos que tocar, [...] então imagine, não da pra tocar aqui no Círio, porque sua música pede cachaça (risos), então esse público normalmente não vem (FLÁVIO COLLINS, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).*

### 3.5 Difusão e abrangência da Festa do Círio.

A dimensão religiosa, no lugar, aparece principalmente nas procissões e nas celebrações, momento ritual no qual a devoção é comum ao conjunto de católicos que acompanham todas as etapas. O interesse religioso apresenta-se diluído em todas as dimensões da festa, ainda assim, os representantes principais são os membros da Paróquia, que ao experimentarem um contato mais imediato com sua Santa protetora e com os que

compartilham da mesma devoção, estabelecem uma relação caracterizada, em sua maior parte, pela reciprocidade (MAUSS, 2003).

Os espaços sagrados constituídos pelo Círio, com todos os seus símbolos e significados religiosos induzem o movimento de visitantes de várias partes da cidade, atraindo-os pela sua força sagrada e simbólica, porque muitos deles veem esses espaços e símbolos como uma referência importante para demonstrarem toda sua religiosidade e devoção, principalmente àqueles crentes, homens e mulheres, que têm como principal característica religiosa o catolicismo popular.

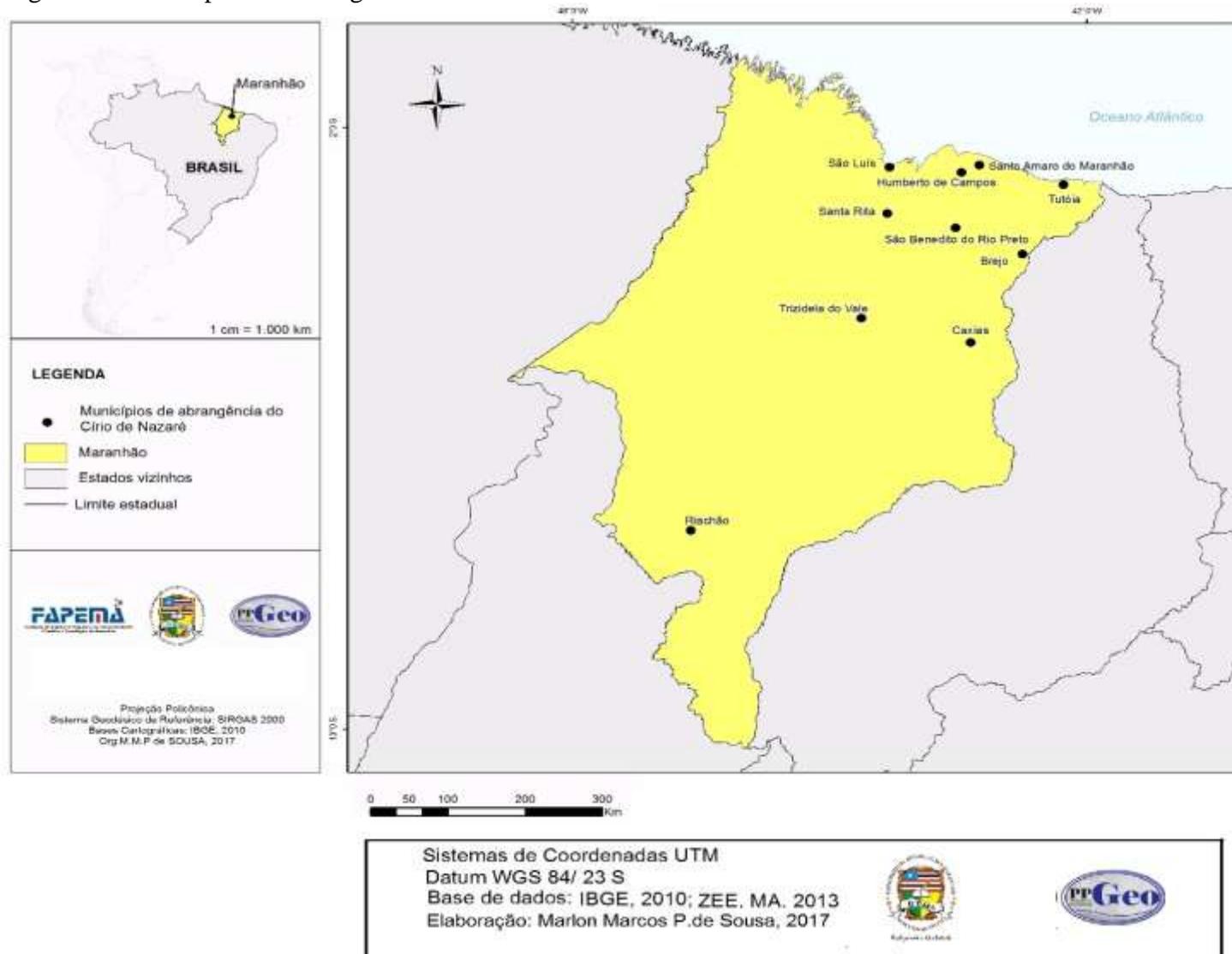
Com base na concepção de Maia (1999) as festas do catolicismo popular consistem em manifestações culturais que apresentam duração efêmera e transitória, perdurando por algumas horas, dias ou semanas. Nesse sentido, a realização da festa do Círio de Nazaré com o passar do tempo tem se tornado um evento sócio-cultural da grande complexidade em termos organizacionais, congregando os mais diferentes segmentos da sociedade e abrangendo várias escalas espaciais.

O fato é que centenas de pessoas, de várias partes da Cidade de São Luís, principalmente do entorno do Cohatrac se deslocam todos os anos, para as procissões e pra romaria, principalmente motivados pela fé e pelos significados religiosos dos espaços sagrados existentes na cidade, numa demonstração de devoção e crença que chega, às vezes, a ultrapassar os limites territoriais do Estado do Maranhão, como afirma o padre Flavio Collins:

*O círio, pra falar de abrangência, nós implantamos o círio de Nazaré em Humberto de Campos, em Morro dos Caboclos em Trizidela do Vale e aí então quando a gente vai implantar quer dizer que vem um grupo aqui, então tem essa troca de experiência, a gente vai lá e eles vem aqui. A gente visitou bastante Riachão. Não implantou o Círio porque lá já tem um festejo antigo de Nossa Senhora de Nazaré, mas então vai uma comissão pra lá e vem um grupo de lá pra cá também. E além do mais a gente visita, agora assim, visita muitas paróquias. Ano passado nós visitamos as paróquias que nós chamamos da área rural dos Estreito dos Mosquitos pra lá, de Santa Rita até Santo Amaro, então, com uma visita, deixei a imagem em um final de semana, passa a semana lá, no final de semana seguinte eles vão, então isso depois traz gente pra cá, como devotos, com uma participação ativa não, mas como devotos sim. A abrangência vai muito mais além do que se pensa: Diocese de Brejo, São Benedito do Rio Preto, Tutóia, Caxias (FLÁVIO COLLINS, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).*

Para melhor visualização desta informação apontamos no mapa a seguir (Figura 72) os municípios citados, caracterizando a estratégia de irradiação religiosa e abrangência do Círio. Vale lembrar que apesar dos devotos de diferentes regiões, cidades, e bairros, se encontrarem no Círio, em busca do sagrado, esse fato não lhes atribui um caráter essencialmente homogêneo, pois as vivências e experiências de cada pessoa são únicas,

Figura 72: Municípios de abrangência estadual do Círio de Nazaré



Fonte: IBEGE, 2010; ZEE, 2013. Adaptado por Sousa, 2017.

particulares, ou no máximo, com uma coletividade restrita a um pequeno grupo. Assim, os significados e valores que cada pessoa atribui aos espaços sagrados e as suas práticas devocionais o tornam diferente, marcando a heterogeneidade do grupo.

Desse modo, a Cidade de São Luís assim como a cidade de Belém pode ser considerada centros de convergência de crenças e também área de difusão ou irradiação de valores religiosos cristãos. Para Santos (2004, p. 410), atração e difusão “são forças que, embora de sentido oposto, não são contraditórias, antes se fortalecendo reciprocamente e tornando mais poderoso o núcleo religioso para que convergem ou de que emanam, respectivamente...”

Levando em consideração a importância dos estudos de difusão espacial concordamos com as ideias apresentadas por Silva (1995) ao afirmar que

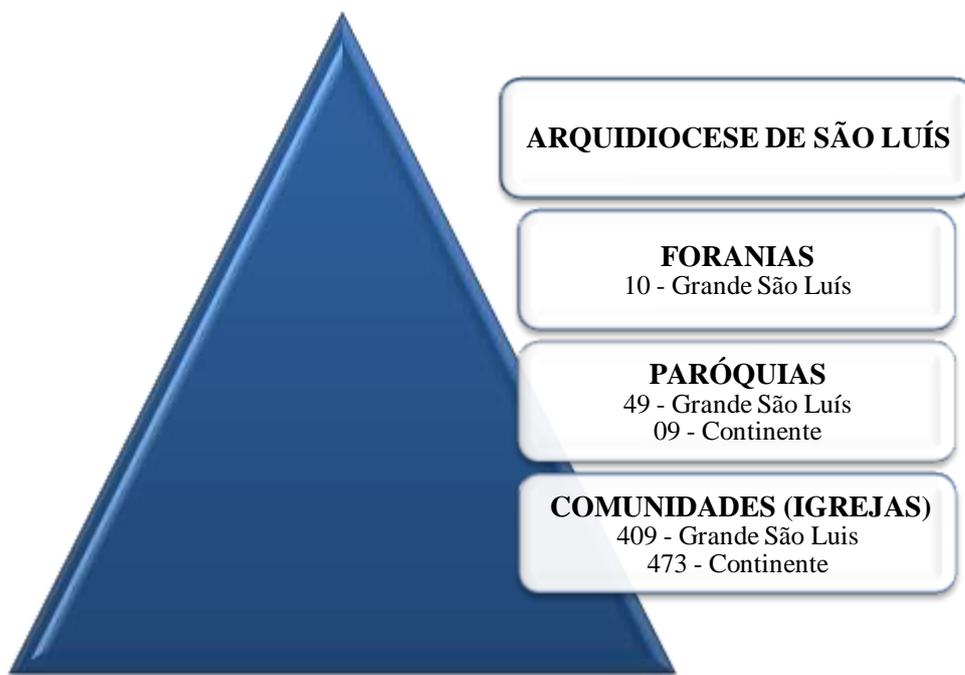
A difusão de processos sociais se constitui em importante área de interesse da Geografia e de outras ciências sociais. Apesar da relevância da distribuição espacial dos fenômenos em um dado momento do tempo e sobre uma área particular, torna-se imprescindível resgatar os mecanismos que respondam pelas mudanças na distribuição desses fenômenos num determinado intervalo de tempo. Daí a validade dos estudos tanto empíricos quanto teóricos relativos aos processos de difusão espacial das inovações. (SILVA, 1995, p. 25)

Sopher (1981) afirma que a difusão espacial das religiões é particularmente importante para a geografia ao se refletir sobre a ação missionária de expansão de ideias e de condicionamentos simbólicos. Além disso, propõe ainda que, partindo de seus lugares de origem, as religiões difundiram a sua mensagem por meio da conversão de novos adeptos, e a migração natural de pessoas, que transmitem sua cultura, e a migração de sistemas religiosos resultam em adaptações ou integrações de religiões a um determinado ambiente estranho, que pode alcançar um equilíbrio ou desenvolver mecanismos de conquista.

Em virtude disso, a difusão espacial da devoção a Nossa Senhora de Nazaré em São Luís, iniciada no Cohatrac, sede da festa, e através de sua condição de Paróquia, leva em consideração também a organização institucional do catolicismo em relação à Cidade de São Luís e os demais municípios do Estado do Maranhão, descritas no diagrama (Figura 73), e contextualizada no espaço do Cohatrac (Figura 74). A área 1, refere-se às comunidades ao entorno do Cohatrac, ligadas a paróquias e que possuem grande contribuição e participação no festejo, além de casas, escolas e postos de saúde do bairro. A área 2, refere-se aos demais bairros da cidade que possuem uma participação mais indireta, mas muito importantes na etapa da Romaria, onde a Imagem é acolhida por algumas dessas comunidades, além de instituições públicas estaduais e municipais. E a área 3 refere-se a outros municípios do

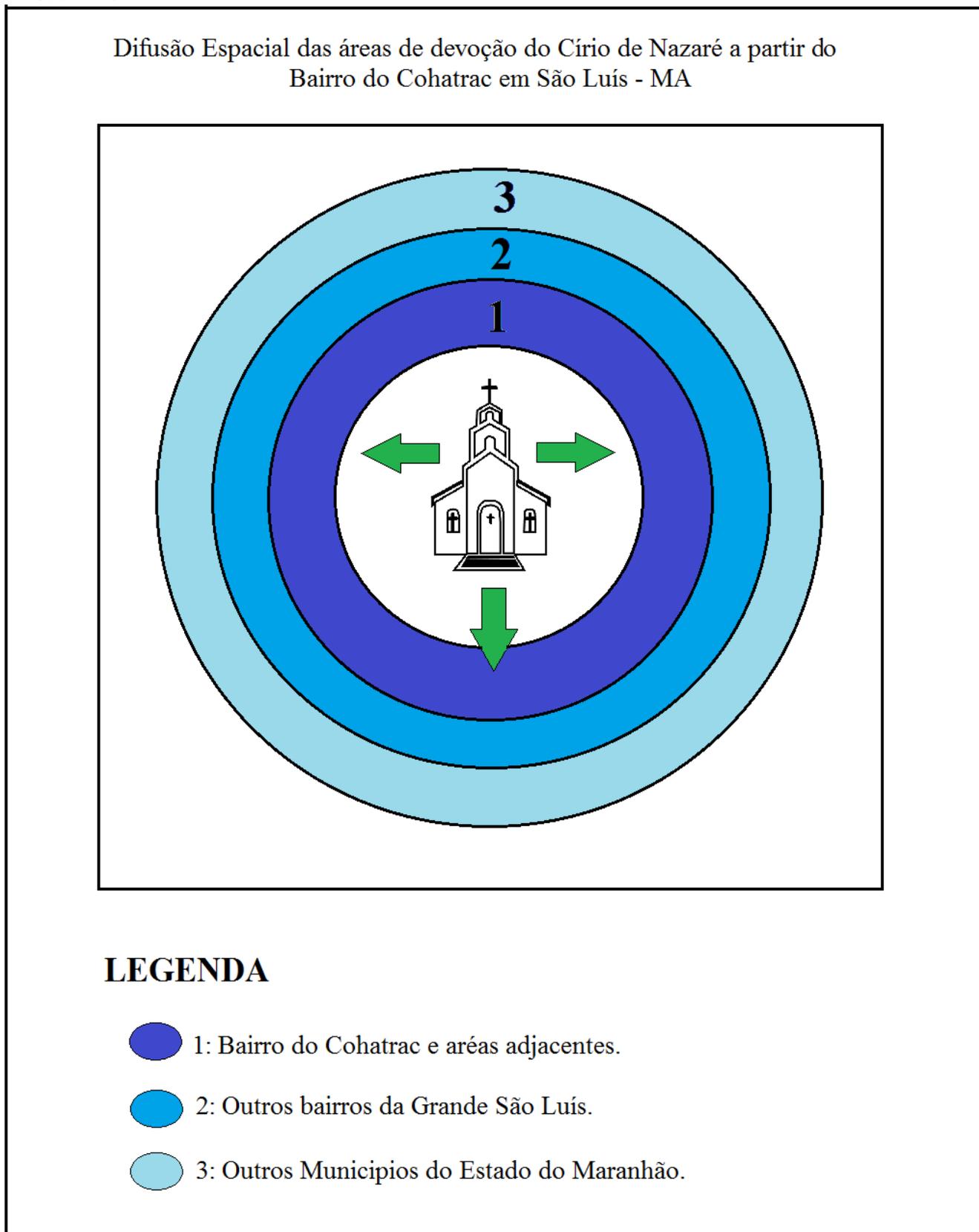
estado, onde a Paróquia está trabalhando na implantação do Círio, como foi relatado pelo Padre Flavio.

Figura 73: Institucionalidade Católica da Cidade de São Luís



Fonte: Arquidiocese de São Luis. Organização: Sousa, 2017

Figura 74: Difusão Espacial das áreas de devoção do Círio de Nazaré a partir do Bairro do Cohatrac em São Luís.



Perguntado ao Padre Flávio sobre a participação de outras comunidades ele comenta:

*Assim, tem voluntariado né, por exemplo, no grupo dos socorristas há uma parceria, quando há o festejo de outras comunidades, o pessoal daqui vai pra lá, que são esses de vermelho, e quando chega no Círio tem um grupo que também participa lá que vem pra cá. Às vezes tem caravanas, aí já vem a participação mesmo como devoção (FLÁVIO COLLINS, INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).*

Outra estratégia de difusão adotada pela paróquia é o chamado Pré-Círio, que se iniciou no ano de 2002 por ocasião do décimo ano de realização do Círio em São Luís, por iniciativa da Pastoral Litúrgica, foram realizadas peregrinações por toda a Arquidiocese. Em seu primeiro ano de realização essa caminhada durou 49 dias, e foram visitadas 26 paróquias, asilos, hospitais, penitenciárias, casas de passagem e órgãos públicos como: o Palácio do Governo Estadual, Prefeitura, Assembleia Legislativa, a Câmara de Vereadores, o Tribunal de Justiça e o Comando Geral da Polícia Militar (Figura 61).

No ano de 2007, em comemoração ao 15º aniversário do Círio, essa peregrinação voltou a acontecer, incluindo agora a Área Rural da Arquidiocese, uma caminhada que se iniciou no mês de julho e terminou em setembro. A partir do ano seguinte as peregrinações passaram a ser realizadas anualmente e foram acrescentadas aos locais visitados, as peregrinações aos estabelecimentos de ensino do bairro. A visita da imagem acontece sempre nos meses de agosto e setembro, período que antecede o início do novenário a partir do ano de 2013 a imagem peregrina visitou paróquias de algumas dioceses do interior do Maranhão como, Balsas, Caxias, Coroatá e Viana.

Figura 75: Peregrinação na Secretaria de Estado de Segurança Pública.



Fonte: Governo do Maranhão, 2016.

Para divulgar a festa do Círio de Nazaré no Cohatrac “Festa da Luz”, além das visitas da imagem da Virgem de Nazaré de casa em casa, das missas de ruas, das peregrinações na capital e interior do Estado, faz-se também as peregrinações nas escolas do Bairro. A proposta é envolver as escolas nas celebrações e no âmbito cultural do festejo, inclusive propondo às escolas a participarem das noites culturais. Colégios visitados: Centro de Ensino Professor Barjonas Lobão (Figura 76), Unidade Integrada Maria Pinho, Unidade Integrada Padre Newton Pereira, Colégio Municipal Primavera, Colégio Solução Maranhense, Colégio CENAZA, Colégio Santo Expedito, e Escolinha Sagrado Coração de Jesus.

Figura 76: Visita ao Centro de Ensino Prof. Barjonas Lobão



Fonte: Duarte, 2012.

Desse modo, comungando com as ideias de Rinschede (1985), se reconhece uma organização espacial altamente formal no Bairro do Cohatrac, onde os limites da área de abrangência são fornecidos além do comportamento dos peregrinos, pelos lugares sagrados e pela localização característica dentro deles, pelas atividades auxiliares associadas aos peregrinos ao redor do local, pelas funções, como o comércio ambulante, e venda de artigos religiosos relacionados aos peregrinos, também pela ação coordenada da paróquia, de alcance às escolas, instituições, outras paróquias, municípios e etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Apresentar a importância das vivências espaciais através das práticas religiosas como objeto de estudo, ritualizados e simbolizados nas festividades de Nossa Senhora de Nazaré no bairro Cohatrac em São Luís - MA, exigiu também a análise da interação dos aspectos, das características, e dos elementos que compõem esses eventos no contexto do sagrado e do profano. A busca pelas origens deste festejo religioso traz a certeza da força simbólica que é a razão profunda da existência destas formas de manifestação popular e de celebração que a cada ano os fiéis procuram renovar.

As pesquisas e análises desenvolvidas nesse trabalho e posteriormente analisadas foram de fundamental importância para compreender a atuação da cultura na (re)construção da identidade social de determinados grupos, e como podem interferir geograficamente nas relações socioespaciais, através das ações e no comportamento no cotidiano de uma comunidade. Mediante o contexto apreendido do Festejo de Nossa Senhora de Nazaré, associado à evolução da consolidação do evento, a abordagem foi eficaz para o processo de entendimento de toda a conjuntura social diretamente ligada à realização da festa.

Analisar as manifestações religiosas do Círio no espaço urbano do bairro do Cohatrac, juntamente com todo o seu mecanismo de espetacularização, as conexões existentes que corroboram com a produção de bens simbólicos, e o fortalecimento dessas relações através do sagrado e do profano, permitiu visualizar um rompimento com o cotidiano, sejam eles pequenos, médios, grandes, locais ou não, além de um movimento da coletividade impulsionada pelas cerimônias religiosas, onde grupos se reúnem para celebrar, se reafirmando periodicamente, através da devoção Nazarena, da festa e dos ritos, que possuem a função primordial de sempre atualizar o tempo religioso.

A fisionomia que o bairro Cohatrac apresenta no tempo festivo é impressionante, pois a grande massa populacional que circula no espaço do Círio extrapola exponencialmente o da população local habitual. Todavia, é importante ressaltar que o bairro Cohatrac, no período nazareno exerce outra função, a religiosa, e após este período volta ao cotidiano, e ao ritmo anterior.

Porém, é durante o tempo sagrado que o espaço sagrado na cidade de São Luís ganha maior significado e se torna mais importante para os devotos, pois nesse tempo são revividos os fatos hierofânicos, reafirmando a existência e a presença de um Deus como ser

superior e uma figura intercessora como a de Nossa Senhora. O espaço/tempo sagrado tem o poder de aproximar, com maior intensidade, o homem religioso daquilo que ele considera divino e, dessa forma, consegue leva-lo, mesmo que espiritualmente, para um campo de forças sobrenatural, onde suas vivências e práticas religiosas têm maior valor significativo.

Desse modo no bairro do Cohatrac o sagrado recria o espaço, tornando-se um elemento importante de (re)produção do espaço. Os devotos Nazarenos nesse santuário religioso, se tornam agentes modeladores e consumidores do espaço sagrado, impondo uma (re) organização espacial nos tempos sagrados, ou seja, durante as festas religiosas e nos períodos de procissões. As manifestações religiosas da romaria, procissões e as festas religiosas do Círio (re)organizam os espaço pelos seus símbolos e seus significados, evidenciando o sentido de lugar imanente e fornecendo elementos importantes sobre a dimensão espacial do sagrado.

Como bem sinaliza o entendimento de Almeida (2005) o viver na festa do Círio de Nazaré se caracteriza como um gerador de significados culturais que varia grandemente pela aglomeração de forças (poderes) que regem o realizar da festa. Sejam os agentes do poder de público ou os agentes da Igreja Católica, passando ainda pelas intervenções dos fiéis que expressam a fé de modo popular ou ainda, dentro da produção espacial dos devotos, que trazem para o centro desse espaço suas experiências e valores numa diversidade tremenda e que se traduz numa territorialidade própria.

Com o passar dos anos, apesar de todos os acréscimos que foram incorporados nas manifestações do Círio, não se alterou o fervor da devoção e as dimensões profanas que a tradição popular consagrou guardando a mesma função agregadora e identitária, sendo possível observar isso através da mobilização da comunidade e das atividades tanto devocionais quanto de confraternização, reafirmando o sentimento de comunhão que nutre, desenvolve e amplia os vínculos sociais. Reforçando essa ideia com base no pensamento de Amaral (1998) o povo faz uma verdadeira imersão no sentido da festa, pela devoção e pela intensa emoção dos rituais, eles vivem uma experiência única e inesquecível que os une e os identifica enquanto comunidade.

No delineamento do alcance de resultados, com o auxílio do levantamento e da análise de documentos referente aos desdobramentos da Festa, foram trabalhados aspectos da organização do Círio de Nazaré e os agentes envolvidos, as dimensões religiosas e econômicas, além da distribuição espacial de todas as etapas destas festividades, visando indicar a abrangência da Festa e suas transformações temporais ao longo dos anos. Foram apontadas também, como as diversas etapas do período festivo em torno do Círio dinamizam

diferentes atividades no Bairro Cohatrac, e o intercâmbio deste com outras localidades, haja vista o engajamento de significativo contingente populacional em torno do evento, que dão corpo a esta festa enquanto um complexo fenômeno religioso-cultural e econômico.

Mediante a vasta bibliografia utilizada, pode-se perceber que essa temática tem se tornado cada vez mais evidente o interesse de pesquisadores por estudos sobre as festas populares e religiosas. Para os geógrafos, a compreensão destes fenômenos pode passar pelo entendimento das estratégias espaciais presentes na busca pelo controle do espaço e estes são ainda impulsionados pelas pesquisas da cultura e sua atuação na construção de espaços, motivando-s a permanecer neste caminho de questionamentos da religião e sua materialização espacial, bem como outros que surgirão, mas é possível relaciona-los às transformações decorrentes da sociedade na atualidade.

Em virtude do que se aprendeu nesse estudo, o Círio de Nazaré, enquanto fenômeno social é um evento de natureza religiosa que congrega uma multiplicidade de ritos e representações que perpassam diferentes domínios, os quais, por sua vez, não se limitam ao plano do sagrado. Ele (o Círio) é festa no sentido mais amplo da palavra e que, contemporaneamente, entrosam religiosidade com aspectos da vida prática cotidiana, articula diferentes perspectivas culturais e simbólicas e mecanismos de identidades.

A Festa merece um destaque importante, pois acredita-se que ainda existem outras dimensões envolvidas, além das que foram descritas até aqui. A partir das informações obtidas através dos atores e da observação participante na festa, alguns caminhos foram abertos, uns trilhados outro não, não sendo possível trazer todos nesse trabalho, mas que permitem ser aprofundados em um trabalho futuro, bem como para investigações de outras realidades geográficas. Espera-se também que essa pesquisa seja proveitosa para os membros eclesiais proporcionando uma utilização social visível.

## REFERÊNCIAS

---

ALVES, I. **O carnaval Devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém.** Petrópolis, 1980

AMARAL, J. M. F. **Círio de Nazaré – informações úteis e importantes.** Belém: Mendes Publicidade, 2003.

AMARAL, R. C. M. P. **Festa à brasileira: significados do festejar, no país que não é sério.** Tese de Doutorado em Antropologia, São Paulo, 1998.

ANDRADE, M. do C.. “Procissão”. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em fev. 2017.

ANDRADE, S. **O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo,** 2010, p. 133-134.

ANUNCIACÃO, A. M. C. **Segmentos socioespaciais urbanos do Cohatrac: gênese e dinâmica da unidade do Novo Cohatrac.** São Luís – MA. Monografia (Licenciada em Geografia), Universidade Federal do Maranhão, 2003.

ARQRIO. ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIAO. **Portal da Arquidiocese de São Sebastião,** Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <http://arqrio.org/formacao/detalhes/511/a-senhora-de-nazare>&gt; Acesso em: 25/02/2016.

AQUINO, M. de. **História e Devoção.** Bauru, SP: EDUSC, 2011.

AZEVEDO, D. **Desafios Estratégicos da Igreja Católica.** São Paulo – SP. Luanova N° 60, 2004.

AZZI, R. Elementos para história do catolicismo popular. In: Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 36, fac. 141, 1976.

BALDUÍNO, T. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.** 2016. Disponível em <http://www.pj.org.br/blog/juventude-realiza-14-romaria-com-a-pastoral-da-terra/>. Acesso em: ago/2016.

BSILICA DE NAZARÉ. Histórico da devoção a Nossa Senhora de Nazaré. Panfleto da novena Nossa Senhora de Nazaré, Belém- PA, 1984.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S.. **Investigação qualitativa em educação - uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Editora, Ltda. 1994.

BONNEMAISON, J. **Viagem em torno do território.** In: Geografia cultural: um século (3). (Orgs) Roberto Lobato Corrêa; Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83- 132.

BRITO, A. E. M. C. de; GOMES, D. L. Festa **Da Chiquita: Espaço Sagrado E Profano Na Fé-Sta1 Do Círio De Nazaré – Belém-Pa**. Revista de Geografia (Recife) V. 33, No. 1, 2016.

BURCKHARDT, J. **Historia de la cultura griega**. Barcelona: Editorial Iberia, 1974.

BÜTTNER, M. **El significado de la Reforma para la nueva orientación de la Geografía en la Alemania Luterana**. In: Geocrítica, Universidad de Barcelona, año III, n 12, 22 p., 1997. Disponível em Acesso 10/01/2016.

CABRAL, M. S. A. **Claros e Escuros**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CASSIRER, E. [1923] A Filosofia das formas simbólicas – I – a linguagem. Tradução de Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. [1944] Ensaio sobre o homem – introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CASTRO, J. L. de. **A organização da Igreja Católica na Capitania de Goiás (1726-1824)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, 1998.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural**. Florianópolis, EDUSC, 1999.

\_\_\_\_\_. **A geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

\_\_\_\_\_. **A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Introdução à Geografia Cultural. 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **Geografia Cultural: Um balanço**. Revista geografia, Londrina v. 20, n. 3, p 005-024, set./dez. 2011.

\_\_\_\_\_. **A geografia cultural no Brasil**. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2006, pp. 11-25. ISBN 978-85-232-1238-4.

\_\_\_\_\_. Champ et perspectives de la géographie culturelle. Géographie et Cultures, n. 1, p.7-38, 1992.

COMPÊNDIO DO VATICANO II, p. 87, 1984.

CORDEIRO, G. Í. **Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca**. 2003. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8491.pdf>. Acesso em 8 abr. 2017.

CORRÊA, A. de M.. **Irmandade da Boa Morte: resistência subjetiva frente ao sistema mundo**. IN: DEMBICZ, A. (Org.) El espacio en la cultura Latinoamericana. CESLA/ Varsóvia, Universidade de Varsóvia, 1997.

\_\_\_\_\_. **Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira: de cultura alternativa à inserção global**. Tese de Doutorado. PPGG/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **“Geografia cultural: passado e Futuro: uma introdução”**. In: CORRÊA, R. L. et al. *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **A dimensão cultural do espaço**: Alguns temas, **GEOgraphia**, p. 113–123, n. 10, 2002.

\_\_\_\_\_. **Espaço: um conceito-chave da geografia**. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. da C., CORRÊA, R. L. (orgs.) *Geografia: Conceitos e Temas*. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **A geografia cultural e o urbano**. In: CORRÊA CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Org). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **Introdução a Geografia Cultural**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **A dimensão cultural do espaço: alguns temas**. In: *Espaço e Cultura*, nº 10, 2003. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3479/2409>>. Acesso em: out. 2016.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 2014. P. 63-91.

\_\_\_\_\_. (Org). **Geografia Cultural: Um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002;

CORREIA, M. da C. B. **A observação participante enquanto técnica de investigação**. *Pensar Enfermagem* Vol. 13 N.º 2 2º Semestre de 2009. Disponível em: <[http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009\\_13\\_2\\_30-36.pdf](http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf)> Acesso em: 22/02/ 2016.

COSGROVE, D. E. JACKSON, P. **Novos rumos da geografia cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Geografia cultural: um século (II)*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1987. p. 15-32.

DÍAZ, P. de la C. **Peregrinos y lugares de peregrinación en la Hispania tardo antigua**. *História: Questões & Debates*, n.33. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

DIMITRIUS, J. MAZZARELLA, M. **Decifrar Pessoas: como entender e prever comportamento humano**. Trad. Sônia Augusto. – São Paulo: Alegro, 2000.

DUNCAN, J. S. **O supraorgânico na Geografia Cultural Americana (1980)**. In: DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

ELIADE, M.. **“O Sagrado e o Profano”**. [tradução Rogério Fernandes] São Paulo: Martins Fontes 1992.

\_\_\_\_\_. **Imagens e símbolos.** Ensaio sobre o simbolismo Mágico-Religioso. Tradução por Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991. P. 124.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, L. F. **O lugar festivo** – a festa como essência espaço-temporal do lugar. *Espaço e cultura*, UERJ, RJ, n. 15, p. 7-21, jan./jun. 2003.

FICKELER, P. **Questões fundamentais na geografia da geografia.** Espaço e Cultura – Edição comemorativa. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2008.

FIGUEIREDO, V. L. M. **A Fé Que Caminha Sobre a Terra e As Águas: Os roteiros Devocionais do Círio de Nazaré e suas manifestações espaciais.** Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) Universidade Estadual do Ceará, 2013.

FONSECA, L. M. R. Q. **Círio de Nazaré no Bairro Do Cohatrac em São Luís do Maranhão.** Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Religiosas). Instituto de Estudos Superiores do Maranhão. São Luís – MA, 2013.

FRANÇA, M. C. **Pequenos Centros Paulistas de Funções Religiosas.** São Paulo: IGEOG/USP, 1975.

FREIRE, M. P. **Relações de estranheza entre áreas residenciais vizinhas: o caso do Cohatrac e da Trizidela.** UFMA, 2006.

FREYRE, G. **Casa-Grande e senzala.** Record: Rio de Janeiro, 1992

FRUGOLI, R. BUENO, M. S. **O Círio de Nazaré (Pará, Brasil):** relações entre o sagrado e o profano. *Turismo & Sociedade* (ISSN: 1983-5442). Curitiba, v. 7, n. 1, p. 135-155, janeiro de 2014.

GOMES, N. P. de M.; PEREIRA, E. de A. **Negras Raízes Mineiras: Os Arturos.** 2ª Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

HOORNAERT, E. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800.** 3. Ed, Petrópolis: Vozes, 1991.

JURKEVICS, V. **Os santos da igreja e os santos do povo:** devoções e manifestações de religiosidade popular, 2004, p. 107.

KONG, L. **Geography and Religion:** Trends and Prospects. *Progress in Human Geography*, vol. 14, nº 3, pp. 355-371, 1990.

LE GOFF, J. **Em busca da Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LEININGER, M. **Qualitative research methods in Nursing.** Orlando. Grune & Stratton, 1995.

LEWANDOWSKI, S.K, The built environment and cultural symbolism in post-colonial Madras. In: AGNEW, J. A.; et al. The city Cultural Context. Boston: Allen ad Unwin, 1984, p. 237-254.

LIMA, V. da C. **Aula proferida no curso anual de folclore “Antônio Viana”**, Academia de Letras da Bahia, 1988.

LOBÃO, A. C. **Círio – Histórico**. Belém: Fundação Nazaré de Comunicação. 2013. Disponível em: <<http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal/?action=Canal.interna&oCanal=10&id=138&classe=M>>. Acesso em: mar. 2016.

LOPES, J. R. **Círio de Nazaré: Agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica**. Religião e Sociedade: Rio de Janeiro, 2011.

LUZ, M. A. de O. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. 2. Ed. Salvador: EDUFBA, 2000.

MAIA, C. E. S. **Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

MATOS, L. da S. **A festividade do Círio de Nazaré e as transformações do arraial: novas práticas de lazer na afirmação do turismo religioso**. Belo Horizonte: **Licere**, v.13, n.4, dez/2010. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=178>> acesso: 03 nov. 2015.

MAUÉS, R. H. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: Cejup, 1995.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAUSS, M. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenología de la Percepción**. Buenos Aires: Planeta-Agostini, 1993.

MESQUITA, F. de A. **A veneração aos santos no catolicismo popular brasileiro: uma aproximação histórico-teológica**. Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 15, jan/jun, 2015, p. 155-174. Canoas – RS.

MIELE, N. POSSEBON, F. **Ciências das Religiões: proposta pluralista na UFPB**. Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 403-431. 2012.

MOREIRA, E. **Visão geo-social do Círio**. Belém: Imprensa Universitária, 1989.

\_\_\_\_\_. **Ideias para uma concepção geográfica da vida**. Belém: Semec, 2012.

MORIN, E. **As Culturas de Massas no século XX – Necrose**. 2003.

MUMFORD, L. **A Cidade na História - suas origens, transformações e perspectivas**. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NASCIMENTO, M. R. do. **Religiosidade e Cultura Popular: Catolicismo, Irmandades e Tradições em Movimento**. Revista da Católica, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 119-130, 2009.

NEGRÃO, L. N.; CONSORTE, J. G. **O messianismo no Brasil contemporâneo**, v. 1. São Paulo: FFLCH/USP – CER, 1984.

NOGUEIRA, A. R. B. **Uma interpretação fenomenológica da geografia**. In: GALENO, A.; SILVA, A. A. D. da (Org). Geografia ciência dos complexus: ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.

NORA, P. Between Memory and History: Les Lieux de Memoire. Representations, 1989.

NOVO, C. L. da. **Desfilar e Peregrinar: pontos de aproximação e convergências entre blocos de rua e peregrinações pós-modernas**. Disponível em: [https://www.academia.edu/26727925/Desfilar\\_e\\_Peregrinar\\_pontos\\_de\\_aproxima%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_converg%C3%A2ncias\\_entre\\_blocos\\_de\\_rua\\_e\\_peregrina%C3%A7%C3%B5es\\_p%C3%B3s-modernas](https://www.academia.edu/26727925/Desfilar_e_Peregrinar_pontos_de_aproxima%C3%A7%C3%A3o_e_converg%C3%A2ncias_entre_blocos_de_rua_e_peregrina%C3%A7%C3%B5es_p%C3%B3s-modernas). Acesso em maio 2017.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Festas Populares Religiosas e suas Dinâmicas Espaciais**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 06, número 11, 2007.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da Festa ao Patrimônio Geoeeducacional: Como educar sem encenar Geografia?**. Fortaleza: Editora da UFC, 2012.

\_\_\_\_\_. **Patrimônio religioso em irradiação: monumentos à mobilidade humana contra o monstro do esquecimento**. Revista Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 8, n. 3, p.150-172, 2014.

OLIVEIRA, J. R. de. **Canção Nova e as peregrinações Pós Modernas: Hierópolis Carismática de Cachoeira Paulista – SP**. Paco Editorial: 2015.

OLIVEIRA, M. J. S. de. **O símbolo e o ex-voto em Canidé**. REVER – Revista de Estudos da Religião, n. 3, 2003.

OLIVEIRA, S. C. de L. SILVA, G. S. **A importância da abordagem cultural na geografia: uma perspectiva de aplicação**. Anais III Encontro de Geografia e VI Semana de Ciências Humanas, 2010.

PACHECO, J. B. **O CONCEITO GEOGRÁFICO DE BAIRRO: uma aplicação à questão do Sítio Campinas/Basa e da Ilhinha**. Revista de Políticas Públicas – UFMA, 2001.

PANTOJA, V. **Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2006.

PARÁ. **Lei nº 4.371, de 15 de dezembro de 1971.** Proclama Nossa Senhora de Nazaré Patrona do Estado do Pará e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.alepa.pa.gov.br/alepa/arquivos/bleis/leis079659.pdf>>. Acesso em: Jan. 2016.

PARK, C. **Sacred Worlds: na introduction to geography and religion** Routledge, London. 1994.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE NAZARÉ - PNSN. **Portal da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré – São Luís, MA.** Disponível em: <<http://www.paroquianazareslz.com.br>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

PASSOS, M. **A serenata das almas – as Encomendações de Almas na religiosidade popular em Minas Gerais.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

PENTEADO, P. **Peregrinos da memória: o santuário de Nossa Senhora de Nazaré.** Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1998.

PEREIRA, C. J. **Geografia da Religião: Um Olhar Panorâmico.** RAEGA 27, Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR. 2013.

PRANDI, R. **As religiões afro-brasileiras e seus seguidores.** In: Revista Civitas, Porto Alegre, v.3, no 1, jun. 2003. Disponível em: <http://revistaselettronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/issue/view/5>. Acesso em: mar. 2017.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

RINSCHÉDE, G. **Das Pilgerzentrum Lourdes.** In: Geographia Religionum. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, Band 1, 1985.

ROCHA, L. B; ALMEIDA, M. G. **Cultura, mundo-vivido e território.** Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina 2005.

ROCQUE, C. **História geral de Belém e do Grão Pará.** Belém: DistribeL, 2001.

ROSA, W. T. **As implicações sócio-espaciais das romarias no espaço urbano e regional de Milagres – BA.** Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, 2007.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica.** Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o espaço.** In (Castro, I. E. org.). Explorações geográficas: percursos no fim do Século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. **Hierópolis: o sagrado e o urbano.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **Uma Proposição Temática.** In: Elementos da epistemologia da Geografia Contemporânea, org. por MENDONÇA, F. e KOZEL, S. Curitiba - PR: UFPR, p. 201, 2002.

\_\_\_\_\_. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. p.187-224. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Introdução a geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org). Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. (Geografia Cultural)

\_\_\_\_\_. **Espaço, Simbolismo e Religião:** Resenha do Simpósio temático. Anais Do II Encontro Nacional Do GT História Das Religiões E Das Religiosidades. Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: Maio 2016.

\_\_\_\_\_. **História, Teoria e Método em Geografia da Religião.** Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 31, p.24-39, jan./jun. de 2012.

\_\_\_\_\_. **“Primeiro a obrigação, depois a devoção”.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.

SAHR, W. D. **Signos e Espaço MUNDOS - A semiótica da espacialização na Geografia Cultural.** In: KOZEL, S.; SILVA J. C.; GIL FILHO, S. F. (Org.). Da Percepção & cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 57-79.

SANCHIS, P. **Peregrinação e Romaria: Um lugar para o turismo religioso.** Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 85-97, 2006.

SANTOS, A. P. dos. **Introdução à Geografia das Religiões.** GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 11, pp.21-33, 2002.

\_\_\_\_\_. Introdução à geografia das religiões. GEOUSP – Revista de Pós-Graduação em Geografia da USP, n. 11, 2002.

\_\_\_\_\_. **Geopolítica das igrejas e Anarquia Religiosa no Brasil:** Por uma ótica. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2015.

SANTOS, B. dos. ROXO, R. M. Formação histórica do catolicismo popular brasileiro. In: \_\_\_\_\_. A religião do povo. São Paulo: Paulinas, 1978, p.44 a 80.

SANTOS, A. C. de A. (Org.). **Temas setecentistas: governos e populações no império Português.** 1. ed. Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008, v. 1, p. 153-167.

SANTOS, M. da G. M. P. **Espiritualidade, turismo e território: Estudo Geográfico de Fátima.** Estoril: Principia, 2006.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. Ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SÃO LUIS, Prefeitura Municipal de. Plano Diretor do Município de São Luís. São Luís, 1992. - Lei municipal n. 3252 de 29.12.1992.

SAUER, C. O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z.(orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998 [1925], p. 12-74.

\_\_\_\_\_. **Geografia Cultural**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). Geografia Cultural: um século (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 99- 110. Coleção Geografia Cultural.

\_\_\_\_\_. **Geografia Cultural**. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.) Introdução a Geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SERRA, D. R. O.; TAVARES, M. G. da C. **Os fenômenos da peregrinação e do turismo em santuários e eventos Católicos: uma análise sobre o Círio de Nazaré em Belém-PA**. Revista CULTUR, ano 10 - nº 01 –. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/>. Acesso em: Out. 2016.

SESBOÛÉ, B. **O Deus da Salvação**, 2002, p. 377.

SCHIAVO, L. **Conceitos e Interpretações da Religião**. In: LAGO, L. REIMER, H. SILVA, V. da. (Orgs.). O Sagrado e as Construções de Mundo: roteiro para aulas de introdução à teologia na Universidade. Goiânia: Ed. Da UCG, 2004, p. 63-78.

SILVA, C. A. F. da. **Os avatares da teoria da difusão espacial: uma revisão teórica**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 57 (1) jan/mar 25-51 pp. 1995

SILVA FILHO, M.R. **A Filha da Chiquita Bacana – uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará**. In: 36º Encontro Anual da ANPOCS, Águas de Lindóia, anais, 2011.

SILVA, J. A. **Missa e adoração ao Santíssimo Sacramento**. In: **Mundo e Missão**. Nº 77. São Paulo, 2005.

SOPHER, D. **Geography and Religions. Progress in Human Geography**. London, 1981.

SORRE, M. (org.). FRANCISCO, Januário. Tradução de Januário Francisco et. al. São Paulo: Ática, 1984.

SOUZA, P.S.N. **Festa da chiquita: celebração LGBT à virgem de Nazaré**. In: 23º Encontro da ANPAP – “Ecossistemas Artísticos”, anais, Belo Horizonte, 2014. p. 2611- 2624.

SOUZA, Ricardo L. **Festas, Procissões, Romarias, Milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal - RN: IFRN, 2013.

SOUZA, J. A. X. de. **Religião: Um tema cultural de interesse geográfico**. Revista da Casa da Geografia de Sobral, 2010, ISSN-e 1516-7712 Vol.

\_\_\_\_\_. **A resignificação religiosa do turismo regional: Um estudo geográfico-cultural do santuário de Fátima da Serra Grande.** Dissertação de Mestrado UFC. Fortaleza: 2009.

SPINK, M. J. P.(org). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo, Brasiliense, 1995.

STUMP, R. W. **The geography of religion: faith, place, and space.** Lanham/ Boulder/ New York/ Toronto/ Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

TERRIN, A. N. **Romeiros e romarias na história comparada das religiões.** In:\_\_\_\_\_. Introdução ao estudo comparado das religiões. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 255 a 277.

TEIXEIRA, J. P. **Paisagens e territórios religiosos afro-brasileiros no espaço urbano: territórios de candomblé em Goiânia.** Dissertação de mestrado UFG. Goiânia, 2009.

THROSBY, D. **Economía y Cultura.** Tradução de Cristina Piña y Maria Condor. 1. Ed. Cambridge University Press, Madri, Espanha, 2001.

TUAN, Y. **Topofilia - Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar.** São Paulo: Difel, 1983.

TURRA NETO, N. **Observação participante como metodologia de pesquisa em Geografia Cultural.** In: Anais XIII Semana de Geografia: Paraná, 150 anos: Natureza e Formação Sócio-Espacial. UNICENTRO, 2004. p.81-95.

WAGNER, P. L.; e MIKESEL, M. W. **Os Temas da Geografia Cultural.** In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WERLEN, B. **Sozialgeographie alltäglicher Regionalisierungen.** Vol. 2: Globalisierung, Region und Regionalisierung. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1997.

VARAZZE, J. de. **Legenda áurea: vidas de santos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VEIGA. A. C. da. **O povo em marcha: peregrinações e romarias sob o olhar da Teologia da Libertação.** PLURA, Revista de Estudos de Religião, vol.1, nº 1, 2010, p. 136-148.

VILLADARY, A. **Fête et vie quotidienne** In: FRUGOLI, R; BUENO, M. S. **O Círio de Nazaré (Pará, Brasil):** relações entre o sagrado e o profano. Turismo & Sociedade: Curitiba, v. 7, n. 1, p. 135-155, janeiro de 2014.

ZANARDINI, B. **Cohatrac: O Círio Maranhense.** O comunitário, Ano I, No 1, 1989.

ZANATTA, B. A. **A Abordagem Cultural na Geografia. Temporis (ação)** (UEG), v. 1, p. 249-262, 2008.

## **FONTES DOCUMENTAIS E MANUSCRITAS**

CARTAZ DE APRESENTAÇÃO do Círio de Nazaré, 27 a 30/06/1992;

CARTA DO FREI BENJAMIM ZANARDINI, manuscrita em Italiano, para Comunidade do Cohatrac. Macapá, 19/06/1992.

DEVOLUTIVA DE AGRADECIMENTO, Comissão de Promoção da Festa de Nazaré Círio 2000, Belém do Pará: Para o Sr. Espósito Fonseca (Pároco da comunidade de Nossa Senhora de Nazaré, Bairro do Cohatrac, São Luís – MA);

DOCUMENTO DE SOLICITAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE EVENTO, 03/04/1992, Diretoria da Promoção da Festa de Nazaré Círio 2000, Belém do Pará: Para à S. Exa. Revma. Paulo Eduardo Andrade Ponte (Arcebispo de São Luís – MA);

FOLHA DE CÂNTICOS, Círio de Nazaré em São Luís – MA, Bairro do Cohatrac, 27 a 30/06/1992;

FOLHETO DE DUVULGAÇÃO IV Corrida Rústica de Nossa Senhora de Nazaré, 20/11/1992;

INFORMATIVO CÍRIO DE NAZARÉ 2000. Ano I, No 1, 2000.

INFORMATIVO MENSAL, O SEMEADOR. “Paróquia e Círio de Nazaré comemoram jubileu de prata. Pastoral da comunicação, Ano XVII, No 213, Jun 2017.

JORNAL Ano LXVI, N° 20.489, 29/06/1992: Notícia Sobre o primeiro Círio de Nazaré em São Luís – MA;

OFICIO N° 01/92 Arquidiocese de São Luís: Para a Polícia Militar do Maranhão;

OFICIO N° 02/92 Arquidiocese de São Luís: Para o Corpo de Bombeiros do Maranhão;

OFICIO N° 03/92 Arquidiocese de São Luís: Para o BPTRAN (Batalhão de Polícia de Trânsito);

OFICIO N° 01/92 Paróquia de N. Sra. De Nazaré: Para o DMT (Departamento Municipal de Trânsito);

OFICIO N° 02/92 Paróquia de N. Sra. De Nazaré: Para a Secretaria Municipal de Saúde;

OFICIO N° 03/92 Paróquia de N. Sra. De Nazaré: Para a CEMAR (Companhia Energética Do Maranhão);

OFICIO N° 04/92 Paróquia de N. Sra. De Nazaré: Para a Empresa TCM - Transportes Coletivos Maranhense;

OFICIO N° 05/92 Paróquia de N. Sra. De Nazaré: Para a Polícia Militar do Maranhão;

OFICIO N° 06/92 Paróquia de N. Sra. De Nazaré: Para a Rede de supermercados Lusitana;

PERMISSÃO N° 342/92 Prefeitura de São Luís: Para a Paróquia de N. Sra. de Nazaré;

PERMISSÃO N° 343/92 Prefeitura de São Luís: Para a Paróquia de N. Sra. de Nazaré;

PERMISSÃO N° 351/92 Prefeitura de São Luís: Para a Paróquia de N. Sra. de Nazaré;

PERMISSÃO N° 611/92 Prefeitura de São Luís: Para a Paróquia de N. Sra. de Nazaré;

PLANO DE OPERAÇÕES COMANDO DE POLICIAMENTO DA CAPITAL N° 03/92:  
Visita de Nossa Senhora de Nazaré a São Luís – MA, 1992.

PROGRAMA DE VISITA da Imagem de Nossa Senhora de Nazaré, Bairro do Cohatrac  
28/06/1992;

ROTEIRO DA PROCISSÃO LUMINOSA de Nossa Senhora de Nazaré, 06/12/1992;  
DOCUMENTO DE ORGANIZAÇÃO DE EQUIPES para visita de Nossa Senhora de Nazaré  
a São Luís – MA;

TEXTO DO FREI BENJAMIM ZANARDINI, contando a história do Círio de Nazaré no  
Maranhão. São Luís, 25/02/2003.

# APÊNDICES



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, NATUREZA E DINÂMICA**  
**DO ESPAÇO – PPGE0**

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

**Representantes da Igreja e Voluntários do Círio.**

- Religiosidade (origem e importância)
- Papel da Igreja na formação do Bairro do Cohatrac.
- As festas religiosas e os devotos do Círio de Nazaré.
- Espaço sagrado e profano
- Igreja e as peregrinações.
- Relação entre a Igreja e o Poder Público.

**Moradores**

- História do lugar
- Importância do lugar
- As festas religiosas
- Mudanças no bairro.

**Barraqueiros, ambulantes e comerciantes fixos.**

- Frequência de participação no Círio de Nazaré
- Produtos vendidos
- Importância da festa

# ANEXOS

Anexo 1: Roteiro de peregrinações de Nossa Senhora de Nazaré para divulgação do Círio 200.



PAG. 01

Círio de Nazaré, Belém do Pará, 2<sup>o</sup> Domingo de Outubro.

**ROTEIRO DA PEREGRINAÇÕES DE NOSSA SENHORA  
DE NAZARÉ PARA DIVULGAÇÃO CÍRIO 200**

VARIG / CRUZEIRO

1<sup>a</sup>) ETAPA : BELÉM / SÃO LUIZ / TERESINA / FORTALEZA / BELÉM

BELÉM / SÃO LUIZ

SAIDA DIA : 27/06 VOO 301 HORA SAIDA 6:35 HORA CHEGADA 7:40

SÃO LUIZ / TEREZINA (CONEXAO EM FORTALEZA)

SAIDA DIA : 30/06 VOO 301/227 HORA SAIDA 8:10 HORA CHEGADA 13:55

TERESINA / FORTALEZA

SAIDA DIA : 03/07 VOO 276 HORA SAIDA 14:05 HORA CHEGADA 15:15

DIRETOR: ITALO DE ALMEIDA MACOLA  
ESPOSA : MARIA MADALENA DE A. MACOLA  
REGRESSO DO CASAL DIA: 06/07 VOO 300 HORA SAIDA 21:05 HORA CHEGADA 23:55

---

2<sup>a</sup>) ETAPA : BELÉM / FORTALEZA / NATAL / JOÃO PESSOA / RECIFE / BELÉM

IDA DO CASAL DIRETOR P/FORTALEZA 05/07 VOO 301 HORA SAIDA 6:35  
HORA CHEGADA 9:25

FORTALEZA / NATAL

SAIDA DIA: 06/07 VOO 303 HORA SAIDA 14:30 HORA CHEGADA 15:30

NATAL / JOÃO PESSOA

SAIDA DIA: 09/07 VOO 303 HORA SAIDA 15:55 HORA CHEGADA 16:30

JOÃO PESSOA / RECIFE

SAIDA DIA: 12/07 VOO 303 HORA SAIDA 16:55 HORA CHEGADA 17:30

DIRETOR: GLEIDSON DIAS DE FIGUEREDO  
ESPOSA : CONSUELO MARTINS DE FIGUEREDO  
REGRESSO DO CASAL DIA: 15/07 VOO 300 HORA SAIDA 19:55 HORA CHEGADA 23:55

Diretoria da Festa do Círio de Nazaré  
Rua do Círio, 300 - Belém - PA

Fonte: Diretoria da Festa do Círio de Nazaré, 1992.

Anexo 2: Reportagem no Jornal sobre a campanha de Tijolos.

Cidade

□ Cohatrac

# *Igreja de Nazaré será ampliada através da Campanha do Tijolo*

Os moradores das quatro etapas do conjunto Cohatrac e áreas de abrangência estão sendo convocados a participar da "Campanha do Tijolo", que visa reconstruir a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. A edificação anterior, levantada quando o conjunto só dispunha de duas etapas, agora está pedregosa para atender aos moradores do bairro, dos Jardins das Margaridas e do Araçagy, do conjunto Primavera e planaltos Anil I, II e III, envolvendo uma população de cerca de 50 mil pessoas.

"O tijolo é apenas um símbolo. Aceitamos qualquer doação que seja necessária para a ampliação da igreja, cujas obras já foram iniciadas", observa Antônio Spósito, um dos coordenadores da campanha, que explica: "O que arrecadamos nos festejos da padroeira, que realizamos a partir do segundo domingo de outubro, serviu para iniciarmos o alicerce."

**Doações**

Apesar do tijolo ser o símbolo da campanha, os simpatizantes da ideia podem doar qualquer tipo de material, como madeira para o teto, cimento, pedra, ferragem, barro, entre outros. Além de Spósito, também participam como coordenadores da campanha os freis Gentil Gianellini e Benjamin Zarnardini, que realizam os sacramentos naquela igreja, na Av. Leste-Oeste, Cohatrac I.

*Segundo os coordenadores da*

Fonte: Jornal "O Estado do Maranhão", 1989.

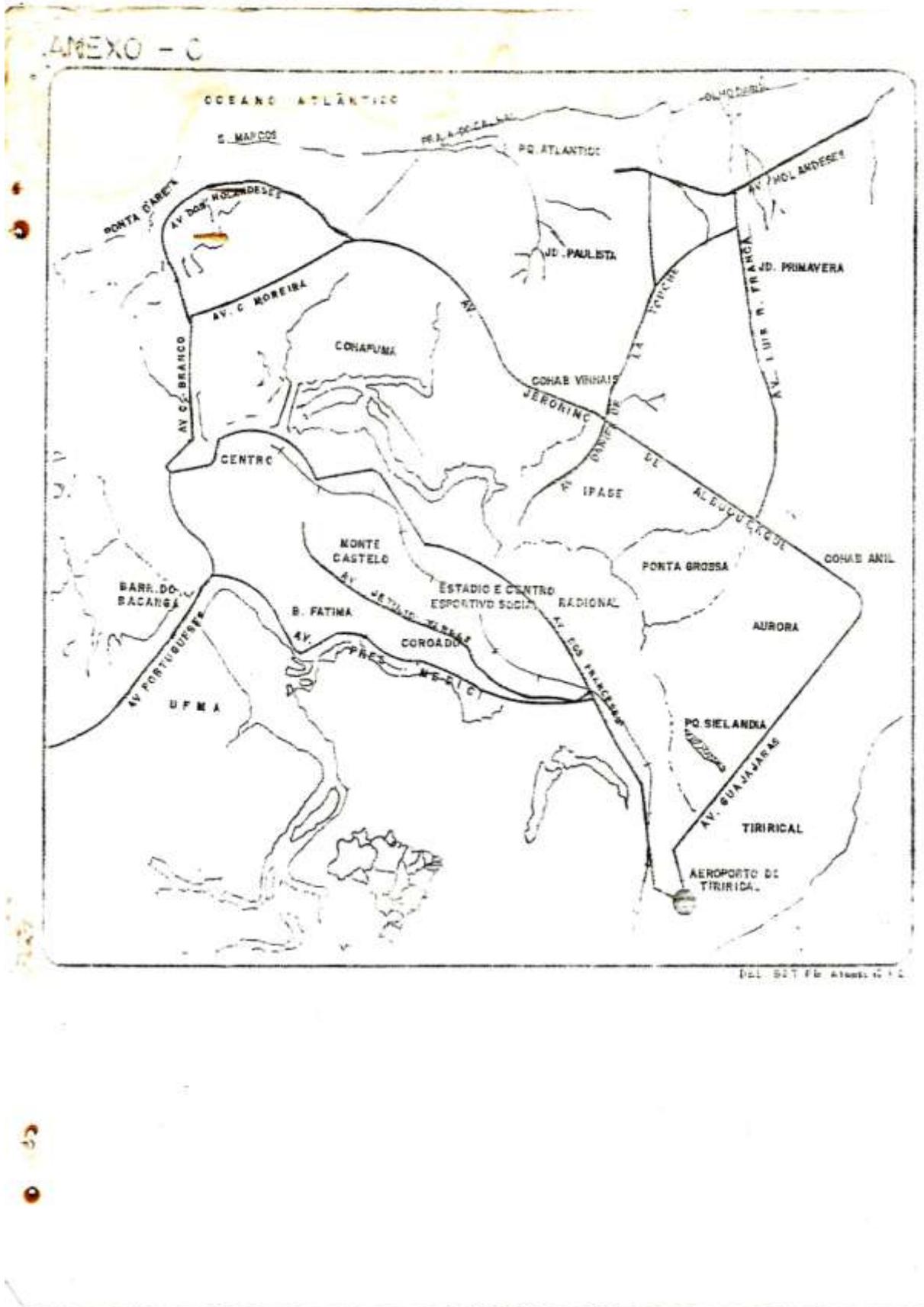
## Anexo 3: Itinerários da Imagem na Cidade de São Luís. (Anexo B – Parte I)

ANEXO "B" AO PLANO DE OPERAÇÕES Nº 003 / 92 CPC FL - 006			
PROGRAMAÇÃO			
LOCAIS / ROTEIROS	HORÁRIO	DIA / MÊS / ANO	
DESEMBARQUE NO RETORNO DO TIRICAL	07:10	27 / JUN / 92	
CARREATA ATÉ IGREJA DO CARMO	07:20	27 / JUN / 92	
ITINERÁRIO:			
AV. DOS FRACESSES;			
AV. GETULIO VARGAS;			
RUA. DA PAZ;			
PÇA. JOÃO LISBOA;			
IGREJA DO CARMO;			
PROCISSÃO DA IGREJA DO CARMO ATÉ CATEDRAL E MISSA.	16:00	27 / JUN / 92	
TRANSLADO PARA COHAB	19:00	27 / JUN / 92	
ITINERÁRIO:			
RUA DO EGITO;			
AV. BEIRA MAR;			
AV. CASTELO BRANCO;			
AV. COLLARES MOREIRA			
AV. JERÔNIMO DE ALBURQUERQUE;			
AV. GUAJAJARA ATÉ IGREJA DA COHAB			
MISSA NA COHAB	06:30	28 / JUN / 92	
SAIDA DO CIRIO PARA O COHATRAC EM PROCISSÃO	07:30	28 / JUN / 92	
AV. GUAJAJARA			
AV. LESTE OSTE ATÉ A IGRAJA DE NOSSA SENHOR DE NAZARÉ;			

## Anexo 3: Itinerários da Imagem na Cidade de São Luís. (Anexo B – Parte II)

LOCAIS / ROTEIROS	HORÁRIO	DIA / MES / ANO
MISSA SOLENE DO CIRIO NO COHATRAC	09:30	28 / JUN / 92
ORDENAÇÃO PRESBITERAL DO DIACONO: CLAUDIO MENDES CORRÊA	19:00	28 / JUN / 92
DESLOCAMENTO PARA O RETORNO DO TIRIRICAL	21:00	28 / JUN / 92
ITINERÁRIO:		
AV. LESTE OESTE		
AV. SANTOS DUMONT ATÉ O RETORNO DO TIRIRICAL		

Anexo 4: Mapa de Itinerário da Imagem na Cidade de São Luís (Anexo C)



Fonte: Comando de Policiamento da Capital, 1992.

## Anexo 5: Plano de trabalho da equipe de Recepção.



**PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE NAZARÉ**

Coordenação da Equipe: Lucas Carnibe – Deyse - Beatriz

**ATRIBUIÇÕES DA EQUIPE DE RECEPÇÃO INFANTO-JUVENIL**

- Responsabilizar-se pelas inscrições de novos membros (caso seja necessário). É importante a aproximação com os responsáveis das crianças e adolescentes para coleta de dados pessoais necessários (nome, endereço, contato dentre outros).
- Preparar todos os membros da equipe para os trabalhos a serem desenvolvidos durante o Festejo por meio de reuniões e formações.
- Realizar formações com os voluntários adultos. É importante a aproximação deles com as crianças e adolescentes que ficarão sob suas responsabilidades.
- Preparar os crachás contendo o nome do membro e de seu responsável, bem como os telefones para contato.
- Se houver necessidade de pedir algum valor em dinheiro para os pais e responsáveis (para confecção de camisas e crachás, por exemplo), é fundamental informá-los os motivos desse pedido.
- Em comunhão com as demais equipes, organizar a Caminhada "Avançando como a Aurora" e a Procissão de Encerramento do Círio das Crianças.
- Animar com recepção calorosa os fiéis antes do início da celebração (na sexta-feira), da Caminhada e da Procissão.
- Criar um clima de alegria com cânticos ao longo dos trajetos no Círio das Crianças.
- Distribuir as folhas de cânticos dentre outros materiais quando houver necessidade para a comunidade.
- Ter conhecimento do trajeto da Caminhada "Avançando como a aurora" e da Procissão de Encerramento do Círio das Crianças.
- Os membros das equipes infanto-juvenis atuam somente no Círio das Crianças, ficando impossibilitado de usar sua camisa para servir nas equipes adultas do Círio de Nazaré.
- Ser solidário com as outras equipes na execução de suas tarefas.
- O Círio é nossa festa, esta Igreja é nossa casa e no trabalho comum expressamos a nossa comunhão, dando um bom testemunho cristão.

Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 2017.

## Anexo 6: O Círio maranhense por Frei Benjamim Zanardini.

2 Novembro/89

O COMUNITARIO

## OPINIÃO

### Cohatrac: O círio maranhense.

**N**o dia 07 de outubro vim celebrar na igreja do Cohatrac e a Missa foi bem participada e animada, sendo às vésperas do encerramento dos festejos a N. Sra. de Nazaré. Antes da bênção final tive uma idéia — não sei se foi por inspiração do céu — e a comuniquei logo à assembleia: "Será que não é possível tornar o nosso Festejo o CÍRIO DO MARANHÃO?". O povo respondeu com uma orolonga e calorosa salva de palmas.

Sabemos que o povo maranhense tem muita devoção a N. Sra. de Nazaré. Por muitos anos o Maranhão e o Grão Pará formaram um só Estado e isso favoreceu a difusão desta devoção. Inclusive, o autor do hino oficial do Círio de Belém, intitulado "Vós sois o Círio mimoso", é o poeta maranhense Euclides Farias.

Na ocorrência da festa parense, muita gente do Maranhão, principalmente de São Luís, vão até lá para pagarem suas promessas e para participarem da grande procissão do Círio. Mas eu estou certo de que muitíssimas pessoas



gostariam de expressar sua devoção a Nossa Senhora, mas não podem pela distância e por falta de recursos financeiros. Porque então não convidar o povo a participar do nosso festejo? Que eu saiba, a nossa igreja é a única que conta já com uma população de aproximadamente 50.000 habitantes está a caminho para se tornar paróquia e já está sendo programada a ampliação da igreja que irá ser a matriz da nova paróquia. Sempre em vista disso foi apresentado também o pedido junto à Prefeitura para aquisição do terreno em frente

da igreja para futuras instalações paroquiais... Tudo poderia ser pensado para acolher o maior número de gente possível... Traz-me muita alegria ao coração imaginar o nosso "COHATRAC" como SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ. O CÍRIO MARANHENSE. É sonho ou realidade?

Não queremos subtrair nada ao Círio do Pará e muito menos competir com a esplêndida manifestação de fé e de foiclore que foi se enriquecendo nestes dois séculos de história. Pretendemos unicamente favorecer e incrementar a devoção a N. Sra. de Nazaré e oferecer a ocasião para muita gente da nossa cidade e do Maranhão expressarem aqui sua fé e devoção... ter o nosso "pequeno Círio"...

O caminho para chegar lá? É a própria comunidade cristã católica do Cohatrac, que irá encontrá-lo na medida de sua participação ativa na vida da Igreja e da sinceridade de sua devoção à sua Padroeira, NOSSA SENHORA DE NAZARÉ.

Frei Benjamim Zanardini

**O COMUNITÁRIO** ■ Editado pelo Conselho Comunitário • Coordenação — Espósito • Redação: Frei Gentil e Frei Benjamim • Revisão: Aparecida e Rogerio • Colaboradores: César, Cláudio, Estelvina, Ivoneide, Jorge, Kátia, Pledade, Raimunda Chaves, Régio, Teca, William e William II • Tiragem: 1.000 exemplares.

## Anexo 7: Permissão para realização do Círio.



**Prefeitura de São Luís**  
Departamento Municipal de Trânsito

P E R M I S S Ã O Nº 342/92

O DIRETOR GERAL DO DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE TRÂNSITO, no uso de suas atribuições legais,

R E S O L V E:

I - AUTORIZAR a realização da Carreata que acompanhará a imagem de Nossa Senhora de Nazaré no dia 27.06.92 no horário das 7:00 horas de acordo com itinerário abaixo:

II - A Carreata fará o seguinte itinerário: saindo do aeroporto seguindo pela Av. dos Franceses, Av. Getúlio Vargas, Rua da Paz, e Praça João Lisboa, chegando até a igreja do Carmo. Às 16:00 horas a imagem seguirá em procissão para a Catedral (Sé). Às 19:00 horas nova Carreata pela Rua do Egito, Av. Beira-Mar, Av. Castelo Branco, Av. Colares Moreira, Av. Jerônimo de Albuquerque Cohab.

III - Dê-se ciência ao Batalhão de Polícia de Trânsito - BPTRAN para fiscalização e orientação de acordo com o Regulamento do Código Nacional de Trânsito - RCTT.

Registre-se. Cumpra-se.

São Luís, 25 de junho de 1992

  
PEDRO MACALÃES DE SOUSA FILHO  
DIRETOR GERAL

MOD. 005 DMT  
CG/RD

## Anexo 8: Permissão para interdição de ruas.


**Prefeitura de São Luís**  
 Departamento Municipal de Trânsito

P E R M I S S Ã O Nº 611/92

O DIRETOR GERAL DO DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE TRÂNSITO, no uso de suas atribuições legais,

R E S O L V E:

I - AUTORIZAR a interdição das vias do COMATAC abaixo relacionadas, no dia 06 de dezembro do corrente ( domingo ) às 17:00 horas durante a realização da Procissão Luminosa de Nossa Senhora de Nazaré.

II - O percurso da procissão será a seguinte: Largada da Av. Leste Oeste, Av. Norte Sul, Av. B, Av. Contorno Leste e chegada na Av. Leste Oeste.

III - Dê-se ciência ao Batalhão de Polícia de Trânsito - EPTRAN, para fiscalização e orientação de acordo com o Regulamento do Código Nacional de Trânsito - RCNT.

IV - Registro-se. Cumpra-se.

São Luís-Ma., 25 de novembro de 1992

  
 PEDRO MAGALHÃES DE SOUSA FILHO  
 DIRETOR GERAL

027-4896  
 EPTRAN  
 Recebi a 1ª Via  
 Em 25/11/92  
 07 PM 04/89 Reis

MOD. 005 DMT

CG/CFS

Anexo 9: Permissão para interdição de outras avenidas fora do Bairro do Cohatrac.



**Prefeitura de São Luís**  
Departamento Municipal de Trânsito

PERMISSÃO Nº 351/92

O DIRETOR GERAL DO DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE TRÂNSITO, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

I - AUMENTAR a interdição da Av. Jerônimo de Albuquerque na sua pista do lado direito no sentido Cohab/Cohatrac no dia 28.06.92 no horário das 06:00 horas para realização de Procissão.

II - O Transporte Coletivo será paralisado enquanto durar a acomodação do pessoal que participará da procissão.

III - Dê-se ciência ao Batalhão de Polícia de Trânsito - BPTRAF para fiscalização, e orientação de acordo com o Regulamento do Código Nacional de Trânsito - CONTF.

Registre-se. Cumpra-se.

São Luís, 25 de junho de 1992

  
PEDRO MAGALHÃES DE SOUSA FILHO  
DIRETOR GERAL

MOD. 005 DMT  
CG/ED

Fonte: Prefeitura de São Luís, 1992.

## Anexo 10: Permissão para interdição de praças e organização do trânsito.


**Prefeitura de São Luís**  
 Departamento Municipal de Trânsito

PERMISSÃO Nº 343/92

O DIRETOR GERAL DO DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE TRÂNSITO,  
no uso de suas atribuições legais,

R E S O L V E:

I - AUTORIZAR a interdição da Praça João Lisboa no dia 27.06.92 a partir das 6:30 horas para a realização da procissão e Missa de Nossa Senhora do Rosário de acordo com os termos desta permissão.

II - Será proibido o estacionamento a partir das 6:30hs.

III - Será feito desvio do tráfego da rua da Paz a partir das 8:30 hs. de acordo com o que se segue:

- Os ônibus passarão a utilizar a rua da Paz até a Praça Deodoro desviando para a Rio Branco descendo para a Beira-Mar.
- Veículos pequenos: Beira Mar, Rua do Sol, não permitindo acesso à Praça João Lisboa, com exceção dos carros da corrente que acompanharão a Santa, não permitindo aos mesmos o estacionamento na Praça João Lisboa.

IV - Será permitido o estacionamento aos veículos do Corpo de Bombeiros Carro Son, Jardineira e veículos de Segurança.

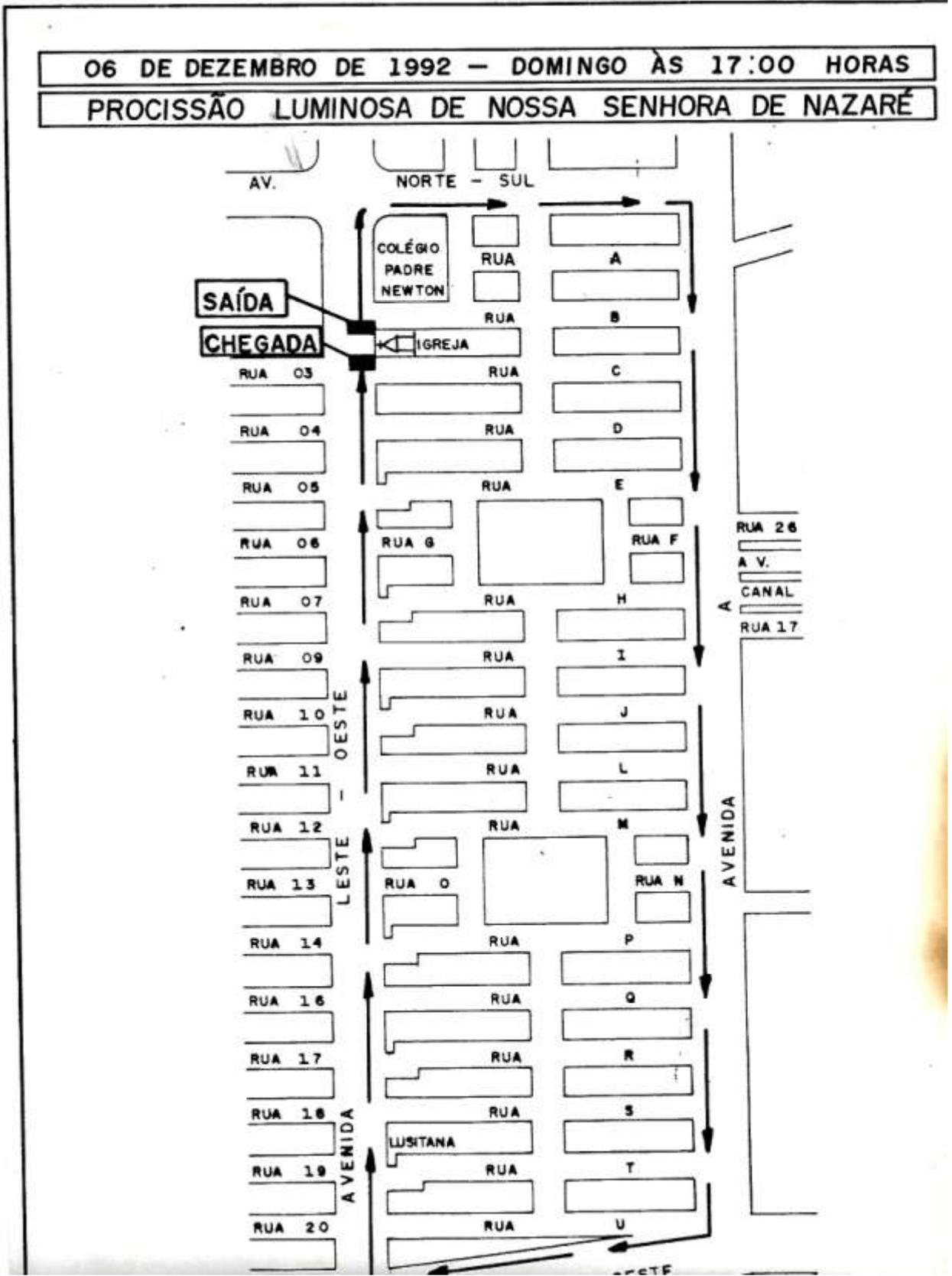
V - Será liberado o tráfego de veículos na rua da Paz a partir das 11:00 horas.

(segue)



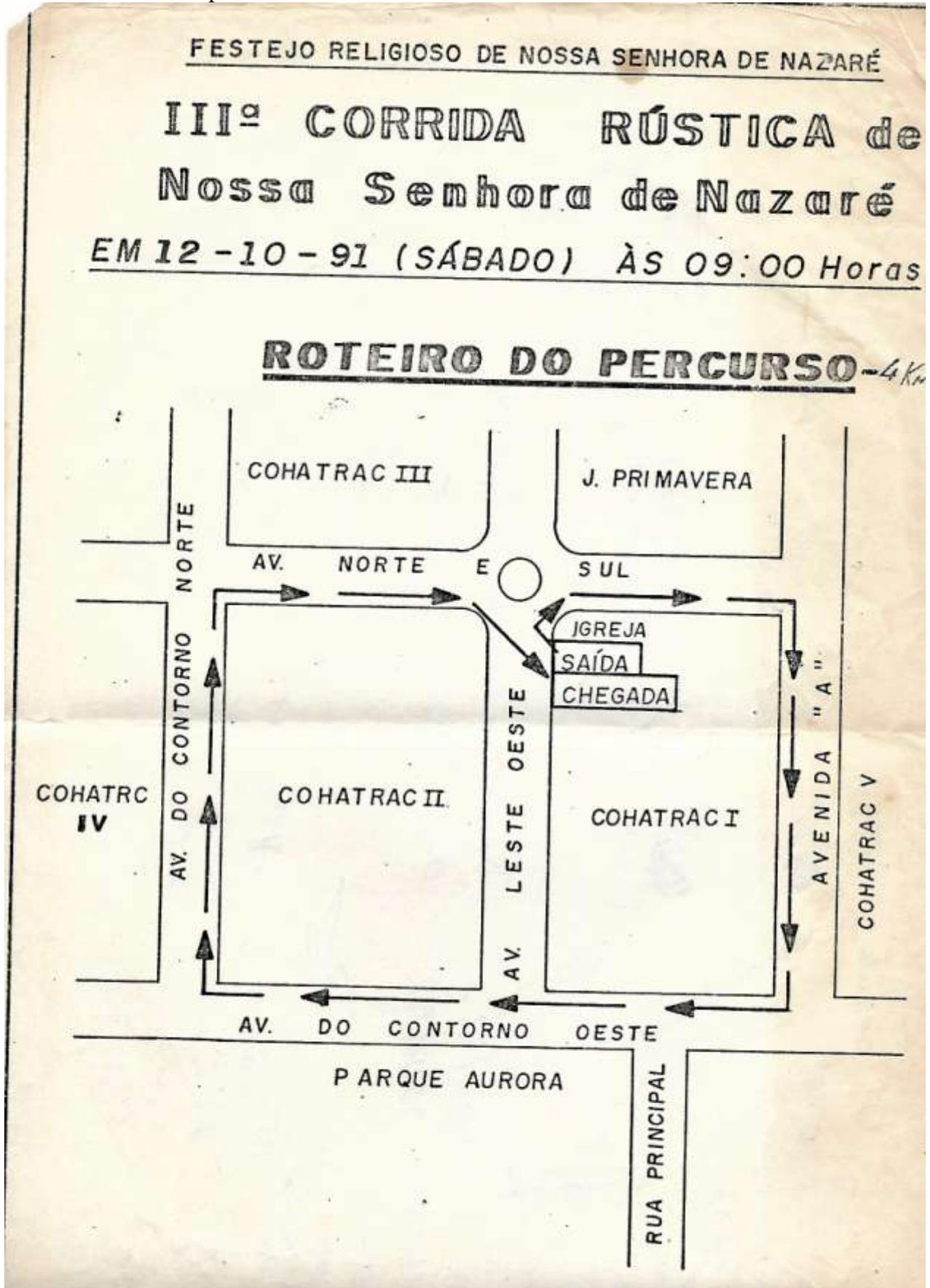
MOD. 005 DMT

Anexo 11: Roteiro do percurso da (única) procissão realizada antes da oficialização do Círio de Nazaré.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 1992.

Anexo 12: Roteiro do percurso realizado na 3ª Corrida Rústica.



Fonte: Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, 1991.